

Pensamentos Secretos de uma Convertida Improvável

a jornada de uma professora de língua inglesa rumo à fé cristã

Rosaria Champagne Butterfield

A história da dra. Butterfield é honesta, gloriosa, sábia e um soco no estômago.

— Kirk Blankenship, boat14NC.wordpress.com

Nenhuma recomendação entusiasmada de minha parte acerca deste livro lhe faria justiça. Não concordo com tudo que ela diz; mas aprendi com tudo que ela escreveu. O título merece o maior público possível.

— Dr. Carl Trueman, reformation21.org

O livro mostra o poder do amor e da hospitalidade para amaciar corações.

— Susan Olasky, *World* magazine

Este não é o discurso inflamado de alguém que foi prejudicada pela igreja. É a instrução amorosa de uma mãe cujo maior desejo é a maturidade espiritual de sua família.

— Megan Hill, SundayWomen.com

Raramente concluo a leitura de um livro e penso: "Quero comprar uma pilha deles para dar às pessoas". Mas *Pensamentos Secretos de uma Convertida Improvável*, de Rosaria Champagne Butterfield, está nesse grupo restrito.

— Sarah White, awonderfulprovidence.blogspot.com

... uma leitura genuinamente revigorante, escrita por uma mulher que, pelo visto, afirma e age de modo sacrificial segundo suas convicções cuidadosamente pensadas e guardadas com distinta ousadia e profundidade.

— Jeremy Walker, reformation21.org

Pensamentos Secretos de uma Convertida Improvável

a jornada de uma professora de língua inglesa rumo à fé cristã

Rosaria Champagne Butterfield

Copyright © 2012, de Rosaria Champagne Butterfiled
Publicado originalmente em inglês sob o título
The Secret Thoughts of an Unikely Convert
pela Crow & Covenant Publications,
Pittsburgh, Pensilvânia, 15208, EUA.

1ª edição, 2013

Tradução: *Josaías Júnior*
Revisão: *Rogério Portella*
Capa: *Ariana Davenport Stitzer*

Sumário

Prefácio à Edição Brasileira
Prefácio
Agradecimentos
1. Conversão e o evangelho da paz
2. Arrependimento e o pecado de Sodoma
3. Os mocinhos: santificação e culto público
4. Questões domésticas: Casamento, ministério e adoção
5. Educação no lar e meia-idade

Prefácio à Edição Brasileira

Não há questões morais mais prementes ou significativas, desafiadoras da igreja hoje, que as ligadas aos temas da sexualidade humana, de modo particular se relacionadas à homossexualidade. Os propósitos da expressão sexual, da definição do casamento e mesmo da constituição da "natureza humana" estão sendo renegociados de modo total pela sociedade contemporânea. O que era considerado perversão cinquenta anos atrás, e tolerado como desvio há apenas duas décadas, é promovido agora como legal e a norma ética do momento.

Os desafios à igreja nesta área são de fato duplos. Em primeiro lugar, a igreja deve estabelecer uma posição clara, contracultural a favor das normas bíblicas comportamentais entre seu povo. Se o mundo escolhe fazer do gênero uma atitude mental ou reduzir o significado do sexo à mera recreação pessoal, a igreja não o pode fazer porque agir assim seria trair os ensinos da Bíblia. Em segundo lugar, no entanto, e talvez algo mais difícil: ela deve dialogar com os que escolheram seguir o padrão do mundo nesta matéria de modo a desafiar seu comportamento — em última instância autodestrutivo — e indicar com clareza a graça de Deus e a suficiência do Senhor Jesus Cristo para perdoar.

Pelas razões expostas, este livro — *Pensamentos Secretos de uma Convertida Improvável* — é tão importante. A dra. Butterfield conhece o tema de sua obra de forma pessoal, profunda e íntima. Uma professora lésbica de literatura inglesa, especializada em "Teoria Queer",[1] de uma grande universidade, foi convertida ao cristianismo e é agora mulher de um pastor e mãe que educa os filhos em casa. A história narrada por ela deve ser de grande interesse, no mínimo, por sua identidade anterior e por quem ela se tornou. Contudo, há muito mais aqui: experiências dolorosas sobre como a comunidade gay avalia a igreja cristã, que não poucas vezes é incapaz de equilibrar seu entendimento da lei e o evangelho, lições sobre o impacto da importância de ouvir como elemento de um evangelismo gentil e amoroso, reflexões profundas

sobre a natureza da sexualidade e da psicologia do pecado sexual e uma visão surpreendente da graça divina capaz de transformar uma ativista gay engajada em membro de uma igreja adepta da salmodia exclusiva.

Este é um livro para a leitura e a ponderação de todos os cristãos por demonstrar o poder da graça de Deus na transformação de até mesmo uma “convertida improvável” em um vaso de graça. Não se trata de um relato sentimentalista: a salvação abalou sua carreira e lhe rendeu o que ela designa “caos completo”. No entanto, sua história é instrutiva e edificante, e seu significado ultrapassa a vida descrita. Ele condenará, desafiará e encorajará em igual medida mesmo quando informa sobre alguns dos desafios mais sérios à fé cristã em nossos dias.

— Carl R. Trueman
Westminster Theological Seminary,
Pensilvânia (EUA)
Autor de “O Imperativo Confessional”

Prefácio

“Você é evangélico?”. A voz no telefone pressionava. “Quais são suas crenças sobre a Bíblia?”. Eu tinha escrito uma carta a ela, perguntando como alguém como eu, um pastor local, poderia ter certeza de que os universitários de nossa cidade ao menos soubessem o que a Bíblia ensina, independentemente de acreditarem nela ou não. Como professora no Departamento de Língua Inglesa, ela estava respondendo. Mas eu fiquei surpreso com suas perguntas. Descobri depois um fato: ela estava me entrevistando!

As questões e o diálogo ao telefone continuaram por um tempo. Era uma conversa amigável; e, para a próxima pergunta, eu dei esta resposta: “Dra. Champagne, acho que essa pergunta deve ser considerada em frente à lareira, após um dos ótimos jantares da minha esposa. O que lhe parece?”. Ela respondeu com entusiasmo. “Isso parece maravilhoso!”. E assim começou uma amizade que minha esposa e eu temos reputado e como presente divino o apreciado. Não demorou muito para Rosaria frequentar nossa mesa, sempre trazendo algo: queijo, pão recém-assado e, sempre, a mente ávida. Que ótimas conversas tivemos! Como graduado em língua inglesa na faculdade, eu saboreava as discussões com alguém tão versado nos autores atuais. Contudo, muitas de nossos diálogos relacionavam-se com os tópicos sobre os quais conversamos no início: Bíblia, teologia e cosmovisões. Ela tornou-se muito querida por nós.

Bem, este é meu prefácio. A partir daqui, ela assume com as próprias palavras. O que vem a seguir é a história dela. Desde nosso primeiro contato, percebi que nossa nova amiga não temia qualquer assunto, falava o que pensava em termos claros e expunha o coração tão bem quanto os pensamentos. Você descobrirá isso não apenas porque é assim que ela é, mas porque é quem ela é.

Este prólogo não estaria completo se não informasse que nossa igreja lá em Syracuse tinha orado pela universidade durante anos. Rosaria é uma das respostas graciosas de Deus!

— Kenneth G. Smith

Agradecimentos

Deus, por que escolher-me?

Quando eu contava 28 anos, corajosamente declarei-me lésbica. Estava concluindo um doutorado em Literatura Inglesa e Estudos Culturais. Era professora associada de um dos primeiros e mais fortes Departamentos de Estudos da Mulher da nação. Estava sendo recrutada por universidades para assumir funções administrativas e docentes no avanço de ideologias esquerdistas radicais. Eu realmente acreditava que estava ajudando a tornar o mundo um lugar melhor.

Com 36 anos, era uma das poucas mulheres catedráticas de uma grande universidade de pesquisa, administradora em ascensão e ativista na comunidade. Tornei-me uma dos "radicais catedráticos".[2] Eu tinha vencido sob todos os aspectos. Naquele mesmo ano, Cristo me chamou para si e a vida que conheci e amei chegou ao final humilhante.

Sempre me pedem que compartilhe minha jornada espiritual. As pessoas estão interessadas em saber como é fazer uma longa jornada até Cristo. Não hesito em responder. É importante como nossa vida produz o fruto do sangue derramado de Cristo. As histórias de nossa vida podem servir para encorajar e alertar os outros. Mas contar as histórias de nossa vida é um negócio arriscado. Como e por que nossas histórias são compartilhadas? São compartilhadas para atrair atenção para nós mesmos? Para chocar as pessoas? Para divertir?

Nossos testemunhos honram todo o quadro da jornada cristã? Não se contarem apenas a história do tipo "quão chocante era meu pecado antes de eu conhecer o Senhor". (Como se o pecado que cometo hoje fosse menos chocante!) Não se compartilharem apenas os sentimentos seguros, as respostas ensaiadas e as boas "decisões" pelas quais nos damos crédito imerecido.

Minha memória cristã divulga os pensamentos secretos de uma convertida improvável como eu. Este livro procura revelar o quadro oculto da vida cristã em todo seu contexto, imperfeições e tudo mais. Talvez alguns dos meus pensamentos espontâneos ressoem em você. Muitas vezes, eu pergunto: Deus, por que escolher-me? Não pedi para ser uma convertida ao cristianismo. Não “busquei o Senhor”. Pelo contrário, corria como o vento quando suspeitava que alguém começaria a empurrar o Evangelho para mim. Estava intelectualmente — e só em sentido intelectual — interessada em assuntos de fé e queria manter as coisas desse jeito. Como alguém esperta como eu acabou em um lugar assim?

Nas páginas seguintes, compartilho o que aconteceu em meu mundo particular por meio do que os cristãos polidamente chamam de conversão. Essa palavra — conversão — é inofensiva e refinada demais para capturar o descarrilamento que experimentei ao encontrar-me face a face com o Deus vivo. Conheço apenas uma palavra que descreve esse encontro de liberação prolongada: impacto. Impacto é, acredito, o espaço entre a colisão múltipla de carros e a contagem de corpos. Tento, nas páginas que seguem, reviver o impacto de Deus em minha vida.

Comecei este livro em 2003. Embora ele tenha me convocado a olhar para trás, cada página é indelevelmente inscrita pelas alegres exigências de minha vida diária. Meu marido Kent comprometeu-se com sacrifício a ajudar-me a completar este projeto. Seu amor, orientação e apoio trouxeram este livro à existência. Cada capítulo coincidiu com um filho introduzido em nossa família por meio de adoção ou acolhimento. E cada capítulo foi pontuado pela ausência de outros filhos, os que vim a conhecer por meio de ligações desesperadas do Departamento de Apoio à Família; aqueles cujas necessidades ou cifras excediam a extensão de nossos braços. A cada inserção de uma criança em nossa família, minha mãe e meu padrasto, Dolores e Theo Otis, deram-me todo o apoio e

encorajamento de que eu precisaria. Sou a única mãe que conheço cuja própria mãe organizou sozinha sucessivos chás de bebê para cada bebê ou criança. Junto com cada presente para um filho, minha mãe sempre conseguia algo maravilhoso para mim. (“Rosaria, vá cortar seu cabelo; vá ao pedicuro; compre uma TV nova!”) A inclusão dos meus filhos na minha família com Kent, e a inclusão da minha mãe e do meu padrasto em minha vida atual, permitiram-me fazer com segurança a longa rememoração exigida pela escrita deste livro.

Desejo agradecer aos que leram e comentaram muitos capítulos: Kent Butterfield, pastor Bruce e Kim Backensto, pastor Doug e Amy Comin, Natalie Gazo, e pastor Ken e Floy Smith. Todos os erros de julgamento e ofensas que você encontrar nestas páginas, entretanto, são somente meus.

Também quero agradecer a quem me apoiou e encorajou na composição deste livro com suas palavras, exemplos e ensino: pastor Charles e Margaret Biggs, pastor Steve e Julie Bradley, Matthew Filbert, pastor Jerry e Ann O’Neill, Dolores e Theo Otis.

Sem que suspeitassem, Deus usou os membros da Syracuse Reformed Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Reformada de Syracuse] de maneiras incontáveis. Sou devedora a: pastor Brian e Dorian Coombs, Phyllis Coombs, Kurt e Kathy Donath, George e Maggie Hueber, Chris e Shari Huggins, Gene e Gail Huggins, M e NM, Bob e Vivian Rice, Ben e Diana Rice, dr. Ken e Becky Smith, dr. Jonathan e Marty Wright, e Ron e Robyn Zorn.

Também agradeço a meus colegas e amigos do Geneva College [Faculdade Genebra], em especial ao dr. Byron Curtis, dr. Dean Smith, dr. Bob Frazier, dra. Maureen Vanterpool, dr. Jonathan Watt e ao presidente emérito Jack White; sou grata à minha mentora e chefe do Centro para Ministério Bíblico Urbano, sra. Karla Threadgill Byrd.

Por fim, memórias passadas e presentes colidem de maneiras bizarras e confusas. Meus colegas e amigos da Classical Conversations Homeschool Community [Comunidade de Educação Doméstica Conversações Clássicas], de Purcellville (Virginia, EUA), conservam o sorriso no meu rosto, a alegria na minha jornada e a conjugação de um verbo latino na ponta da minha língua. Sinto-me honrada em dividir a trincheira diária da educação no lar com Regina Gossage, Alissa Hall, Martha Mason, Julia Shaw-Fuller e Jennifer Truesdale. Minha editora na Crown & Covenant Publications, Lynne Gordon, é a leitora mais compassiva do mundo, e agradeço a ela pelo interesse neste livro e pela miríade de formas usadas para melhorá-lo.

Sou grata à Reformed Presbyterian Church of North America (RPCNA) [Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte] e aos pastores, conselhos e membros que têm sacrificado tempo, dinheiro e liberdade pessoal pela aliança de Cristo. Sou grata pela posição histórica e corajosa da denominação a favor da abolição e pelo exemplo de defesa racial ordenada por Cristo que ela nos proporciona hoje.

Dedico este livro a meus filhos, na esperança de que cada um deles escreverá o testemunho da própria cosmovisão da graça salvadora de Deus por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor.

1. Conversão e o evangelho da paz

Syracuse, Nova York, 1997–2000

Como posso contar-lhe sobre minha conversão sem fazê-la soar como uma abdução alienígena ou um descarrilamento de trem? Verdade seja dita, ela se parece com um pouco dos dois. A linguagem normalmente usada para descrever esse milagre singular não funciona comigo. Não li um desses melosos livros de autoajuda com uma fina camada de temas cristãos, examinei minha vida em oposição aos princípios da Bíblia — como alguém escolheria uma apólice de seguro do carro em oposição a todas as outras — e meticulosa e logicamente, "tomei uma decisão por Cristo". Enquanto eu fazia escolhas na jornada, elas nunca pareceram lógicas, isentas de riscos ou sensatas. Nem me senti como a vítima de um terremoto emocional/espiritual e desmoronei graciosamente nos braços do meu Salvador, como uma Scarlett O'Hara pura e santificada "reivindicada pela irresistível graça de Cristo". Tão herético quanto isso possa parecer, Cristo e o cristianismo pareciam eminentemente resistíveis.

Minha vida cristã se desdobrou enquanto apenas vivia a minha vida, minha vida normal. No curso normal da vida, surgiram questões que ultrapassavam minha cosmovisão feminista secular. Essas questões fixaram-se silenciosamente nas fendas da minha mente até que encontrei um amigo muito improvável: um pastor cristão. Se o pastor chamado Ken Smith não partilhasse repetidamente o evangelho comigo por anos e anos, não ao estilo de um vendedor de carros usados, mas de uma forma orgânica, espontânea e compassiva, essas perguntas talvez ainda estivessem alojadas nas fendas da minha mente e talvez eu nunca tivesse conhecido o mais improvável dos amigos, o próprio Jesus Cristo.

É perigoso relembrar minha vida, da perspectiva de uma amante e seguidora de Cristo, e, agora, também esposa e

mãe. É doloroso colocar as mãos sobre a ausência da minha vida pregressa, e respirar. Minha antiga vida ainda está à espreita nas margens do meu coração, reluzente e silenciosa como uma faca.

Chego aos limites das palavras quando tento descrever minha vida em Jesus Cristo.

Minha vida, como eu conhecia, tornou-se um descarrilamento em abril de 1999, aos 36 anos — apenas algumas semanas antes dos 37. Naquela época, eu era uma professora associada na Syracuse University [Universidade de Syracuse], recém-aceita como catedrática no Departamento de Língua Inglesa, além de ter a nomeação para lecionar no Centro de Estudos da Mulher. Encontrava-me em um relacionamento lésbico com uma ativista dos direitos animais e amante da natureza, e professora adjunta de uma universidade próxima. Juntas, nós tínhamos casas, coabitando na vida e na política de parceria doméstica da universidade. Minha parceira T tinha um negócio: ela reabilitava *golden retrievers* abusados e abandonados como cães terapeutas para deficientes ou, quando não eram fortes o bastante para trabalhar, como animais de estimação para famílias. Nossas casas (éramos proprietárias e vivíamos em duas — uma no campo e outra no distrito da universidade) eram eixos de ativismo e produção intelectual. Além do canil, apoiávamos várias causas: assistência médica a portadores do vírus HIV, alfabetização infantil, tratamento de vítimas de abuso sexual, e ativismo junto a pessoas com necessidades especiais. Éramos membros da Unitarian Universalist Church [Igreja Universalista Unitária], onde eu coordenava o que é chamado “comitê de boas-vindas”, um grupo de apoio a gays e lésbicas.

Meu campo histórico em estudos da língua inglesa era literatura e cultura do século XIX. Meus interesses históricos em literatura do século XIX estavam fundamentados nas cosmovisões filosóficas e políticas de

Freud, Marx e Darwin. Minha área primária era Teoria Crítica — também conhecida como pós-modernismo. Minha especialidade era Teoria Queer (uma forma pós-moderna de estudos gays e lésbicos). Em meu departamento, os requisitos para a cátedra eram rigorosos, exigindo um livro publicado e resenhado, seis artigos acadêmicos e uma significante exposição em conferências, apresentando palestras do tópico da pesquisa. Eu me lembro de pensar que essa intensidade de produção intelectual era normal até explicar as exigências de nosso departamento a um amigo doutor. Ele disse: “Uau, isso é como cortar o próprio baço e comê-lo!”. Embora aparentemente tóxico, considerava meu trabalho vital e enriquecedor.

Agora, olhando para trás, não sei como considerar-me uma professora universitária. Muito comumente, eu me sentia uma impostora — sentia que não era realmente tão inteligente para estar ali. Sempre me senti sortuda por conseguir um trabalho na Syracuse University. Não presumi que obteria a cátedra e fiquei um pouco surpresa com isso.

Logo (em três anos), me tornei a Diretora de Graduação e apreciava propor e organizar nosso currículo e encorajar os alunos. Alguns dos meus colegas mais antigos me aconselharam a não me tornar administradora do departamento antes de receber a cátedra, não só porque o trabalho administrativo tomaria o tempo de pesquisa e escrita, mas também porque administradores ficam emaranhados na política do departamento, onde é fácil fazer inimigos gratuitos, e difícil recuperar o terreno perdido. Rejeitei esse conselho tradicional e aceitei o emprego. Ao contrariar essa recomendação, aprendi uma boa lição: o sucesso vem quando construímos sobre nossos pontos fortes. Fazer algo que amava e em que era boa me ajudou a concluir minha pesquisa e meu texto de uma maneira eficiente e focada. Embora arriscado, trabalhar meus pontos fortes mostrou-se um bom risco e estou feliz de tê-lo assumido. Eu me sentia justificada no princípio de

que vale a pena correr riscos e que a vitória só é doce quando realmente se tem algo a perder.

Apesar de sentir-me uma impostora, aparentemente, eu não me parecia com uma. Como professora universitária, realizei vários empreendimentos de grande visibilidade. Fiz o discurso inaugural em uma parada do orgulho gay e fui convidada por universidades importantes, incluindo a Universidade de Harvard, para palestrar sobre estudos gays e lésbicos. Tentei fazer meu trabalho com integridade e entusiasmo, mas certos aspectos do meu cargo eram difíceis para mim, como trabalhar com estudantes de pós-graduação em suas dissertações e exames de qualificação. O mercado de trabalho estava sempre ruim e nunca me senti equipada para orientar as pesquisas deles.

A parte do meu trabalho que eu mais amava era ensinar na graduação. Ainda fico arrepiada com o dinamismo e as epifanias em sala de aula. Sinto falta disso. Também sinto falta dos meus colegas, de estar na companhia de pensadores complexos e especulativos, pessoas que se aplicam em nossa cultura e me desafiam a pensar nos limites de minhas zonas de conforto. Eu acreditava antes e acredito agora que onde todos pensam o mesmo ninguém pensa muito. Sinto falta de estar rodeada por pessoas que encontram equilíbrio na contradição e diversidade. É claro, havia outros privilégios — uma fonte de pagamento segura, a melhor estabilidade de emprego do mundo, dispensa de matrícula para meus familiares na Syracuse University e universidades de pesquisa com posição semelhante, um grande orçamento de pesquisa, um orçamento de livros, oportunidade de viajar. Porém, mesmo agora, ensinando dois de nossos quatro filhos em casa e vivendo com um salário, não sinto falta dos benefícios materiais. Sinto falta das pessoas.

Como ativista lésbica, estava *envolvida* na comunidade gay. Eu tinha rascunhado e lutado pela primeira política de parceria doméstica da universidade a ter sucesso, o que dá

benefícios conjugais a casais gays. Precisei suportar várias críticas da comunidade conservadora cristã por isso. Minha vida era ocupada, cheia e, eu achava, moral. Preocupava-me com questões de moralidade, e até publiquei um artigo sobre a questão da moralidade da vida de gays e lésbicas. Era “abertamente” lésbica da mesma forma que agora sou “abertamente” cristã. Nunca me ocorreria viver a vida em falsidade, e eu tinha — e tenho — o tipo de trabalho privilegiado (antes como professora e agora como esposa cristã) em que não preciso ser “cuidadosa” ou me esconder. O mais próximo que fiquei de cristãos nessa época foi de estudantes que se recusavam a ler material nas aulas da universidade porque “conhecer Jesus” significava nunca precisar conhecer qualquer outra coisa, pessoas que me enviavam ameaças por carta, ou as que carregavam placas dizendo “Deus odeia Gays” nas paradas do orgulho gay. (A propósito, “Deus odeia Gays” também é uma página na internet de jovens homofóbicos, que se dizem cristãos, para aprender táticas de ódio.)

Para mim, os cristãos sempre pareceram péssimos pensadores. Parecia que eles podiam defender sua cosmovisão somente porque se refugiavam dos problemas do mundo real, como as estruturas materiais da pobreza, violência e racismo. Os cristãos sempre pareceram péssimos leitores também. Davam a impressão de usar a Bíblia de uma maneira que os marxistas chamariam “vulgar" — isto é, comum — ou buscando trazer a Bíblia para uma conversa a fim de impedir a conversa, não aprofundá-la. “A Bíblia diz” sempre me parecia um mantra que convidava todos a colocarem o cérebro em espera. “A Bíblia diz” era a grande pausa antes de parar a conversa. Suas frases feitas e clichês eram (e são) igualmente desmotivadores. “Jesus é a resposta” me parecia — e ainda parece — uma árvore sem raiz. Respostas vêm depois de perguntas, não antes. Respostas respondem perguntas de modo específico e direto, não com generalizações abrangentes. “Isso é uma bênção” sempre soava como uma violação do Terceiro

Mandamento (“Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão”) ou um cartão da Hallmark embebedado de pieguice. Parecia que as únicas pessoas que poderiam estar genuinamente satisfeitas com esse nível de leitura e reflexão eram as que não liam nem pensavam muito — sobre vida, cultura ou outra coisa.

Além de parecerem anti-intelectuais, os cristãos também me assustavam. Fora do Senhor, a vida é uma provação bastante traiçoeira. Provérbios ensina isso quando Salomão, seu autor, escreve: “o caminho dos infiéis é áspero” (Pv 13.15). É claro que a vida cristã também é difícil, mas é difícil de outra forma, de maneira ao menos suportável e significativa. Os cristãos podem compreender o sentido, o propósito e a graça do sofrimento e realmente crer que todas as coisas, mesmo as más, “concorrem para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). A vida fora de Cristo é difícil e assustadora; a vida em Cristo tem situações difíceis e vales sombrios, mas tem propósito mesmo quando é dolorosa. Ah, mas eu me adianto. Aqui está uma das maneiras mais profundas que os cristãos me assustavam: a comunidade lésbica era meu lar, e o lar parecia seguro e protetor; as pessoas que eu conhecia melhor e com quem me importava estavam nessa comunidade. E, por fim, a comunidade lésbica era acolhedora e hospitaleira, enquanto a comunidade cristã parecia (e, muitas vezes, é) exclusiva, farisaica, desdenhosa e receosa da diversidade. O que me assustava é que, conquanto o cristianismo parecesse apenas outra cosmovisão para pessoas que gostavam de viver de forma muito limitada, os cristãos alegavam que sua cosmovisão e todos os aspectos consequentes que eu via — políticos republicanos, inclinação ao ensino doméstico, recusa em vacinar os filhos contra doenças infantis *etc.* — tinha Deus do seu lado.

Os cristãos ainda me assustam quando reduzem o cristianismo a um estilo de vida e afirmam que Deus está do

lado de quem obedece às regras do estilo de vida que eles inventaram ou alegam achar na Bíblia.

Embora soubesse que não era o acadêmico mais inteligente do meu departamento, eu gostava de fazer pesquisas e escrever. Gostava (e ainda gosto) do risco de examinar novas ideias. Tinha um adesivo em meu computador com uma citação cujo autor nunca descobri. Ela dizia: “Prefiro estar errado em um ponto importante que certo em um trivial”. Essa citação lembrava que quando você comete erros em público, aprenderá que eles são erros e, ao ser corrigido, crescerá. Ela também lembrava que estar errado e responder à correção com resiliência é uma virtude maior que cobrir os erros de forma que seus alunos e o mundo presumam que sucesso significa nunca errar. Trabalhar a partir dos pontos fortes e cultivar resiliência em todas as questões da vida sempre foram princípios orientadores para mim.

Fui ginasta e maratonista, e sempre achei que flexibilidade e ritmo constante são mais úteis que perfeição ou explosões de velocidade. Para mim, os vencedores sempre pareciam os que sabem cair, levantar e recuperar-se bem. Sempre me pareceu que sem a reação adequada ao fracasso, nós não crescemos, apenas envelhecemos. Assim, estava e estou disposta a assumir o risco de estar errada pela esperança de crescer na verdade. Para mim, parecia que se cairmos, precisamos cair para frente, não para trás, porque pelo menos assim estamos andando na direção certa. Resiliência, recuperação e reconhecimento dos pontos fortes e fracassos galvanizaram minha pesquisa e minha vida.

Apesar de ter uma cosmovisão que valorizava a flexibilidade, grandes questões da vida irrespondíveis começaram a me importunar enquanto fazia a pesquisa e o preparava texto inicial do meu segundo livro, um estudo da ascensão da direita religiosa nos Estados Unidos, e a hermenêutica do ódio usada por ela contra seu alvo

favorito: gays ou, nessa época, pessoas como eu. Estava estudando a direita cristã desde 1992, desde que Pat Robertson, na Convenção Nacional Republicana de 1992, declarou: “O feminismo encoraja as mulheres a deixarem seus maridos, matarem seus filhos, praticarem bruxaria, destruírem o capitalismo e tornarem-se lésbicas”. Na época, eu achava, e ainda acho, que essa é uma afirmação tola e perigosa. Afinal, foi a primeira onda do feminismo neste país que assegurou às mulheres o direito de votar e o acesso à educação pública. Parecia-me então, e parece agora, que nós, cristãos, realmente nos tornamos repulsivos quando invejamos o sucesso da retórica persuasiva dos outros. A verdade é que as retóricas feministas têm obtido mais sucesso no interior das grandes universidades dos EUA que os cristãos, ainda que muitas dessas universidades tenham origens cristãs.

Conquanto agora viva minha vida para Cristo e somente para Cristo, não tenho a mesma opinião que meus companheiros cristãos quando lamentam o estado atual da universidade. O feminismo tem uma reputação melhor que o cristianismo em todas as principais universidades dos EUA, e isso realmente incomoda (e transtorna) muitos cristãos. O feminismo realmente cativou a alma das universidades seculares dos EUA e a igreja é fraca demais ou ignorante demais para reconhecer e responder. Mas como a igreja reagiu a essa verdade? Muitas vezes, a igreja se coloca como vítima dessa mudança de paradigma nos Estados Unidos, mas eu acho que isso é desonestidade. Aqui vai o que penso que aconteceu: como todas as principais universidades americanas tinham raízes cristãs, muitos cristãos pensavam que podiam descansar na tradição cristão, não na relevância cristã. Muito comumente, a igreja não sabe como relacionar-se com a cultura universitária porque entra no debate pronta apenas para moralizar, não dialogar. Há uma diferença vital entre partilhar o Evangelho com os perdidos e impor um padrão moral específico sobre os inconversos. Goste ou não, no tribunal da opinião

pública, as feministas e os cristãos que não creem na Bíblia venceram a guerra da integridade intelectual. E os cristãos são parcialmente culpados disso.

A citação de Pat Robertson é um bom exemplo do que vi em meu estudo sobre a direita religiosa (e que ainda vejo): orgulho espiritual e cristianismo de clube. Mas eu também sabia que havia mais do que isso. Pensava sobre o assunto. Qual é o centro do cristianismo? Por que verdadeiros crentes creem? No que eles creem? Por que sua fé centraliza-se em uma pessoa, e não em uma ideia? Como sou professora de língua inglesa, precisei ler a Bíblia para entender a hermenêutica usada pela direita cristã. Sendo acadêmica, sabia que sem ter estudado hebraico ou grego, ou conhecer o relacionamento entre os diferentes campos da teologia e as diferentes aplicações de doutrina, cânon e estudo textual, eu não seria capaz de estudar a Bíblia por conta própria. Comecei a estudar grego sozinha e procurei alguém que me ajudasse a entender a Bíblia. A "ajuda" veio da maneira mais incomum.

Depois de publicar no jornal local uma crítica ao movimento *Promise Keepers*[3] por sua política de gênero, recebi uma grande quantidade de cartas: mensagens de ódio e mensagens de aprovação. Foram tantas cartas por esse pequeno editorial que mantinha caixas de papel nos dois lados da minha mesa, uma para mensagens de ódio e outra para cartas de aprovação. (Ah, como eu queria que as pessoas tivessem lido com o mesmo gosto meu "livro da cátedra recém-publicado em brochura!) Entre essas cartas, também recebi uma do pastor Ken Smith, então ministro da Syracuse Reformed Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Reformada de Syracuse]. Era uma carta gentil e curiosa. Ela me encorajava a explorar o tipo de questões que admiro: Como você chegou às suas interpretações? Como você sabe que está certa? Você acredita em Deus? Ele não discutiu meu artigo; pediu-me que explorasse e defendesse os pressupostos que o embasavam. Eu não sabia realmente como responder à carta de Ken, mas me

peguei lendo-a e a relendo. Não sabia em que caixa arquivar a carta e, assim, ela ficou sobre minha mesa e me assombrava.

Depois de muitos dias pensando sobre isso, a carta de Ken me levou a confrontar o problema pressuposicional da minha pesquisa: como intelectual, estava trabalhando a partir de uma cosmovisão materialista histórica, mas o cristianismo era em essência uma cosmovisão sobrenatural. Os cristãos afirmavam que Jesus Cristo era histórica e globalmente verdadeiro, mas sua entrada na história violava o valor central da minha pesquisa: ninguém, de acordo com os princípios do materialismo histórico, entra na história; ao contrário, todos emergimos dela. O “quem, o que, por que e como” de Jesus Cristo é um grande mistério. Nunca havia pensado sobre questões pressuposicionais de caráter sobrenatural ou espiritual, mas aqui eu embarquei em um projeto que me fez confrontar essa oposição de cosmovisões. A carta do pastor Ken arruinou a integridade do meu projeto de pesquisa sem sequer conhecê-lo!

Pode parecer estranho para você, mas ninguém antes me fizera essas perguntas ou me levara a perguntá-las por conta própria. Eram questões razoáveis, mas não do tipo que professores pós-modernos lançam em reuniões de docentes ou no bar local. A Bíblia deixa claro que a razão não é a porta da frente da fé. São precisos olhos espirituais para discernir questões espirituais. Mas como desenvolvemos olhos espirituais a não ser que os cristãos confrontem a cultura com essas questões e paradigmas de percepção dos quais a lógica espiritual flui? Foi exatamente isso que a carta de Ken fez por mim — ela me convidou a pensar como antes não pensava.

Aliás, odeio mesas bagunçadas, em que os papéis acumulam-se na superfície. A carta do pastor Ken ficou na minha mesa por uma semana inteira — seis dias além do que normalmente suporto. Incomodava-me muito não saber onde arquivá-la. Joguei-a fora algumas vezes, mas, no fim

do dia, sempre me pegava vasculhando o contêiner de reciclagem para recuperá-la. Era uma carta cuidadosa, com duas páginas no máximo, escrita em papel timbrado da igreja. Foi bem digitada e a assinatura do pastor Ken estava nítida e clara. O nome da igreja era Syracuse Reformed Presbyterian Church, e presumi que "reformada" implicava a crítica da tradição pela tradição. Pela assinatura e um pouco do vocabulário utilizado, presumi que o pastor Ken era idoso, mas não pedante. A carta me convidava a ligar para seu autor e discutir essas ideias de forma mais completa. Foi a carta de oposição mais gentil que já recebi. Depois de uma semana, telefonei.

Tivemos uma ótima conversa ao telefone, e o pastor Ken me convidou para jantar em sua casa, a fim de explorar algumas questões. Antes de terminarmos a ligação, quase como um adendo, ele disse também que, caso eu estivesse preocupada para ir à casa de um estranho, ele e sua esposa me encontrariam em um restaurante. Achei isso bastante atencioso da parte dele — quase cavalheiresco! Estava confortável com a ideia de ir à sua casa. A comunidade gay e lésbica também é uma comunidade que pratica a hospitalidade. Eu aperfeiçoava meus dons de hospitalidade servindo massas a *drag queens* e gays — pessoas como eu. Prefiro discutir questões de discordância em torno de uma mesa particular. Além disso, realmente queria ver como os cristãos viviam. Nunca tinha visto algo assim. Assim, aceitei a conversa. Estava empolgada por conhecer um verdadeiro cristão e descobrir por que ele acreditava nessas ideias malucas. Imaginei que o jantar seria outro aspecto da pesquisa. Pastor Ken vivia a aproximadamente três quilômetros da minha casa, sua casa também ficava no distrito universitário. Sabia exatamente onde ele vivia — na verdade, sua casa ficava na minha rota de corrida — assim, não estava muito nervosa com esse primeiro encontro. Fui sozinha.

Lembro-me com detalhes desse primeiro encontro com Ken e sua esposa Floy. Estava ciente do meu cabelo raspado e

dos adesivos gays e pró-escolha em meu carro. Recordo-me de quão aliviada fiquei quando descobri que Floy fez um *stir fry*[4] vegetariano para o jantar. (Tentava manter a dieta vegetariana por razões morais, além das relativas à saúde.) Cumprimentei meio sem jeito meus anfitriões à porta e tirei da bolsa dois presentes: uma garrafa de um bom vinho tinto e uma caixa de chá forte. Era um dia quente de julho e fiquei feliz por eles não usarem ar condicionado (eu me preocupava com o meio-ambiente, de modo geral, e a camada de ozônio, em particular, e assumi que eles também). Partilho com vocês esses detalhes porque eles refletem minha mentalidade na época. Queria conhecer essas pessoas, mas não à custa de comprometer meus padrões morais. Minha identidade e cultura lésbicas e seus valores morais eram muito importantes para mim. Cheguei à minha cultura e seus valores mediante experiências de vida, mas também por muitas pesquisas e profundas reflexões. Gostei de imediato de Ken e Floy porque eles pareciam sensíveis a isso. Mesmo que estes cristãos e eu fôssemos muito diferentes, eles pareciam saber que eu não era apenas um quadro em branco: eu tinha valores e opiniões também, e eles conversavam comigo de uma maneira que não me faziam sentir-me anulada.

A parte mais memorável do jantar foi a oração de Ken antes da refeição. Nunca tinha ouvido alguém orar a Deus como se Deus se importasse, como se ele ouvisse e respondesse. Não era uma oração pretensiosa pronunciada para os pagãos à mesa ouvirem. (Eu tinha ouvido algumas dessas em marchas do orgulho gay ou em frente a clínicas da Planned Parenthood [Planejamento Familiar].) Foi uma fala pessoal e honesta, e senti como se estivesse pisando em algo real, sincero, importante, transparente, mas ilegível para mim. Ken fez-se vulnerável a mim em sua oração ao humilhar-se diante desse seu “Deus”, e eu tomei nota disso. Na refeição, lembro-me de prender a respiração e aguardar ser socada no estômago com algo grosseiramente ofensivo. Na época, cria que Deus estava morto e, se ele estivesse

vivo, a realidade da pobreza, violência, racismo, sexismo, homofobia e guerra eram provas de que ele não se importava com a criação. Acreditava que a religião era, como Marx escreveu, o ópio das massas, uma construção social imperialista criada para aliviar a angústia existencial dos intelectualmente debilitados. Mas o Deus de Ken parecia vivo, tridimensional e sábio, talvez firme. E Ken e Floy eram tudo, menos intelectualmente debilitados.

Nossa conversa foi animada e divertida. Se Floy era uma "esposa submissa", ela também era talentosa, inteligente, perceptiva, letrada e uma grande cozinheira! Se Ken era o pastor "que impunha a Bíblia", ele também era um bom ouvinte, um intérprete equilibrado, um amante da boa poesia, um leitor da cultura e da política e um marido que claramente amava, confiava e valorizava bastante o conselho de sua mulher. Essas pessoas não se encaixavam no estereótipo e eu não sabia o que fazer com isso. Como sua carta, Ken não seria arquivado com tanta facilidade para que eu pudesse seguir com minha vida.

Na refeição, Ken e Floy fizeram algo com um extenso histórico cristão, mas que foi praticamente perdido em muitos lares cristãos. Ken e Floy convidaram um estranho — não para fazer-me de bode expiatório, mas para ouvir, aprender e dialogar. Ken e Floy têm uma fé transparente e vulnerável. Nós não debatemos cosmovisão; conversamos sobre a verdade pessoal e o que nos "move". Ken e Floy não se identificaram comigo. Eles me escutaram e identificaram-se com Cristo. Estavam dispostos a caminhar a longa jornada até mim com compaixão cristã. Na refeição, eles não compartilharam o evangelho comigo. Depois dela, não me convidaram para a igreja. Graças a essas gritantes omissões no *script* cristão que eu conhecia, quando a noite terminou e o pastor Ken disse que gostaria de manter contato, eu sabia que era realmente seguro aceitar sua oferta.

Desde esse começo, a jornada pela qual o Senhor me levou tem sido uma grande aventura, e essa simples refeição na casa de um pastor, o círculo improvável composto por uma professora feminista lésbica radical e dois vigorosos cristãos na casa dos setenta anos, um poderoso pôr do sol em Syracuse enquanto conversávamos atrás da grande vidraça na casa deles, foi o primeiro passo da jornada. Deixei a casa deles precisando saber uma série de coisas: Deus existe? Se Deus existe, o que ele espera de mim? Como me comunico com ele? Como sei quem ele é e o que quer? E se Deus estiver morto? Seja qual for o caso, tenho coragem de encarar a verdade?

Antes de colocar o pé de fato em uma igreja, passei dois anos me encontrando com Ken e Floy e, alternadamente, "estudando" a Escritura e meu coração. Se Ken e Floy tivessem me convidado para a igreja na primeira refeição, teria resvalado como um *skate* em um penhasco e nunca teria voltado. Ken, é claro, conhece o poder da palavra pregada, mas me parecia que, na época, ele também sabia que eu não poderia ir à igreja — teria sido muito ameaçador e estranho, seria demais. Assim, Ken estava disposto a levar a igreja até mim. Isso me deu o espaço e a segurança necessários para corresponder à vulnerabilidade e transparência de Ken e Floy. E, assim, abri-me a eles. Permiti que soubessem quem eu era e o que valorizava. Convidei-os para minha casa e meu mundo. Eles conheceram meus amigos, foram aos meus jantares, viram-me funcionar na vida real. Eles se fizeram confiáveis o suficiente para eu fazer isso.

No começo de qualquer projeto, leio e releio o livro que tento entender. Nesse período, li e reli a Bíblia voraz e compulsivamente — como faço com todos os livros. Passava aproximadamente cinco horas por dia lendo-a. Lia toda tradução que pudesse adquirir — incluindo-se as versões católicas. Ainda pensava estar fazendo a

pesquisa para o livro sobre a direita religiosa. Ken e Floy, nesses dois anos, fizeram-me perguntas sobre minhas leituras e observações, mas não me pressionaram, constrangeram ou interferiram na minha vida. Eles estavam apenas presentes. Se um mês ou dois passassem e eu não tivesse respondido a um e-mail ou telefonema de Ken, ele apareceria na minha casa, como qualquer vizinho faria, para me cumprimentar trazendo um livro ou pão caseiro. Ken e Floy e eu nos tornamos amigos. Meu pai morreu quando eu contava 22 anos. Descobri-me confiando em Ken da maneira como tinha me imaginado como uma mulher adulta confiando em meu falecido Pai.

Depois que tínhamos nos encontrados por um período, Ken me abordou com uma proposta: o que eu acharia se ele, pastor Ken Smith, tivesse uma oportunidade de falar a meus graduandos em língua inglesa sobre o motivo de a Bíblia ser um livro de leitura fundamental para eles. Ele explicou que tinha uma palestra já escrita e que anteriormente já a apresentara com sucesso. Ele argumentou com clareza: como agora eu lia a Bíblia, concordaria que ela está repleta de gêneros literários e detém muito valor literário. Lembro-me de ficar intrigada com o possível conteúdo da palestra, mas também me recordo de sentir-me como uma “mãe ursa” ameaçada até pela mínima influência que eu permitiria que esse cristão evangélico tivesse sobre meus graduandos em inglês! Vigiava a porta e não queria que meus alunos ouvissem algo que enfraquecesse o que todos nós lhes ensinávamos. Assim, dei uma resposta negativa, de forma firme e definitiva. Então, perguntei a Ken como ele se sentiria em ter a audiência de uma pessoa para essa palestra: eu. Para minha surpresa, ele concordou.

Ken e Floy vieram para jantar e apresentar essa palestra sobre a Bíblia. Eu os convidei em uma noite em que tinha certeza de estar sozinha em casa. Acho

que servi queijo de soja, arroz integral, brócolis e chá de pêssego. Ainda mantenho os rascunhos no bloco de notas que Ken usou enquanto palestrava. Ele ofereceu um panorama impressionante dos 66 textos que formam a Bíblia. Seu foco estava na redenção — sobre como o Antigo Testamento encobria a cruz e o Novo Testamento a revelava. Seu ponto de contato era o Calvário e isso me fez pensar pela primeira vez sobre o que Jesus tinha suportado no Calvário. Ken falou bastante na palestra — havia muito material para percorrer. Eu estava intrigada e enfurecida. Quanto mais ele falava, mais enfurecida ficava. Se o que esse cara dizia fosse verdade, então tudo que eu cria — cada jota e til — era falso! No final, o que, aliás, pensei que nunca chegaria, ele disse: “O que você acha?”. Eu disse algo como: “Você tem um livro que se arroga verdadeiro, o que na filosofia é chamado de falácia ontológica, e tenho mais ou menos cinquenta outros títulos na minha estante que dizem que você está errado. Assim, tudo se resume a como e por que você afirma que a Bíblia é verdadeira”. Esperava que isso cortasse o barato e o botasse para correr. Mas não aconteceu. Ken bateu as palmas das mãos com um grande sorriso cheio de dentes que parecia implicar que estávamos totalmente de acordo. (Nós não estávamos.) Ele disse com grande alegria e deleite: “Exatamente!”. A empolgação de Ken com a oposição me deixava infinitamente irritada.

Concordamos que, na próxima oportunidade, ele me diria como e por que a Bíblia é verdadeira.

Isso pareceu bastante ingênuo e ridículo. Eu era um produto da educação pós-moderna. Não há verdades, apenas reivindicações de verdade. Depois que Ken e Floy saíram, fiz uma longa caminhada com meu cão Murphy. Caminhando na escuridão fria, pensava sobre como a vida seria pacífica se eu realmente acreditasse haver uma ideia cognoscível, fidedigna, imutável e

abrangente de verdade e em um homem-Deus que amou tanto seu povo que suportou a ira de Deus Pai pelos pecados que eu cometera e os que continuaria a cometer. No entanto, mesmo essa linha de pensamento não me confortava. Afinal, o que isso faria com meu passado? Com certeza, eu não poderia jogar tudo fora. Meu passado era meu santuário e qualquer pessoa ou cosmovisão que entrasse em meu pequeno mundo tinha de ajoelhar-se a isso. Eu pensava sobre esses cristãos. Com certeza, alguns deles tinham “passados”. O que eles fizeram? Como eles deixaram o passado sem perder a identidade? Quem eu seria sem a identidade lésbica? Evidentemente, não fui sempre lésbica. Mas, assim que tive minha primeira namorada, fui fisgada e estava certa de que encontrara o “verdadeiro” eu. Além disso, pensava sobre esse Deus que morreu pelos pecados de seu povo. Soava muito bom para ser verdade. Permiti-me imaginar se isso poderia ser verdade. Esse autoquestionamento me propiciou um aterrador momento de reflexão.

Estaria me perdendo? Perdendo a cabeça?

Algumas semanas depois, Ken foi até minha casa com um livro sobre educação cristã e eu tinha saído para correr. Sentime meio envergonhada por ele conhecer minha parceira lésbica. Embora já estivéssemos nos encontrando por mais de um ano, havia conservado T em oculto. Foi a primeira vez que senti tudo, menos orgulho, de “quem eu era”.

De abril de 1997 a fevereiro de 1999 eu li a Bíblia, (de modo geral) apreciava conversar com Ken e Floy, e (não raro) apreciava considerar essas novas ideias. Se começasse a entrar em conflito com algo, ou fosse confrontada com uma palavra como “pecado” ou “arrependimento”, rapidamente a deixava de lado e prosseguia.

Sentia-me uma liberal autêntica, tendo amigos tão diferentes de mim! A sensação, no fronte liberal, era como se tivesse por fim chegado ao topo! Ken viria ao *campus* muitas vezes, e ele e eu continuamos a debater em painéis, discutindo coisas como o patriarcado ou os *Promise Keepers*. Alguns dos meus alunos de pós-graduação achavam-no perigoso, mas eu achava que ele era seguro de uma maneira perigosa. Eles me disseram que eu estava fazendo um jogo de palavras e perdendo a objetividade. Lembrei-os de que era uma pós-modernista que não acreditava em objetividade.

O que tornava Ken confiável e perigoso era um ponto que tínhamos em comum. Somos bons professores. E estes possibilitam que pessoas mudem de posição sem constrangimento. Mesmo quando Ken orou por minha alma, ele o fez de uma maneira que me acolhesse na igreja em vez de transformar-me em um bode expiatório do medo cristão ou um exemplo do que não se tornar.

Uma coisa que realmente me impressionou no caráter de Ken e Floy nesses anos era quão altruístas eles eram. Observei que eles alimentavam, abrigavam e aconselhavam inúmeras pessoas de todos os estilos de vida. Vi o quanto a porta de sua casa e a porta do coração deles se abriam. Lembro-me de me sentir como se pudesse conversar sobre tudo com eles. Ken enfatizava que ele me aceitava como lésbica, mas não me aprovava como lésbica. Ele manteve-se firme nessa linha e eu gostei disso. Eu tinha uma universidade inteira de pessoas que me aprovavam. Assim, não sentia a necessidade da aprovação dele também. Descobri que o filho mais velho deles, dr. Ken Smith, era meu colega em Syracuse. Curiosamente, estávamos em uma comissão importante para toda a universidade, a comissão de orçamento. Achava que o dr. Ken era o único na comissão com alguma ideia do que acontecia. (Sabia com certeza que eu não tinha.) A

comissão de orçamento era uma comissão importante porque dava à administração corrente um período para examinar os professores selecionados para tornarem-se futuros decanos e presidentes. Eles podiam nos observar, treinar e forjar. Evidentemente, este é um dos muitos segredinhos públicos da vida de um professor universitário, mas segredo ou não, era um dogma e nós todos o conhecíamos. Estávamos sendo observados, treinados, e alguns de nós teriam sucesso. Dr. Ken e eu também fomos juntos a um “acampamento de professores” — um seminário de uma semana nas montanhas Adirondacks[5] — na temporada das moscas — onde fomos doutrinados pela administração na última moda pedagógica.

Dr. Ken, vendo-me penar com os trabalhos da comissão de orçamento, tornou-se um tutor em contabilidade e um tipo de irmão mais velho. Achei isso estranho, mas útil. Com esses cristãos em minha vida, certos aspectos dela tinham começado a perder as fronteiras nítidas antes definidas. Com esses cristãos na minha vida, minha vida tornou-se um pouco mais amável e segura.

Certa noite, Ken e Floy me apresentaram a um homem chamado R. Ele fora viciado em sexo e consumidor abusivo de drogas. Italiano e graduado em Língua Inglesa pela Universidade da Califórnia em Berkeley. Tínhamos muito em comum. Aproximei-me imediatamente dele. Ele também trabalhava na universidade e tinha assistido a várias palestras minhas sem que eu o soubesse. Tornamo-nos amigos rapidamente. R compartilhava o evangelho com grande espontaneidade e relevância. Em breve, ele se tornaria minha ligação com a igreja.

Nessa época, pensava em visitar a igreja de Ken — achava que seria bom para a pesquisa e também interessante. “O que eles faziam nessa igreja

presbiteriana reformada?", imaginava. Falavam em línguas? Gemiam, choravam e dançavam pelos corredores? Às vezes, pegava minha caminhonete no domingo de manhã e tentava dirigir até a igreja. Ia até o estacionamento da Cole Muffler[6] próximo à igreja. Imaginava quão absurdo seria minha caminhonete vermelha com adesivos de direitos dos homossexuais e de apoio à NARAL (National Abortion Rights Action League [Liga Nacional de Ação pelo Direito ao Aborto]) no estacionamento da igreja, ao lado de todas as minivans com adesivos dizendo "Aborto interrompe um coração que bate" e "Cuidado: antissociais educados no lar a bordo!". Pensava que essas pessoas provavelmente não vestiam calças jeans, como eu fazia, e as mulheres não tinham o cabelo raspado. Algumas vezes, apenas ficava sentada lá e lia o *New York Times,* bebendo meu café da Starbucks e observando. Certa ocasião, morri de rir ao perceber que tinha passado a espionar uma igreja! Ficava pensando sobre as famílias grandes surgindo de suas minivans. Imaginava quem eles eram, com o que batalhavam, que questões reais formavam sua vida. Perguntava-me como eles conseguiam sustentar todos esses filhos.

Nesse tempo de luta, outros tentaram ajudar. Um pastor metodista e deão da capela na Universidade de Syracuse achava que eu não precisava desistir de tudo para honrar a Deus. Na verdade, ele me disse, como Deus tinha me criado lésbica, eu honraria a Deus ao viver como lésbica honrada. Ele me disse que eu poderia ter Jesus e minha amante lésbica. Era uma perspectiva muito atraente. Mas estive lendo e relendo a Escritura, e não havia qualquer sinal da "inclusão" pós-moderna na Bíblia. Além disso, verdade seja dita, estava ficando cansada do meu relacionamento com T. Algo em meu sistema de valores estava mudando. Embora continuasse achando T atraente, já não a

considerava irresistível. As coisas com as quais ela se importava pareciam superficiais. Achava que eu talvez estivesse apenas entediada.

Meus amigos da comunidade gay estavam em alerta. Nas noites de quinta-feira, eu tinha uma tradição habitual: dava um grande jantar e abria minha casa para qualquer pessoa da comunidade gay e lésbica vir, comer e conversar sobre problemas e necessidades. Isso é igualmente importante para professores e pastores, visto que os dois trabalhos o colocam longe do alcance das próprias pessoas que você pensa conhecer. J sempre estava presente nesses eventos. Ela era uma amiga querida que vivia travestida em tempo integral — J é biologicamente homem, mas vive em tempo integral como mulher e tem tomado hormônios femininos por tanto tempo que agora já se encontra quimicamente castrada. Eu estava na cozinha e J veio ajudar. Ela foi direto ao ponto e disse que toda essa leitura da Bíblia estava me mudando, e ela queria saber, antes que mais massas ou copos de vinho fossem servidos, o que estava se passando em minha vida. No começo, neguei, mas ela me pressionou. Por fim, eu disse: “O que você diria se eu lhe contasse que estou começando a acreditar que Jesus é real — um Senhor real, ressurreto, amoroso e juiz, e que estou em uma grande encrenca?”. Ela sentou no banco da cozinha, expirou profundamente, tomou minhas pequenas mãos em suas grandes mãos, e disse: “Rosaria, eu sei que Jesus é o Senhor vivo e ressurreto. Fui ministro presbiteriano por quinze anos e, nesse período, orei para que o Senhor me curasse. Ele não curou, mas talvez a cure. Orarei por você”. No dia seguinte, quando cheguei do trabalho, encontrei duas grandes caixas de leite repletas de livros: J me deu sua biblioteca de teologia e, alguns verões atrás, enquanto lia as *Institutas* de Calvino, havia marcas de caneta, com a letra da minha amiga, alertas e

lembretes pessoais: “Tome cuidado aqui; não se esqueça de Romanos 1”. Romanos 1, em especial os versículos 24 a 28, são as frases mais aterrorizantes da Escritura quem batalha contra o pecado sexual:

É por isso que Deus os entregou à impureza sexual, ao desejo ardente de seus corações, para desonrarem seus corpos entre si.

Pois substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. Amém.

Por isso, Deus os entregou a paixões desonrosas. Porque até as suas mulheres substituíram as relações sexuais naturais pelo que é contrário à natureza.

Os homens, da mesma maneira, abandonando as relações naturais com a mulher, arderam em desejo sensual uns pelos outros, homem com homem, cometendo indecência e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro.

Assim, por haver rejeitado o conhecimento de Deus, foram entregues pelo próprio Deus a uma mentalidade condenável para fazerem coisas que não convêm. (A21)

Por último, minha querida vizinha lésbica, uma mulher com idade suficiente para ser minha mãe — como ela gostava de me lembrar — virou-se para mim certa manhã, enquanto tomávamos café na mesa da minha cozinha, antes de nossa jornada semanal à feira de fazendeiros, e disse: “Por que Jesus? Por que não Buda? Ou a ioga? Por que você entregou sua vida ao Deus em cujo nome tanto mal foi feito aos gays?”. De fato. *Por que Jesus?*

Fiquei tão abalada com o que ouvia que aprendi, apesar do meu orgulho, a orar. Tinha parado de escrever o livro sobre a direita religiosa porque não podia convencer-me a acreditar nas coisas que costumava acreditar. Fui criada no catolicismo e, involuntariamente, comecei a relembrar instruções e sensibilidades que outrora organizavam a fé da minha infância. Até comecei a rememorar o pai-nosso e o

Credo apostólico, orações e credos que os católicos aprendem de cor e recitam a cada domingo. Decidi apresentar tudo isso para Ken Smith e ver o que ele pensava sobre meu estado de confusão. Era arriscado, mas, nessa altura, Ken já era meu amigo. Ele era a única pessoa na minha vida que poderia me ajudar a achar sentido na crise espiritual. Sem marcar horário, apareci na igreja e encontrei Ken em seu escritório. Sentei em sua cadeira e disse: “Ken, meu mundo inteiro está virando de cabeça para baixo. O que devo fazer?”.

Ken escutou. Ele não me disse o que fazer. Na verdade, ele me fez uma pergunta e disse: “Em algum momento você repudiou a formação católica?”.

A pergunta dele me intrigou. (Elas sempre me intrigavam.) Disselhe que nunca pensava sobre isso, que, para mim, ser católica era como ser italiana. Respondi que sequer me lembrava do momento em que escolhi ser católica, mas com clareza me lembro de quando decidi sair da igreja — depois de o meu melhor amigo confessar ter feito sexo com o sacerdote da nossa paróquia. Tempos depois, soube por um artigo de jornal encontrado por minha mãe que o padre P tinha feito sexo com muitas crianças. O ponto era que o padre P foi o melhor padre que conheci e ele me ensinou muito sobre os mandamentos, a lei e o amor de Deus. Senti a furiosa traição de uma fiel abandonada. Meu vocabulário feminista me deu as palavras para articular essa fúria: quando Deus, o pai e a cultura andam juntos, o perigo do patriarcado é desencadeado. Foi assim que entendi o esquema.

Ken escutou com interesse e ficou em silêncio por um tempo. Quando começou a falar, recolocou-me nos eixos. Ele disse: “Não, não estou falando da igreja, quero dizer Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito

Santo. Você realmente chegou a repudiar o Deus descrito no *Credo apostólico*?".

Aturdi-me por ele ter mencionado o *Credo apostólico*.

Disselhe que estive recitando mentalmente o pai-nosso e o *Credo apostólico* naquela semana. Não os estava trazendo à mente de forma intencional. Eles estavam apenas grudados na minha cabeça do mesmo jeito que a música-tema do antigo programa de TV "Petticoat Junction"[7] ficou na minha cabeça nos primeiros 16 quilômetros da minha última maratona.

Para alguém criado como católica, contudo, a igreja era o próprio Deus, assim nunca pensei sobre separar os dois. Eu nunca pensei que fosse possível crer que o *Credo apostólico* era verdade e não ser membro da Igreja Católica (a "una e verdadeira Igreja", como a Igreja Católica ensina). Eu também pensava que o uso da palavra "católico" no *Credo apostólico* significava a Igreja Católica. Aqui está o *Credo apostólico* como eu tinha memorizado e como os católicos o ensinam:

Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos Céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.[8]

Nunca pensei na "santa Igreja Católica" com o sentido de igreja universal, isto é, todos os que invocam Cristo para receber o perdão dos pecados. Pensei que significasse a denominação católica.

Ken me fez outra pergunta: "Em algum momento você repudiou seu batismo?".

Disse ter jamais pensado sobre meu batismo, uma vez sequer. Minha mãe guardava em uma caixa o vestidinho branco em que me vestira e o boletim da igreja que anunciava meu batismo. Conheci meus padrinhos, embora nunca tenha conversado sobre qualquer assunto espiritual ou voltado a Deus com nenhum deles. “Por que meu batismo é importante?”, perguntei-me. Eu era uma criança. Mais uma vez, não era algo que escolhi, mas um símbolo imposto da cultura e herança da minha família. Ken me explicou que embora o batismo não seja regenerador, ele marca os que se encontram na aliança da família de Deus. Ele me mandou voltar para casa e pensar sobre meu batismo e sobre Deus ter orquestrado minha vida de forma tal que fui colocada em uma família que me criou com educação religiosa. Frequentei escolas católicas e públicas e recebi quatro sacramentos católicos sem compreender nenhum deles. Ken me instruiu a ir para casa e pensar sobre o significado do meu batismo e meu histórico de instrução religiosa.

“Que tarefa estranha”, pensei.

Fui para casa naquela noite e orei para que Deus me ajudasse a entender as perguntas de Ken e os meus sentimentos estranhos.

Sempre penso sobre como Ken lidava com minhas perguntas — e com essa em particular. É claro que ele podia ter encurtado a conversa. Quando confessei meu conflito espiritual, ele poderia ter recitado Atos 16.31: “Crê no Senhor Jesus, e tu e tua casa sereis salvos”. Muitos pastores evangélicos teriam agido como um tubarão farejando sangue fresco diante da oportunidade de citar esse versículo da Bíblia para alguém como eu. Com certeza, teria sido uma conversa mais fácil caso ele tivesse abordado minha pergunta com citações da Bíblia. Mas Ken contou-me recentemente que o Espírito Santo não lhe deu

liberdade de falar isso. Ken sentia que eu precisava examinar meu coração e também sentia que precisava saber mais sobre como foi minha formação e instrução religiosa. Ken respondeu minha pergunta convencendo-me a fazer um balanço de mim mesma diante de Deus.

Concluí que meu batismo significava algo — mas o que, eu não tinha certeza. Eu concluí que a providência divina ao me dar mais educação religiosa do que muitas pessoas recebem também significava algo, embora eu tivesse de reaprender cada jota e cada til. Concluí que Deus era maior que minha consciência.

No domingo seguinte, comecei a frequentar a igreja presbiteriana — e não para pesquisa. Naquela manhã — 14 de fevereiro de 1999 — levantei da cama de minha amante lésbica e, uma hora depois, estava sentada em um banco da igreja. Compartilho esse detalhe com você não para ser lúgubre, mas meramente para dizer que você nunca sabe o terreno trilhado por alguém até adorar o Senhor.

Mesmo que eu me sentisse uma aberração na igreja, desejei retornar. Depois de um encontro subsequente com Ken, voltei para casa e minha parceira lésbica me disse que eu estava mudando e que ela estava preocupada. Do que eu precisava? Alguma folga do trabalho? Talvez nós precisássemos tirar aquelas longas férias. T é uma psicóloga, e você não pode esconder muita coisa de uma psicóloga.

As palavras da minha amiga transexual ainda estavam pesando sobre meu coração. Quem é esse Jesus que cura alguns, mas não outros? É certo orar por cura quando, da perspectiva da Bíblia, eu devia me arrepender do meu pecado? Deus ouve orações não concebidas nos termos que ele dispõe na Bíblia? Se Jesus é a Palavra viva, nós podemos orar “por meio” dele caso não o sigamos como nosso Salvador e Senhor? Essas questões pesaram muito sobre mim.

Naquela noite, orei e perguntei a Deus se a mensagem do Evangelho também era para alguém como eu. Senti visceralmente a presença viva de Deus enquanto orava. Jesus parecia presente e vivo. Sabia não estar sozinha em meu quarto. Pedi que, se Jesus fosse verdadeiramente um Deus real e ressurreto, que mudasse meu coração. E, se ele fosse real e se eu fosse dele, que ele me desse a força de espírito para segui-lo e o caráter para tornar-me uma mulher piedosa. Orei pela firmeza de caráter para arrepender-me de um pecado que, nesse momento, não parecia realmente pecado — parecia minha vida, pura e simplesmente. Orei para que, se minha vida fosse realmente dele, ele a retomasse e a transformasse no que desejava que ela fosse. Eu pedi que ele tomasse tudo: minha sexualidade, minha profissão, minha comunidade, meus gostos, meus livros e meus amanhãs.

Duas cosmovisões incomensuráveis colidiram: a realidade da minha experiência vivida e a verdade da Palavra de Deus. Na filosofia continental, nós falamos sobre a diferença entre o verdadeiro e o real. Tinha minha vida se tornado real, mas não verdadeira? A Bíblia me dizia para arrepender-me, mas eu não me sentia como se estivesse me arrependendo. É preciso sentir arrependimento para se arrepender? Eu era uma pecadora ou estava, nas palavras da minha amiga *drag queen*, doente? Como arrepender-se de um pecado que não parece pecado? Como o que eu tinha estudado e me tornado poderia ser pecaminoso? Como eu poderia obter cátedra em uma área que é pecado? Como eu e todos que conhecia e amava poderiam estar em pecado? Nesse tormento de confusão,aprendi algo importante. Aprendi a primeira regra do arrependimento: o arrependimento exige maior intimidade com Deus que com o pecado. Quão maior? Mais ou menos o tamanho de um grão de mostarda. O

arrependimento exige que nos aproximemos de Jesus, não importa o que aconteça. E, algumas vezes, todos temos de nos arrastar até lá sobre nossas mãos e joelhos. Arrependimento é um assunto íntimo. E, para muitos de nós, intimidade com algo é uma perspectiva atemorizante.

Quando Cristo me deu a força para segui-lo, não parei de me sentir lésbica. Descobri que o Senhor não mudaria meus sentimentos até eu lhe obedecer. Durante um sermão, Ken chamou a atenção para João 7.17 e o designou "hermenêutica da obediência". Jesus fala nessa passagem, e diz: "Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, saberá se esse ensino é dele, ou se falo por mim mesmo". Ahá! Aqui estava! A obediência precede o entendimento. Eu *queria* entender. Mas eu realmente queria fazer sua vontade? Deus prometeu me revelar esse entendimento se eu "quisesse fazer sua vontade". A Bíblia não diz apenas *faça* a vontade dele, mas "queira fazer a vontade dele". Querer entender é uma afirmação teórica; querer fazer sua vontade exige ação.

Sabia que eu não tinha isso! Pedi ao Senhor que me desse uma vontade plenamente comprometida. Aprendi que o Senhor quer todas as nossas lealdades em submissão a ele. Ele quer que nos identifiquemos, quer chamar-nos pelo nome, em seu nome por nós. No meu caso, meus sentimentos de lesbianismo eram conhecidos, confortáveis e reconhecíveis, e eu estava relutante em abandoná-los. Eu me agarrei a Mateus 16.24, lembrando-me de que, em algum ponto na vida, todo crente tinha que dar o passo que eu estava dando: renunciar aos próprios direitos, tomar a cruz (isto é, a historicidade da ressurreição, e não tolerar masoquismo para agradar os outros), e seguir Jesus. O Senhor deixou claro para mim que eu precisava fazer algumas sérias mudanças na minha vida.

Comecei a obedecer a Deus em meu coração um passo de cada vez. Terminei com minha namorada. Meu coração não estava realmente a fim de romper, mas eu esperava que Deus considerasse minha obediência mesmo com essa mentalidade dobre. Comecei a frequentar a igreja com regularidade, com todo o meu coração, com o propósito único de adorar a Deus. Parei de me preocupar se eu parecia uma aberração ali. Passei a aceitar a amizade que os membros da igreja me ofereceram. Aprendi que nós devemos obedecer em fé antes de nos sentirmos melhores ou diferentes. Na época, porém, obedecer em fé me parecia como me jogar de um penhasco. A fé que resiste é heroica, não sentimental.

Então vieram os pesadelos. Noite após noite, eram sonhos tão vívidos e reais que eu podia prová-los e senti-los. Sonhos tão dominadores que, quando finalmente acordava, sentia-me asquerosa e delirante.

Minha jornada para deixar o lesbianismo foi confusa e difícil. Passei muito tempo em oração — e ainda passo. Dependi profundamente do aconselhamento das mulheres da igreja: Floy Smith, Vivian Rice, NM, Becky Smith, Robyn Zorn, Corrine Thompson, Marty Wright, Kathy Donath. Fiz a elas perguntas vulneráveis e reais e elas me responderam e me amaram apesar de tudo. A jornada para deixar o lesbianismo teve muitas dimensões, e o Senhor foi gracioso conduzindo-me em um pequeno passo e, então, bloqueando o caminho que cruzei para manter-me a salvo e perto dele. Desde a primeira noite, não havia volta.

Lenta, mas firmemente, meus sentimentos começaram a mudar — sentimentos sobre eu mesma como mulher e sobre o que a sexualidade é de verdade e o que não é. Eu — como quase todos que se identificam como gays ou lésbicas — me sentia muito confortável, sentia-me em casa com meu corpo, com meu lesbianismo. O

indivíduo não pode arrepender-se de um pecado de identidade em uma sessão. Pecados de identidade têm dimensões múltiplas e, ao longo da jornada, busquei meu pastor e sua esposa, amigos no Senhor, e sempre o Senhor com as diferentes facetas do meu pecado. Não estou falando de diferentes incidentes ou exemplos do mesmo pecado, mas diferentes facetas do pecado — como o orgulho, por exemplo, moldou minhas tomadas de decisões, ou como minha indisposição de perdoar outras pessoas tinha ilhado meu coração em amargura. Segui por essa jornada com ajuda. Não há outra forma de fazê-lo. Ainda sigo esse caminho com ajuda.

O ensino, as orações e as amizades que o Senhor me tem dado mediante o Corpo de Cristo abençoaram-me ricamente. Sou grata pelo fato de o Senhor levar-me para uma igreja tão forte no ensino quanto na compaixão. Descobri a igreja perfeita? Não. Quase saí quando as coisas ficaram difíceis, e elas ficaram rapidamente difíceis. A época em que levei minha amiga *drag queen* à igreja forçou muita gente a sair de sua zona de conforto.

Quando uma das minhas alunas, lésbica, recuperava-se de uma tentativa de suicídio, primeiro na casa do pastor e, depois, na minha casa, e a comunidade cristã e a comunidade lésbica precisaram passar muito tempo juntas, fiquei de fato nervosa. Minhas amigas lésbicas tiveram de aprender que nem todos os cristãos eram intolerantes. Meus amigos cristãos tiveram de aprender que os cristãos têm muito a aprender sobre a obra de misericórdia com gays e lésbicas. De início, não percebi o poder dessa troca frutífera, sentindo-me muito desconfortável. Não sabia como ser uma ponte para os dois grupos.

Em uma sexta à noite, partilhando isso na casa de Ron e Robyn Zorn, Ron lembrou-me de que as pessoas

pisam nas pontes, e que isso é uma parte natural de ser ponte. Ahá! Então, eu relaxei, lembrando que isso é obra do Senhor, não minha. Pontes, todavia, são pisadas e, se o Senhor nos chama para ser uma ponte, precisamos aprender a suportar o peso na força dele. E isso fere. E isso é bom. E o Senhor capacita. Como prometeu na Escritura, ele dá a força necessária para permanecermos firmes e confiarmos nele. Sem dúvida, a igreja de Syracuse cresceu em compaixão por causa da necessidade urgente que eu trouxe, e a comunidade lésbica cresceu em conhecimento de como a vida em Cristo pode parecer.

Deus me mandou para uma igreja conservadora reformada e presbiteriana para arrepender-me, ser curada, aprender e crescer. O pastor de lá não me terceirizou para um ministério paraeclesiástico “especializado” em “gays”. Ele e o conselho sabiam que a igreja é competente para aconselhar (citando o título de um dos úteis livros de Jay Adams). Eu precisava (e preciso) de pastoreio fiel, não do brilho e do glamour que capturaram a alma da cultura evangélica moderna. Precisava me apoiar com profundidade no peso completo da Escritura, na totalidade da Palavra de Deus, e estou grata por que, quando ouvi o chamado divino em minha vida, e tentei diminuir minha aposta, manter minha namorada e adicionar um pouquinho de Deus à minha vida, tive um pastor e amigos no Senhor que me pediram nada menos que morrer para mim mesma. A ortodoxia bíblica pode oferecer verdadeira compaixão porque, na batalha contra o pecado, não podemos abalar o poder de Deus para mudar vidas.

A cura advém da obra de Deus, e Deus lida conosco de maneira diferente quando lidamos com ele de maneira diferente. Quando nos arrependemos, ele escuta. Creio estar curada? Sim. Minha vida mostra os sinais. Minha vida passou de preta e branca para colorida. No início,

não me reconhecia no mundo. Hoje, não me reconheço em fotos da minha vida como lésbica.

Dra. Maureen Vanterpool, uma colega do Geneva College, disseme recentemente que ser lésbica era um caso identidade trocada. Isso se tornou um paradigma intrigante e importante para mim. E mesmo que eu já não seja lésbica, ainda sou pecadora. Sou redimida, mas ainda caída. E pecado é pecado. Creio que o Senhor se entristece mais com os pecados de minha vida atual que pelo meu passado como lésbica. Como o Senhor me curou? Da maneira que ele sempre cura: a Palavra de Deus ficou maior em meu interior que eu mesma. Minha inclinação natural era resistir, e, como reflexo, fiz isso. O povo de Deus me envolveu. Não para manipular, não para importunar. Mas para amar, escutar, zelar e orar. E, mais tarde, em vez de resistir, rendime.

Pouco depois de tornar-me cristã, aconselhei uma mulher que estava em um relacionamento lésbico enrustido e era membro de uma igreja que cria na Bíblia. Ninguém na igreja dela sabia. Assim, ninguém em sua igreja orava por ela. Portanto, ela não buscava nem recebia aconselhamento. Não havia “suportando uns aos outros” para ela. Nem confissão, arrependimento, cura e alegria em Cristo. Apenas isolamento, vergonha e fingimento. Alguém lhe vendera o monte de mentiras: Deus pode curar sua língua mentirosa ou o coração ferido, até curar câncer se ele decidir, mas não pode transformar a sexualidade. Eu lhe disse que meu coração sofria com o isolamento e a vergonha dela, e perguntei por que ela não compartilhava sua luta com alguém da igreja. Ela disse: “Rosaria, se as pessoas da minha igreja realmente acreditassem que os gays podem ser transformados por Cristo, não falariam sobre nós ou orariam por nós da maneira odiosa como fazem”.

Leitor cristão, é isso que as pessoas dizem quando ouvem você falar e orar? Suas orações não vão além do preconceito?

Creio que as igrejas seriam lugares de mais intimidade e crescimento em Cristo se as pessoas parassem de mentir sobre o que precisamos, o que tememos, onde falhamos e como pecamos. Acho que muitos de nós têm dificuldade em crer no Deus em que cremos quando as coisas ficam difíceis. E suspeito que em vez de procurarmos aconselhamento e orientação dos mais fortes no Senhor, recuamos isolados e envergonhados, e permitimos que o pecado nos cubra, derrotando-nos de novo. Ou talvez prossigamos em nosso orgulho. Realmente cremos que a Palavra de Deus é uma espada de dois gumes, capaz de dividir o espírito e a alma? Ou usamos a Palavra de Deus como teleponto que controla apenas o comportamento externo?

Embora agradecida, não percebia que a conversão era "uma bênção". Ela foi uma tragédia. Depois que professamos a fé em Cristo, o alarme ainda toca na manhã seguinte, e temos de sair da cama e fazer alguma coisa. E, embora não possamos perder a salvação, se não estamos crescendo em maturidade espiritual, podemos perder todo o resto. No trabalho, após a conversão, enfrentei a tolice do meu pecado, perdoado por Deus, mas ainda presente para ser dissipado. Isso exigia entendimento e aplicação da Escritura novos e ainda mais intensos.

Quando me tornei cristã, tive de mudar tudo — minha vida, meus amigos, minha escrita, meu ensino, minha orientação, minhas roupas, meu discurso, meus pensamentos. Obtive a cátedra na área em que já não podia trabalhar. Era a conselheira estudantil de todos os grupos gays, lésbicos e feministas no *campus*. Estava escrevendo um livro e que já não acreditava. Estava agendado, dali a poucos meses, que eu fizesse

o discurso de abertura para todos os alunos de pós-graduação da universidade. O que eu diria a eles? A palestra que eu tinha escrito e planejado apresentar — sobre Teoria Queer — havia sido jogada no lixo. Milhares de novos alunos ouviriam minhas primeiras e incipientes tentativas de falar sobre hermenêutica cristã em uma universidade pós-moderna. Fiquei tomada de dúvidas sobre minha nova vida em Cristo. Estava disposta a sofrer como Cristo? Estava disposta a ser considerada estúpida por quem não conhecia Jesus? Os olhos do mundo registram o que a vida em Cristo tira, mas como eu comunico tudo que ela dá? Eu realmente creio, nas palavras de Charles Bridges, que "as próprias cadeias de Cristo são gloriosas"?[9] Pedro, depois de ser espancado por pregar o evangelho, alegrou-se por ser julgado digno "de sofrer afronta por causa do nome de Jesus" (At 5.41). Ponderei isso. Para o mundo, isso é masoquismo. Para o cristão é liberdade. Eu cria nisso de verdade? Realmente creio nisso hoje?

Pensava: se minha vida fosse a única evidência de que Cristo estava vivo, alguém seria convencido?

E quanto a meu lar, meu *habitus*? O *habitus* é o estilo de vida que forma hábitos da mente, hábitos do coração e hábitos do espírito. Até aí, meu *habitus* fora bastião do ativismo político de esquerda. Como seria um *habitus* cristão, em especial o de uma ex-lésbica solteira com um doutorado agora extinto?

E minha amiga *drag queen*, que tinha pedido a cura do Senhor? O que exatamente isso significava? O que é arrependimento de fato? Sendo um estilo de vida para o cristão, precisava entendê-lo completa, compreensiva, profundamente e bem.

E quanto às minhas responsabilidades em relação aos amigos gays? Seus segredos ainda estavam a salvo comigo?

O que significa alegria em Cristo quando confrontada com obrigações que você não quer?

Como estou certa de que essas preocupações deixaram claro, eu não queria, de forma alguma, “compartilhar a esperança que há em mim”. Desejava voltar para cama e cobrir a cabeça com os cobertores.

A conversão me colocou em um caos complicado e completo. Algumas vezes, quando ouço outros cristãos orando pela salvação dos “perdidos”, pergunto-me se eles percebem que esse caos completo é o fim desejado dessas orações. As pessoas sempre me pedem para descrever as “lições” aprendidas com a experiência. Não consigo. Foi muito traumática. Às vezes, nós realmente não aprendemos lições na crise. Algumas vezes, o resultado é mais simples e mais profundo: algumas vezes, o caráter é simplesmente transformado.

2. Arrependimento e o pecado de Sodoma

Syracuse, Nova York, abril de 1999 — agosto de 2000

Em abril de 1999, senti o chamado de Jesus Cristo sobre minha vida. Foi ao mesmo tempo sutil e gritante, como a paz no olho do furacão. Não me foi possível resistir e não conseguia entender de forma alguma o que a minha vida se tornaria. Certo, certo. Como eu sei que era Jesus? Talvez não fosse minha culpa católica, meu subconsciente movido à cafeína ou o queijo de soja com *curry* da noite anterior? Bem, não sei. Mas cri — e creio — que era Jesus.

Nesse momento estava apenas começando a pedir que Deus me mostrasse meus pecados e me ajudasse a arrepender-me deles. Não entendia por que a homossexualidade era pecado, por que algo na manifestação específica de amor entre o mesmo gênero era errado em si mesmo. Mas sabia que o orgulho era pecado, então decidi começar aqui. Enquanto começava a orar e arrepender-me, pensava: o orgulho poderia ser a raiz de todos os meus pecados? Pensava: qual foi o verdadeiro pecado de Sodoma? Sempre pensei que o juízo sobre Sodoma (em Gn 19) claramente identificava e mirava a homossexualidade. Cria que o julgamento de Deus contra Sodoma exemplificava o mais violento dos juízos divinos. Porém, enquanto lia a Bíblia com mais profundidade, deparei-me com uma passagem que me fez parar e pensar. Essa passagem no livro de Ezequiel revelou-me que Sodoma foi acusada de materialismo e negligência em relação aos pobres e necessitados — e que a homossexualidade era um sintoma e extensão desses outros pecados. Na passagem, Deus fala a seu povo escolhido em Jerusalém e, usando Sodoma como exemplo, faz-lhes um alerta sobre o pecado oculto. É importante observar que Deus não diz que o pecado de Sodoma é o pior dos pecados. Em vez disso, Deus usa o pecado de

Sodoma para revelar o pecado maior cometido por seu povo:

> Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, tua irmã Sodoma e suas filhas não fizeram como tu e tuas filhas fizestes. E esta foi a maldade de tua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram orgulhosas, tiveram fartura de provisão e prosperidade despreocupada; mas nunca ajudaram o pobre e o necessitado. Elas também se tornaram arrogantes e praticaram abominação diante de mim; por essa razão, ao ver isso, eu as tirei do seu lugar (Ez 16.48-50).

Descobri que essa passagem revela algumas coisas surpreendentes. Nela, Deus compara Jerusalém a Sodoma e diz que o pecado de Sodoma lhe é menos ofensivo que o de Jerusalém. A seguir, Deus nos conta o que está na raiz da homossexualidade e qual é a progressão do pecado. Lê-se aqui que a raiz da homossexualidade também é a raiz de uma miríade de outros pecados. Primeiro, encontramos o orgulho ("[Sodoma] e suas filhas eram orgulhosas"). Por que orgulho? O orgulho é a raiz de todos os pecados. O orgulho incha-nos com o falso senso de independência. Pessoas orgulhosas sempre se sentem como se pudessem viver de modo independente de Deus e dos outros. Pessoas orgulhosas sentem-se autorizadas a fazer o que quiserem quando quiserem.

Segundo, encontramos a opulência ("fartura de provisão") e a cosmovisão voltada para o entretenimento ("prosperidade despreocupada"). Viver conforme os padrões divinos Deus é um gosto adquirido. Desenvolvemos o gosto pela vida piedosa só quando intencionalmente colocamos em ação práticas que nos capacitam a viver abaixo de nossos recursos. Desenvolvemos o gosto pelos padrões divinos só disciplinando a mentes, as mãos, o dinheiro e o tempo. Na economia divina, disciplinaremos o que amamos. Deus não nos criou para — como o título de um antigo livro sobre pós-modernismo declara — "entreter-nos até a morte".[10] O gosto indisciplinado sempre leva a pecado flagrante — lenta e quase imperceptivelmente.

Terceiro, nós encontramos a falta de misericórdia (“nunca ajudaram o pobre e o necessitado”). Recusar a ser o próximo misericordioso nos termos extremos exemplificados pelo samaritano ao inimigo cultural deixado para morrer na estrada de Jericó (Lc 10.25-37) leva ao pecado flagrante. Acho que essa é uma verdade chocante e imagino que muitos cristãos verdadeiros ficariam horrorizados em ver essa verdade exposta nesses termos claros! Deus nos chama para sermos misericordiosos com os outros *para nosso próprio bem*, como para o bem da nossa comunidade. O coração de todos se endurecerá para os sussurros de Deus se dermos as costas aos que têm menos que nós.

Quarto, encontramos falta de discrição e modéstia (“elas também se tornaram arrogantes e praticaram abominação diante de mim”). Orgulho combinado com prosperidade leva ao ócio porque você falsamente sente que Deus apenas quer sua diversão. Se não tratado, esse pecado crescerá, tornando-se luxúria movida a entretenimento. Se não tratado, esse pecado crescerá até tornar-se a dureza de coração que declara que as preocupações dos outros não são responsabilidade ou problema seu. Se não tratado, ficamos firmes no pecado e sentimo-nos autorizados a viver de modo egoísta movidos pelos valores culturais gêmeos: adquirir e alcançar. Modéstia e discrição não são valores à moda antiga. Eles são padrões divinos que nos ajudam a encorajar uns ao outros às boas obras, não à cobiça.

Note que não há nada inerentemente sexual em qualquer desses pecados: orgulho, opulência, guiar-se pelo entretenimento, falta de misericórdia, falta de modéstia. Gostamos de pensar que o pecado é contido pelas categorias da lógica ou da psicologia. Não é. Então, por que presumimos que o pecado sexual tem origens sexuais ou afetivas? É por isso que temos um foco tão limitado no âmbito da sexualidade. Sexualidade não é o que fazemos na cama. Ela engloba um amplo leque de necessidades, exigências e desejos. É mais um sintoma da condição da

vida que uma causa, mais uma consequência que uma origem.

É importante notarmos que não vemos Deus ridicularizando a homossexualidade ou considerando-a um pecado diferente, incomum ou exótico. Ao contrário, o que vemos é o alerta divino: se você tolera os pecados de orgulho, opulência, luxúria por entretenimento, falta de misericórdia e falta de discrição, você se descobrirá afundado em pecado — e o tipo de pecado pode lhe surpreender. Esse pecado pode unir-se a um padrão de vida íntima ou vagamente ligado a essa lista. Embora o pecado não seja contido por categorias lógicas de progressão, todavia, o pecado *é* progressivo. Ou seja, embora o pecado não seja contido por tipos ou categorias, se ignorado, desculpado ou desfrutado, o pecado cresce e se espalha como erva daninha.

Mas Deus é o Deus de misericórdia, redenção, segundas chances e salvação. E, assim, no ministério terreno, quando Jesus usa Sodoma como exemplo, o exemplo revela que Deus está mais irado com os religiosos dos dias de Jesus que com os habitantes de Sodoma. Jesus diz o seguinte ao povo de Deus em Cafarnaum:

> E tu, Cafarnaum, serás elevada até o céu? Até o inferno descerás! Se em Sodoma se realizassem os milagres que em ti se realizaram, ela teria permanecido até hoje. Contudo, eu te digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma do que para ti (Mt 11.23,24).

Jesus nos diz com clareza que se Sodoma tivesse visto o poder de Deus manifestado diante deles como Cafarnaum, ela teria se arrependido e vivido. A injunção de Jesus, de que Deus é mais ofendido pelos pecados de quem afirma conhecê-lo que pelos de quem não o conhece, mexeu comigo. Há uma imparcialidade e abrangência nas palavras de Jesus que simplesmente não se refletem na cultura evangélica moderna. Vemos essa abrangência refletida no convite de Jesus registrado no final do capítulo. Jesus declara: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e

sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.28-30). Essas passagens também me convenceram de que a homossexualidade — como todo pecado — é sintomático e não causal — isto é, ela nos informa onde nosso coração tem estado, não quem somos de forma inerente ou o que estamos destinados a nos tornar.[11]

Essas passagens me forçaram a ver o orgulho, e não a orientação sexual, como o pecado básico. Por sua vez, isso moldou a forma que refleti sobre toda a minha vida, no contexto da Palavra de Deus. Percebi que minha sexualidade nunca fora pura e meus relacionamentos nunca honraram outra pessoa ou o Senhor. Meu código moral englobava monogamia periódica, sexo "seguro" e sexo só no contexto do amor. Amor, fundamentado apenas em sentimentos pessoais — como o me —, muda sem aviso ou lógica. A verdade é que, fora de Cristo, sou manipuladora, mentirosa, prepotente e controladora. Em meus relacionamentos com homens e mulheres, tinha que estar no comando. Matava com gentileza e assassinava com presentes. Comprava a lealdade e as afeições das pessoas. Fui lésbica por quase uma década. Considerava-me uma lésbica "informada" — alguém que teve relacionamentos com homens e os achou insuficientes e insatisfatórios. Não me considerava bissexual porque não ter a intenção de manter um relacionamento com um homem outra vez. Não achava os homens atraentes ou interessantes. Minha identidade lésbica começou de maneiras não sexuais: sempre gostei da boa comunicação partilhada pelas mulheres. Também acabava me ligando a mulheres por *hobbies*, interesses e valores políticos feministas e esquerdistas em comum. Não me interesso por qualquer forma de pornografia e, assim, a atração visual nunca motivou minhas amizades ou reações a outras pessoas. Partilho minha história sexual com você não para ostentar

meu pecado ou ofender meu leitor, mas para revelar que minha sexualidade era pecaminosa não por ser lésbica *per se*, mas por não ser controlada por Cristo. Meu passado heterossexual não era mais santificado que meu presente homossexual. Deus tinha me revelado isso de forma poderosa enquanto ouvia a pregação de sua Palavra, enquanto lia a Bíblia e enquanto conversava com outros cristãos da minha igreja sobre o que a sexualidade significava na economia divina. Ao me compreender como ser sexual, responder a Jesus (isto é, "entregar minha vida a Cristo") não significava voltar para o passado heterossexual, mas seguir adiante para algo inteiramente novo. Na época, pensava que isso provavelmente seria o celibato e a vida sozinha. A sexualidade que não devorava o outro parecia inimaginável para mim. E, embora nunca tenha realmente gostado da ideia de envelhecer só, aceitei que se Deus podia me levar em segurança a esse ponto da vida, ele me veria passando pelo próximo trecho também.

Cada aspecto da minha vida passou pelo escrutínio da minha nova cosmovisão cristã. Era como se alguém ligasse um holofote e eu não pudesse diminuir a intensidade. Entendi por que o fariseu Saulo na estrada para Damasco ficou cego por três dias graças à luz do evangelho! Aprendi que o pecado enraíza-se não em comportamentos externos, mas em padrões de pensamento. Sentia-me como o falante não nativo enquanto me atrapalhava como nova cristã. Minha companheira de quarto (não minha ex-amante e sim alguém que alugava um cômodo na minha casa) era uma escritora lésbica e bruxa *wicca* que havia pouco passara por um rompimento complicado. Ela queria saber se tinha que se mudar — agora que eu era cristã. Tivemos uma longa conversa sobre tolerância e honestidade. Ela era uma pessoa gentil e tinha me ajudado a achar equilíbrio antes, e fiquei feliz porque ela não iria mudar de imediato. Decidimos que ela deveria ficar pelo verão e planejamos para novembro de 1999 a data da mudança. Acostumamo-nos à nossa rotina doméstica.

Enquanto relia minha vida, percebi que meu pecado sexual estava enraizado não apenas no orgulho mas no falso entendimento de gênero. Passei a perceber que eu não poderia ser uma mulher piedosa se não soubesse ser *mulher*. Pastor Ken pregou um sermão que realmente me levou a isso e, em uma tarde de segunda-feira, depois de orar com fervor ao Senhor que me mostrasse como viver como mulher piedosa, fui até a relação de membros da igreja e escolhi as três mulheres cuja piedade, senso de identidade, força pessoal e integridade realmente se destacavam para mim. Escolhi mulheres diferentes de mim, mas pessoas que podiam responder-me com honestidade. Chamei Becky Smith, Corrine Thompson e Kathy Donath. Fiz perguntas simples, talvez até ingênuas, e lembro-me de quão sensível cada uma delas foi ao responder minhas perguntas. Ainda estava lutando com minha identidade, agora com minha nova identidade cristã. Como uma mulher "como eu" poderia ser piedosa? Cada mulher conduziu-me à Maria Madalena e à mulher de Provérbios 31. Elas lembraram-me de que conhecer o perdão de Deus em sentido real e vital é a raiz da piedade — para homens ou mulheres.

Comprometer a vida com Cristo não era só uma troca filosófica. Não era um processo de uma etapa. Não envolvia reorganizar os preconceitos exteriores e lealdades inconstantes da minha vida. A conversão não "ajustou" minha vida. Ela reestruturou minha alma e personalidade. Foi árdua e intensa. Experimentei com grande profundidade o poder e a autoridade de Deus em minha vida. Nela, aprendi — e ainda estou aprendendo — a amar Deus com todo o meu coração, toda a alma, força e mente. Quando alguém morre para si mesmo, não lhe resta nada do passado para ser usado como barro a partir do qual moldar a vida.

Como a conversão, na Escritura e em minha experiência pessoal, é árdua e transformadora, temo as consequências da fé fácil que tipifica a moderna cultura evangélica.

Atualmente, moro em uma vizinhança que muitas vezes parece a Disneylândia da cultura evangélica. Tenho vizinhos membros de uma das grandes igrejas de nossa comunidade. A igreja deles tem um restaurante *fast-food* (assim ninguém fica com fome), uma famosa cadeia de cafeterias (assim ninguém fica com sono ou sente-se privado dos confortos materiais) e um castelo inflável (de modo que as crianças pensarão que Deus só quer que você se divirta). A igreja organiza um bolão patrocinado por ela (isto é, um programa de apostas) em torno do quadrangular final da NCAA.[12]

Quando comparamos o que fazemos na igreja, o que aprendemos estudando a Bíblia e o que queremos dizer quando nos chamamos de seguidores de Cristo, nosso vocabulário pode ser o mesmo, mas o significado por trás dele é muito diferente. E quando se trata de como criamos os filhos, as diferenças são profundas. Outra igreja em nossa vizinhança está planejando um orçamento de 19 milhões de dólares para construir seu local de culto, seguindo esse mesmo modelo. As igrejas definem-se como igrejas com propósitos, amigáveis e voltadas para os visitantes. E seus orçamentos anuais, como amigos missionários me salientaram, poderiam alimentar por anos todos os órfãos com AIDS na África. Só o orçamento de *donuts* do culto da manhã teria um grande efeito no problema da pobreza no Terceiro Mundo!

O movimento de igrejas com propósitos faz da conversão uma simples questão de dizer palavras mágicas, o mantra que transforma Jesus no Mr. Rogers[13] da consciência. No livro popular*, Uma vida com propósitos*,[14] o autor Richard (Rick) Warren representa a conversão com estas palavras: “Jesus, creio em ti e te recebo” (p. 59). Há um poço de falsa esperança em colocar a fé em nossas palavras e não na compaixão de Deus em receber para si pecadores. Warren falsa (e perigosamente) nos assegura de nossa salvação. Ele escreve: “Se você fez esta oração com sinceridade,

parabéns! Bem-vindo à família de Deus!”(p. 59). Como julgo minha própria sinceridade? A graça redentora da salvação encontra-se no Deus santo e eletivo, e no Salvador que se sacrificou, sofreu e obedeceu. Apostas tão altas jamais podem repousar sobre minha sinceridade.

Quando leio algo como isso, não reconheço Jesus, a Bíblia Sagrada, minha conversão ou até a mim mesma. Pouco tempo atrás, de férias na Carolina do Sul, meu marido e eu fomos a uma “comunidade”. Meu pastor e marido, conservador e presbiteriano reformado, percebeu, enquanto voltávamos para o quarto do hotel, que tínhamos acabado de testemunhar um culto que incluía um batismo sem água, pregação sem Escritura, uma conversa sobre decepção e vigorosas observações sobre responsabilidade financeira sem oração, a distribuição de flores e presentinhos sem graça, e uma despedida sem bênção. Contudo, todos estavam sorrindo quando chegou a hora de sair. A oração de conversão da igreja estava impressa no boletim. Ela dizia o seguinte: “Querido Deus, sinto muito por meus erros. Obrigado pela salvação”.

Essas deturpações do evangelho são perigosas e enganosas. O pecado não é mero erro. Um erro é pegar a entrada errada na rodovia. Um pecado é um ato de traição contra o Deus santo. Um erro é um deslize lógico. O pecado esconde-se em nosso coração e nos agarra pelo pescoço para cumprir suas ordens. Lembra-se do que Deus disse a Caim sobre seu pecado? Vale para nós também. No capítulo 4 de Gênesis, Deus adverte Caim desta forma: “O pecado jaz à porta, e o desejo dele será contra ti; mas tu deves dominá-lo” (Gn 4.7). Ao aceitar deturpações do evangelho que apresentam o pecado como menos que isso, você nunca descobrirá o fruto do arrependimento. O apóstolo Paulo define a vida pós-conversão de forma simples: em Cristo ele agora pratica “obras próprias de arrependimento” (At 26.20). Essa ideia de que nos arrependemos e servimos também é refletida nas palavras do último profeta do Antigo Testamento, João Batista, que prepara o caminho do

Senhor ao advertir os religiosos de seus dias: “Arrependei-vos, porque o reino do céu chegou”(Mt 3.2) e, depois de arrependerem-se, “produzi fruto próprio de arrependimento” (Mt 3.8). O próprio Jesus nos admoesta contra deixarmos de considerar o custo do discipulado ou de testarmos a nós mesmos na fé quando diz:

> “Nem todo o que me diz Senhor, Senhor! entrará no reino do céu, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu. Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, nós não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? Em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais o mal” (Mt 7.21-23).

A vida cristã é impregnada do poder e da autoridade sobrenaturais de Deus. Deus é o Deus da salvação. Não controlamos Deus dizendo palavras mágicas ou frequentando a igreja. Conversão é um assunto do coração. Antes que possamos vir a Cristo, devemos nos esvaziar do falso orgulho, da transferência de culpa, da invenção de desculpas e da autoilusão que inquieta nossos dias e relacionamentos. Antes que possamos vir a Cristo, devemos vir a nós mesmos.

Depois da conversão, cada dia e cada parte da rotina da minha vida era um teste de fé. Antes, eu fora uma professora muito popular em estudos gays e lésbicos. Já estava escalada para ensinar “Introdução aos Estudos da Mulher” (uma classe em que rotineiramente mais de 200 alunos matriculavam-se) e “Pedagogia Feminista” (um seminário de pós-graduação para pós-graduandos que lecionavam sob minha orientação) no segundo semestre de 1999. Teria de prosseguir e dar essas aulas, mas teria de encontrar uma maneira de ensinar como cristã. Ainda precisava fazer a descrição do curso para as aulas de hermenêutica cristã que lecionaria no primeiro semestre de 2000. Havia liberdade para ensinar novas matérias — contanto que as aulas atraíssem alunos. Anteriormente, usara minha sala de aula para defender direitos e ideais

gays e lésbicos. Agora, usaria minha sala de aula para abandonar a disciplina para a qual fui contratada, criando, em oposição, cursos em um campo de estudo — hermenêutica cristã — desconhecido em meu departamento pós-moderno e liberal. Quem pegaria essas matérias? E se ninguém se matriculasse?

Cada dia trouxe uma grande quantidade de escolhas morais envolvidas na rotina diária de um professor radical. Cada dia, R estava lá para me apoiar em meio a tudo isso. Ele me dizia para ser como o rei Davi, o profeta Daniel e o apóstolo Paulo. Ele também compartilhava comigo os detalhes de sua batalha diária com o pecado sexual e, ao fazê-lo, permitia que me sentisse menos sozinha em minha jornada. Porém, quando o verão terminou, percebi algo: Deus estava me curando. Eu estava me arrependendo e Deus estava me curando. Ao mesmo tempo, R parecia empacado no mesmo lugar. Orava diariamente por ele. Perguntava-me por que ele não estava experimentando qualquer libertação do pecado como eu experimentava do meu.

Também comecei a notar outra coisa em minha vida: não era mais atormentada por ansiedade e pesadelos. A dor intestinal, minha companheira diária, já não fazia parte da minha vida (sem que eu tomasse um antiácido em vários meses). Mudei minha rotina de exercícios de corrida intensa para a caminhada ativa. Limpei minha casa e meu escritório como Deus estava limpando minha alma: joguei fora coisas que não honravam a Deus. Livrei-me de bibliotecas inteiras de livros, CDs, filmes, fotos. Cancelei a assinatura de revistas e periódicos profissionais. Subitamente, tive tempo em minha vida para refletir. Passei a fazer jardinagem. Amava fazer pães para meus amigos e vizinhos. Consegui relaxei. Cresci em força no Senhor. Perdoei meus inimigos e desfrutei da solidão da oração diária. Li e reli a Bíblia, procurando exemplos para minha vida. Jesus era meu Mestre e o apóstolo Paulo meu irmão e alma gêmea. Comecei a desenvolver amizades verdadeiras na família da igreja.

Durante um dos meus encontros semanais de discipulado com Floy, ela me perguntou se eu tinha pensado em me tornar membro da igreja. Membro da igreja? Eu? *Essa* igreja? Eu estava horrorizada! Membro! Argh! Nunca fui uma pessoa dada a participar de clubes e achei que a questão toda era antitética a meu livre espírito. Disse a Floy que amava nossa igreja, mas não via qualquer razão para "entrar no clube". Então ela me disse algo que realmente me fez parar e pensar: todo crente na Bíblia é o que hoje consideraríamos membro de uma igreja. Não existe essa coisa de cristão independente. Na Reformed Presbyterian International Conference [Conferência Presbiteriana Reformada Internacional] de 2004, ouvi o pastor Ted Donnelly expressar-se da seguinte forma: "Imagine", ele disse, "se os EUA declarassem que nós iríamos mandar um soldado para o Iraque. Um soldado! Mesmo com o melhor equipamento do mundo, como esse único soldadinho sobreviveria?". Seu argumento ressoou em mim e fez-me lembrar do conselho de Floy sobre tornar-me membro da igreja: ninguém vai sozinho para a batalha. Santificação — crescimento em Cristo — é sempre pessoal e comunitário. Precisamos uns dos outros. Nossas batalhas de fé e vitórias são parte do Corpo de Cristo, não propriedade de nosso pequeno reino pessoal. Esta vida cristã era guerra — disso eu tinha certeza. Quem em sã consciência, Floy perguntou, iria para guerra sem um exército?

Os votos pactuais para me tornar membro da Reformed Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Reformada] eram simples, mas eles me partiram ao meio. Aqui estão nossos sete votos quando nos tornamos membros. Após cada voto, registro minha agitação interna inicial.

Votos oficiais: pacto de membro da igreja

1. Você crê que as escrituras do Antigo e do Novo Testamento são a Palavra de Deus, a única regra infalível de fé e vida?

Minha “regra de fé e vida” tinha sido meu intelecto. Como um documento completamente produzido pela história oral, não tinha fé na Bíblia como verdadeira ou correta. De fato, como acadêmica, nem mesmo tinha confiado em uma receita de *cookies* de chocolate transmitida pela história oral, mas aqui estava eu pondo minha vida em risco — por um documento produzido por algo tão intelectualmente frágil quanto história oral! Só os muito anti-intelectuais fariam isso. E quanto à falácia ontológica inerente ao uso da Bíblia para “amparar” Deus enquanto, ao mesmo tempo, usa-se Deus para “amparar” a Bíblia? Como uma pós-modernista comprometida como eu poderia acreditar na veracidade do evangelho?

2. Você crê no único Deus vivo e verdadeiro — Pai, Filho e Espírito Santo — de acordo com a revelação das Escrituras?

Havia crido que Deus era um construto social imperialista inventado para suavizar a consciência dos intelectualmente fracos. Friedrich Nietzsche foi mais gentil que eu na avaliação da morte de Deus.

3. Você se arrepende do seu pecado, confessa sua culpa e sua impotência como pecador diante de Deus, professa Jesus Cristo, Filho de Deus, como seu Salvador e Senhor, e dedica-se a seu serviço? Você promete que se esforçará para abandonar todo o pecado e conformar sua vida a seu ensino e exemplo?

Arrependimento, pecado, culpa, impotência? Todas essas coisas foram anátemas para meu caráter e minha vida. Afinal, fiz discursos para multidões em marchas do orgulho gay! Professar Jesus Cristo como meu Salvador e Senhor? Antigamente odiava — profundamente — o próprio nome de Jesus e a única vez que seu nome foi pronunciado por meus lábios foi para praguejar.

4. Você promete submeter-se no Senhor à instrução e governo desta igreja de acordo com as Escrituras e segundo a descrição encontrada na Constituição da Reformed Presbyterian Church of North America [Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte]*? Você reconhece sua responsabilidade de trabalhar com os outros na igreja e promete apoiá-los e encorajá-los no serviço ao Senhor? No caso de você precisar de correção em doutrina ou na vida, você promete respeitar a autoridade e disciplina da igreja?*

Submeter-me aos presbíteros da minha igreja? Submeter-me a um monte de homens, sem doutorado? Havia ficado maluca? Como isso ocorreria? Eles viriam às minhas palestras de "Introdução aos Estudos da Mulher" e ergueriam placas ao final de cada palestra, insultando minha duplicidade e deslealdade?

5. Com o objetivo de crescer na vida cristã, você promete que lerá a Bíblia com diligência, empenhar-se-á na oração individual, guardará o dia do Senhor, participará com frequência dos cultos públicos, observará os sacramentos designados e fará doações à obra do Senhor enquanto ele lhe faz progredir?

Como construirei meu império se gastar todo esse tempo com Deus? Como conduzirei minha vida profissional sem usar o domingo como dia útil?

6. Você tenciona buscar em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça em todos os relacionamentos da vida, executar com fidelidade todas as suas obrigações como verdadeira serva de Jesus Cristo, e busca ganhar outras pessoas para ele?

Sempre busquei primeiro lugar o reino da minha pessoa e o meu prazer. Buscava ganhar outras pessoas para mim e só para mim.

7. Você faz essa profissão de fé e propósito na presença de Deus, em humilde confiança em sua graça, desejando prestar contas com alegria no grande e último dia?

Não gostava de pensar sobre minha mortalidade ou sobre o grande e último dia. Havia enterrado vários amigos gays por

causa da epidemia de AIDS e considerava blasfemo até cogitar que, após a morte infernal, eles agora passariam a eternidade no inferno. Quase temia que acreditar nisso os condenaria ao inferno.

Em julho de 1999, fiz minha profissão de fé perante Deus, diante dos presbíteros da igreja em uma reunião, e diante da congregação durante um culto. Ken Smith me ensinara que não estava “entrando” na igreja, mas fazendo uma aliança com Deus e com o conjunto da igreja. Enquanto estava diante da congregação fazendo essa profissão de fé, senti a força da minha deslealdade à comunidade gay de forma tão poderosa quanto sentia minha lealdade a Cristo. De fato, mal podia responder “sim”. O pastor Ken entendeu meu tremor descontrolado como consentimento e o resto da congregação aceitou-me em fé. Ainda me lembro do trauma em meu corpo quando ouço nossos votos de membros ou vejo alguém diante da congregação a fim de ser batizado ou tornar-se membro da igreja. Cada ceia do Senhor faz-me experimentar minha traição a meus amigos gays e à pessoa que outrora fui.

Levei três meses após entregar a vida a Cristo para fazer esses votos. Temia afastar-me demais da vida que tinha conhecido. Um capítulo da minha vida estava concluído, mas, na época, não tinha ideia de com quanta severidade sentiria essa conclusão. Concordar com os votos significava apenas que não havia volta. Assim que fizesse os votos com meus lábios e guardasse-os no coração, então estaria de fato configurada minha traição à comunidade gay. Sentia-me como se vivesse em algum lugar invisível e liminar, sem história e sem senso de futuro. Sentia-me um vampiro — alguém sem reflexo no espelho. Percebo agora ser esse o significado das expressões “lavado”, e verdadeiramente “renovado”. O passado realmente se vai. A sombra do que era permanece, mas a substância é de fato removida. O apóstolo Paulo explica desta forma: “Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado; mas faço o seguinte: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante” (Fp 3.13). Esse esquecimento foi um processo doloroso. Como no luto, o custo do alívio é o que se era antes. Sobrevivência significa sacrificar parte de você.

Em 17 de agosto de 1999, retornei ao escritório depois de apresentar uma palestra a todos os novos alunos de pós-graduação. O assunto deveria ser decisão minha. Quando a escola de pós-graduação me convidou, eu era uma pós-modernista lésbica. Quando palestrei, seis meses depois, encontrava-me uma inexperiente seguidora de Jesus Cristo. Eis o título da palestra: “O problema de Salomão”. Sentime desconfortável e desajeitada enquanto subia à tribuna e ajustava o microfone de lapela ao decote do vestido. Estava no meio do processo de crescimento do meu cabelo raspado, então todo dia era dia de cabelo ruim. E a palestra seria uma bomba. Nela, eu me tornaria traidora e vira-casaca. Para a comunidade lésbica, eu me tornaria o exemplo do que não ser. Não poderia ter apresentado essa palestra se R não estivesse lá. Nos seis meses desde minha conversão, ele tinha se tornado meu cão de guarda, um irmão mais velho, um campeão, tradutor simultâneo e melhor amigo. Ele ia às minhas palestras, às minhas aulas, aos meus jantares de quinta à noite. Conversava com meus alunos e meus colegas, e recebeu meus amigos *drag queens*. Ele traduziu minhas preocupações ao conselho de nossa igreja com uma habilidade e sensibilidade que ainda me assombra. Enquanto eu dedilhava minhas páginas na tribuna, R acenou com o polegar para cima, de seu lugar nas últimas cadeiras da galeria, à esquerda do palco. Ele era a única pessoa que entendia essa esquizofrenia espiritual e profissional que tinha rapidamente tornado-se meu novo normal após a conversão. Aqui está o discurso que fiz naquele dia:

> **O que o rei Salomão ensina aos que se ocupam com a sabedoria: aprendizado ativo e conhecimento ativo**
>
> Desde os meus 16 anos, sou inspirada por três categorias de ideias: texto — o testemunho escrito de experiência e sentido; história — a coletânea de eventos que se encontra fora da consciência e a molda perpetuamente; e misericórdia — a categoria de amor desinteressado e compaixão imparcial. Essas categorias nunca foram apenas acadêmicas e, de fato, elas salvaram minha vida em mais de uma ocasião. Quando criança e adolescente, usava essas categorias para armazenar conhecimento sobre a dinâmica em minha casa. Escrevi meu primeiro livro sobre isso. Quando adulta, essas categorias

expandiram para abordar desde a historicidade do genocídio social até a historicidade da ressurreição; desde a autoridade de textos produzidos nas margens sociais da literatura feminina até a Bíblia como um texto detentor de autoridade, a revelação escrita do Deus trino e vivo (muito comumente mal interpretada e utilizada como o atual cavalo de troia político); da justiça social a favor das mulheres, negros, deficientes e a liberação gay até as contraintuitivas lições de misericórdia ensinadas no Novo Testamento. Texto, História e Misericórdia. Essas categorias provocam as Grandes Questões da minha vida. Quais são as suas? Quais são as suas?

Isto me leva ao primeiro ponto sobre o verdadeiro aprendizado: não é uma receita, não é uma caixa de ferramentas que de forma organizada molda qualquer conceito, não importa quão falido, dúbio ou tolo. Pelo menos duas décadas de pesquisa pós-estrutural e pós-moderna têm capacitado os intelectuais com poderosos métodos para questionar a confiabilidade das reivindicações de verdade e procedimentos de evidência, e revelar os efeitos sociais da opressão produzida pelo imperialismo epistemológico. Mas o poderoso legado do pós-estruturalismo aos intelectuais contemporâneos não deveria criar hegemonia própria de expectativas intelectuais, que de modo categórico troca a verdade pela dúvida e a fé pelo ceticismo. Estudantes farejam medo, preguiça e fraude mais rápido que o abutre no deserto, e o aprendizado real depende da busca pelo conhecimento real, não do nosso perpétuo deferimento na forma de contínua dúvida. A fim de buscar o conhecimento real, depararemo-nos com momentos em que precisamos escolher entre as velhas ideias que nos dão conforto por serem mais conhecidas ou os paradigmas idôneos que encorajam o questionamento perpétuo a favor da audaciosa busca da verdade maior. O conhecimento depende da renovação da mente. Se você teme a renovação e suas consequências, então uma escola de pós-graduação não é o seu lugar. Isso pode parecer uma sugestão difícil, até mesmo antipática, e você deveria pedir uma segunda opinião para ter certeza. Para mim, contudo, as apostas só aumentam deste

dia em diante e, assim, arriscar o conforto imediato e, em oposição, encarar as Grandes Questões é uma habilidade que deve começar desde cedo, caso deva começar de fato.

A pós-graduação pode ser como o purgatório e, em vários momentos, os professores fazem proclamações, como fiz uma sentença atrás, sobre quem pertence à pós-graduação e quem não pertence. Normalmente, os professores baseiam esses julgamentos em avaliações, notas em exames finais, interesse pelo malabarismo acadêmico, publicações e, com frequência exagerada para meu código moral, na adoração do mentor pelo discípulo . Para alunos de pós-graduação, o valor do ensino superior pode parecer tão distante quanto o Kansas[15] e a busca das questões éticas profundas tão irrecuperável quanto o aguilhão do primeiro joelho esfolado. Aqui está meu conselho: não aceite. Acadêmicos fortes e professores de sucesso experimentam estradas esburacadas na pós-graduação e além. Aprenda a cair no chão e levantar-se. Aprenda a dar meia-volta. Aprenda a colher boas lições de professores ruins no esforço de ser um bom professor para os graduandos sob seus cuidados. Aprenda a olhar para cima, a agir sob a fé de que o Grande Esquema tem um propósito: sair-se mal em uma prova não significa que você não faz parte deste lugar. As únicas pessoas que não pertencem à sala de aula, biblioteca, laboratório ou palestras na tribuna são as temerosas do confronto de incomensuráveis reivindicações de verdade, e que procuram segurança acima da produção e escavação de ideias — mesmo ideias assustadoras. Se reivindicações de verdades, a evidência acadêmica que as apoiam e a oportunidade de envolver-se em debates significativos e complicados com os que pensam de modo diferente de você inflamam seu coração e mente, então você está no lugar certo e tenho apenas uma coisa a lhe dizer: bem-vindo ao lar.

Não pretendo dar uma receita, ou promover o argumento de que tomamos decisões baseadas em valores pressuposicionais articulados, ao justapor reivindicações de verdade com perguntas intermináveis. O novo nem sempre é

melhor. Nem o tradicional é mais sólido que o contemporâneo. Não é tão fácil. A sala de aula da universidade não é um *shopping* cuja existência depende de disseminar a abordagem crítica mais recente ou atraente, nem um museu, onde as ideias são valorizadas apenas pela tradição e onde você pode olhar, mas nunca tocar. Pelo contrário, a sala de aula é um lugar de alegria movido pela busca da excelência e pelo temor produtivo gerado pela grandiosidade de nossa ignorância e incapacidade de transformar a razão humana — nos seus próprios termos e desencaminhada de um Deus vivo — em sabedoria. Se vocês lembrarem-se das Grandes Questões e guardarem-nas no coração como suas Grandes Questões, descobrirão a existência de mais maneiras de obter sucesso que fracassar, e estarão conectados a algo importante de verdade. Não se aflija porque seu caminho para as Grandes Questões não se parece com a jornada de outra pessoa. Não se aflija quando o caminho for solitário ou traiçoeiro. Olhe para cima.

Aproveite a sala de aula. Aproveite a oportunidade de tocar a vida de outras pessoas. Valorize o relacionamento sagrado entre aluno e professor. Aprenda a ajustar o foco. Encontre formas de transformar a manipulação mental ou péssimas maneiras que alguns de seus alunos sem dúvida exibirão em oportunidades de dar meia-volta. Encontre formas de abstrair os sintomas de aparente tédio ou desrespeito de sua origem, e então trabalhe a partir disso. Escute primeiro — e escute no fim — escute nesse meio-tempo. Leve o mundo lá fora para sua sala de aula e leve sua sala de aula a impactar o mundo lá fora.

Pense sobre as categorias que moldam suas Grandes Questões. Escreva-as. Pense sobre as lições de vida que dão forma a elas. Lembre-se de quem você é e a estrada pela qual viajou para chegar aqui. Eu deixarei vocês com três das minhas lições de vida, das quais dependo.

Lição n.º 1: *Quando não sabe o que fazer, volte ao básico.*

Quando costumava correr maratonas, contava com um parceiro de treino que me falava nos momentos mais terríveis, normalmente no quilômetro 32: “Rosaria, este poderia ser o melhor momento de sua vida”. Eu achava que esse cara era certificadamente louco, um tipo especial nível DSM-IV.[16] E tentava ignorá-lo. Porém, depois comecei a entender o que ele queria dizer. Essa expressão me ensina agora que embora seja motivada pelas Grandes Questões, não conheço o Grande Esquema. Não sei como a resistência dos alunos, as explosões em sala de aula, as oportunidades estragadas, ou colegas mesquinhos realmente afetarão meu sucesso ou fracasso como intelectual e professora. Então me pego, nos momentos mais insuportáveis da vida, dentro e fora da sala de aula, dizendo: “Este pode ser o melhor momento da minha vida”. De início, isso me faz sentir, talvez de forma íntima demais, que me encontro no quilômetro 32 da maratona e prestes a vomitar. Então isso lembra-me de que mesmo que vomite, ainda tenho a maratona para terminar, e algo extraordinário acontecerá no processo de enfocar o rigor e a simplicidade de colocar um pé na frente do outro.

Lição n.º 2: *Fale a verdade, porque você nunca sabe quem está ouvindo*.

Por uma década da minha vida, vivi como lésbica e era porta-voz das questões gays, lésbicas, bissexuais e transexuais em âmbito local e nacional. Certa manhã, enquanto estava na rotina de dirigir-me ao trabalho, parei no minimercado Jordan para pegar um copo de café. Nessa manhã em particular, escutei uma mulher gritando com seus filhos, dizendo-lhes que eles eram imprestáveis e inconvenientes (entre outras coisas). Nada me deixa mais furiosa que o desrespeito às crianças, e virei-me para lançar meu olhar mais gélido.

Foi quando reparei na camiseta usada por ela. Havia o desenho de um coelho falando as seguintes palavras para um homem afeminado: “Bicha burra, rolas são para moças”.

Naquele minimercado, em um dia normal de junho de 1996, decidi que as ideias eram maiores que eu e abordei a mulher.

Contei que era lésbica e que meus sentimentos foram feridos ao observar sua camiseta. De imediato, ela não compreendeu o que eu estava falando, então repeti. Ela entendeu. Sua boca ficou aberta como a de um peixe fisgado. O mercadinho ficou em silêncio. Por fim, seu marido lhe deu uma cutucada e disse: “Pare de falar com a sapatão”. Comecei a chorar e o minimercado explodiu em gargalhadas. Quando voltei ao mercado no dia seguinte, a teimosia dominando o medo, a mulher por trás do balcão me chamou à parte e fez uma pergunta. Acontece que a filha dela era lésbica, e ela precisava de ajuda.

Lição n.º 3: *É melhor estar errado em um assunto importante que certo em um trivial, contanto que você esteja disposto a aprender com seus erros.*

Esta lição esteve comigo na pós-graduação e, mais recentemente, tornou-se muito importante para mim na pesquisa do meu segundo livro. Estava estudando a direita religiosa sob a perspectiva lésbico-feminista da esquerda secular e, além de descobrir o que já sabia, que a direita religiosa estava manipulando compromissos religiosos em nome do consumismo capitalista e de agendas políticas conservadoras, descobri algo mais, algo que não estava procurando, e algo que virou minha vida — para não falar da minha pesquisa — de cima a baixo. Descobri que Deus não é apenas uma narrativa que, como frutas no verão, escolhemos ou deixamos para outra pessoa; tampouco Deus é um conjunto de convenções sociais fabricada para mentes fracas; nem Deus é um construto social consumista que existe a serviço das ideologias imperialistas cristãs e da política de direita. Em vez disso, descobri que Deus mediante Jesus Cristo existe, o Deus trino da Bíblia existe, quer o reconheçamos ou não. Discerni que Deus não estava muito feliz comigo.

Isso me levou à fantástica percepção de que nosso Deus vivo é tudo na vida, e que meu “sucesso” como professora era sua bênção sobre mim, não minha honra merecida e conquistada. Percebi, por meio do que a Bíblia chama de renovação da

mente, que o que anteriormente reivindiquei como meu sequer me dizia respeito.

Isso me leva ao argumento e ao título da preleção de hoje: cuidado com o problema de Salomão na vida acadêmica. O rei Salomão, um dos muitos filhos de Davi, reinou sobre Israel de 962 a 922 a.C. Antes de Salomão iniciar o reinado, ele pediu que Deus lhe desse “um coração entendido [...] para distinguir entre o bem e o mal” (1Rs 3.9, ACF). Deus lhe deu o dom de discernimento inigualado por qualquer outra figura histórica ou atual sob a condição de Salomão nunca se esquecer do primeiro mandamento (o mandamento de honrar a Deus, não aos ídolos que reforçam a autonomia do próprio ego). Quando Salomão tornou-se rico e obteve sucesso, começou a acreditar que o conhecimento era algo que ele “possuía”, algo ancorado em si mesmo, em vez do que realmente era: algo emprestado a ele, mas fundamentalmente localizado na radical Alteridade de um Deus santo. Tão logo perdeu a âncora, ele perdeu sua sabedoria, e tudo veio abaixo. A história bíblica não acaba aqui, porque a natureza do Deus santo é redentora, não desertora, mas isso é uma palestra para outro dia. Basta dizer por hoje que Salomão fracassou ao pensar que todas as reivindicações de verdades existem em um relacionamento contingente ao ego. O legado de Salomão oferece um alerta a todos os acadêmicos — crentes e ateístas igualmente: todos precisamos estar ancorados em algo maior que nós mesmos, algo maior que as ideias atualmente geradas nas disciplinas, e com certeza algo maior que as políticas das áreas de estudo.

O aprendizado real, não importa quão polidas as jogadas ou ensaiada a retórica, é um aprendizado vazio a não ser que professemos estar ancorados em algo maior que nós. Escolham com sabedoria, e não permitam que as inclinações do aqui e agora escolham por vocês.

— *Syracuse University, agosto de 1999, Convocação de orientação dos alunos de pós-graduação*

Releio essa palestra hoje e ela parece bastante pragmática e inofensiva. Mas na época em que a apresentei, era como se

simplesmente tivesse entregado uma carta de demissão para mim mesma. Somente R sabia o quanto isso era sério. Depois de dez anos como lésbica assumida, talvez você pense que eu já estivesse acostumada com a sensação de espiar pela cerca da dignidade e, em vez dela, escolher a solidariedade com os párias. O aspecto diferente dessa vez era que, ao apresentar a palestra, traí meus amigos. Embora a palestra em si mesma não fosse ousada, porque minhas amizades eram ousadas, íntimas e arriscadas, ela teve impacto. Essa experiência ensinou-me uma poderosa lição sobre evangelismo: a integridade dos relacionamentos é mais importante que a ousadia das palavras. Graças a quem eu era para a comunidade gay, essa palestra deixou sua marca.

Que tipo de efeito a palestra teve? Posso muito bem ter pegado uma estrada chamada “Rosaria não está mais a salvo — seus segredos estão revelados — seu esconderijo foi descoberto”. Enquanto apresentava a palestra, via minha ex-namorada e meus alunos de pós-graduação simpatizantes de gays e lésbicas congelar em desgosto e decepção. Evidentemente, havia conversado com eles em particular antes da palestra. Mas a comunidade gay e lésbica *realmente* entende a importância do momento de vir a público e, assim, essa palestra e seu impacto ecoaram de forma poderosa entre as pessoas próximas a mim.

Depois de apresentar a palestra aos novos alunos da pós-graduação, voltei ao escritório suando de pânico. Sentia-me estranha usando vestido, e os sapatos de “garota” que calçava machucavam meus pés mais que qualquer maratona já corrida. R partiu para seu escritório e então me vi sozinha — e também vi uma longa fila de estudantes querendo falar comigo sobre o que acabara de fazer.

A única pessoa em meu escritório nesse dia foi um aluno de graduação chamado B. B era um garoto magro, cheio de receitas médicas para transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, depressão, transtorno bipolar, e quem sabe o que mais. Ele vinha sendo reprovado desde o primeiro dia no *campus*. B era o presidente da união estudantil de alunos de graduação gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros e eu era sua conselheira

estudantil. B veio ao escritório para me dispensar. Ele estava fumegando. Seus olhos estavam vermelhos de lágrimas e sua face tensa de raiva. “Como você ousa? Como pôde?”. Ele atravessou meu escritório, seu cabelo laranja espetado e sua face vermelha deixavam-lhe parecido com uma cenoura ou um desenho animado. Sua raiva o deformou.

“Como você sabe que não é mais lésbica? Como você sabe?”, ele exigiu. De todas as perguntas que alguém poderia ter feito nesse momento, essa era a única que não podia responder. Essa pergunta desestabilizou-me e fez-me sentir doente e tonta. Não tinha ideia de como responder. Não encontrava palavras e ideias que honrassem a Cristo em lugar algum. Elas não estavam prontas para saírem de mim. Meu senso de verdade estava dividido. Uma verdade era simplesmente que a Palavra de Deus tinha crescido mais dentro de mim que eu mesma, um fio de cabelo a mais, aproximadamente. A outra verdade era que, agora de volta ao trabalho, começava a sentir-me lésbica outra vez. As férias de verão tinham me ajudado a estabelecer novos padrões, mas esses novos padrões eram fracos. Os padrões de raciocínio de um professor pesquisador estavam bem estabelecidos e eles se estendiam para além da leitura e da escrita. Como minha vida acadêmica e minha vida pessoal partilhavam um relacionamento simbiótico, os antigos padrões de raciocínio começaram a se infiltrar de volta quando sentei na cadeira do escritório. Sempre fui professora universitária e lésbica ao mesmo tempo. Minha pesquisa defendia o que é chamado de “política de identidade” — a suposição de que a pesquisadora mantém a integridade enquanto também mantém associação com a área de estudo. Professores pesquisadores também usufruem da participação na comunidade acadêmica. Perdi minha comunidade quando Deus salvou minha alma. Agora começava a perder a coragem — e a fé.

Tentei conter B e, então, fiz uma pergunta em resposta. Eu disse: “B, como você sabe que você é gay?”.

Como um balão de aniversário estourado por um alfinete, B cambaleou e desabou na minha cadeira. Abatido e com lágrimas nos olhos, ele ficou em silêncio pelo que pareceu muito tempo.

Então, disse: “Rosaria, eu sou gay porque a comunidade GLBT (Gay, Lésbica, Bissexual e Transgênero) é o único lar seguro que tenho, um lar que você tornou seguro. Como você pode não saber disso? Como você ousa não saber disso?”.

Embora isso replicasse minha experiência, fiquei surpresa com a resposta. E, com certeza, não deixei de perceber que estava mexendo com seu pecado. Não me lembro da resposta — ali no escritório. Acho que envolvi as mãos dele com as minhas enquanto ele reclinava na cadeira e chorei. Lembro-me de que estava escuro quando B saiu do meu escritório e que concordamos em conversar de novo no dia seguinte. Aceitei minha dispensa do grupo estudantil que ele presidia e, ainda naquela semana, de outros cincos que aconselhava. Acertei a dispensa de todas as bancas de dissertação de que participava e comecei a escavar meu computador e arquivos para jogar fora o projeto do livro sobre a direita religiosa. Esta preciso aceitar: eu era um fracasso. Pela graça de Deus, ele não me permitiria trabalhar da maneira que sempre quis. Não estava desacostumada ao fracasso, mas este era um fracasso singular. No núcleo infinitesimal desse fracasso residia algo que não reconheci à primeira vista. Quando examinei meus sentimentos diante da rude Cruz, percebi que esse fracasso estava envolto em alívio. Qualquer que fosse a providência de Deus em relação a mim, era parte dele arquitetar e a minha obedecer. Não precisava mais me inventar.

Uma semana depois, quando o segundo semestre de 1999 chegou, sentime mais preparada para enfrentar os padrões e legado do meu passado. Minha igreja conhecia meus conflitos e me rodeou com oração e aconselhamento. Estava lendo as *Confissões* de Agostinho e estava consciente para o fato de que Deus tinha um ministério esperando por mim. Orei para que fosse forte para a tarefa. Sim, eu ainda era motivo de chacota na comunidade gay. Sim, ainda era uma traidora e um exemplo do que não ser. Mas Paulo, o apóstolo, também foi envergonhado dessa forma entre os fariseus, e eu confiava que Deus tomaria minha vida e prepararia um lugar para mim.

Nesse período, perdi meu principal apoio — R partiu para fazer seminário em Pittsburgh. Ele sentia-se chamado para ser pastor, ou

assim dizia. Concordamos em continuar conversando todos os dias e apoiar um ao outro. Nos seis meses anteriores, passei grande parte da minha vida com ele e, embora estivesse triste ao vê-lo partir, realmente precisava retomar meu tempo para focar minha nova vida como professora cristã. Tínhamos começado a conversar sobre a atração emocional que sentíamos um pelo outro. E guardei isso, sem realmente saber o que fazer com esse tipo de informação. Na comunidade gay, é normal (e seguro) que homens gays e mulheres lésbicas unam-se dessa maneira. Mas eu não estava mais na comunidade gay. Seria seguro? Isso era perigoso?

Também ganhei nesse momento uma poderosa amiga de apoio — Vivian Rice. Vivian era uma professora na universidade, membro da minha igreja e a esposa de um presbítero. Vivian e eu nos comprometemos a orar juntas pelo menos uma vez por semana e conversar todos os dias por apoio e coleguismo. Com minha igreja me apoiando, sentime pronta para enfrentar o semestre como seguidora “assumida” de Cristo.

Deus tinha um ministério esperando por mim em minhas aulas. A história da minha conversão se espalhou como um incêndio entre a comunidade universitária. Em vez de ter menos alunos, algumas matérias estavam superlotadas com estudantes sentando-se no chão e nos corredores. Alguns estudantes vieram pelo desfile de carnaval, mas outros vieram porque Deus tinha lhes colocado onde ele os queria. Surpreendentemente, continuei a atrair alunos da comunidade gay e lésbica, alunos que queriam dialogar em meio às diferenças. Também atraí alunos suicidas e cronicamente doentes. Como lésbica, sempre tinha sido uma forasteira. Mas agora eu era um tipo diferente de forasteira e, na nova condição, Deus me trouxe uma nova safra de pessoas feridas.

Eu não podia acreditar em quão extenuante era colocar todos os dias Cristo à minha frente. Os antigos padrões estavam esperando por mim, e eles sabiam meu nome. Era muito difícil estar no comando de um grande programa de trabalho (como diretora de estudos de graduação, eu coordenava o currículo de mais de 200 alunos) e, ao mesmo tempo, estar em postura de submissão a meus pastores e presbíteros — pessoas que, de acordo com meus

sentimentos, não entendiam de fato a natureza ou o rigor do meu trabalho. A única forma de repelir com eficácia os velhos padrões de egoísmo era colocar em prática um ministério cristão intencional. Os jantares das noites de quinta-feira para a comunidade gay foram cancelados devido à falta de interesse. Só minha amiga *drag queen* J continuou aparecendo e nós falávamos quase que exclusivamente sobre o evangelho. Ao mesmo tempo, alguns estudantes estavam interessados em como Deus me mudou. Assim, comecei um estudo sobre o significado da vida cristã nas noites de sexta. Abria minha casa a qualquer um que quisesse vir e conversar sobre Jesus ou fazer perguntas sobre a Bíblia. J começou a vir com vários alunos e vizinhos. Uma sexta-feira por mês cancelávamos o estudo e fazíamos algo bom na vizinhança. Foi a reunião de estudo bíblico mais heterogênea de que tive o privilégio de desfrutar.

Quando R partiu para o seminário, a vida cristã de nós dois ficou mais dividida. Embora Deus continuasse a me dar vitória sobre o pecado e a alegria em Cristo, R estava ficando mais e mais desencorajado. Comecei a agir mais como sua mãe que como alguém igual quando lhe aconselhava e preocupava-me com seus problemas. Quando ele ficou sem dinheiro, mandei-lhe do meu. Quando ele ficou sem cartões telefônicos, eu lhe enviei. Ele me ligava a qualquer momento, durante a noite ou o dia. Embora esse padrão não fosse saudável, padrões doentios unem pessoas com tanta firmeza quanto padrões saudáveis. Em pouco tempo, confundimos a associação por causa dos padrões doentios com amor.

Minha amiga *drag queen*, J, foi a primeira a falar comigo sobre o “problema R”, como ela o chamava. Certa noite, tínhamos ido juntas a uma palestra e eu estava ansiosa para voltar para casa porque R tinha passado por um dia difícil. J me segurou conversando no carro e disseme, com firmeza, que R era um caso perdido. Ela pôs nosso relacionamento contra a parede quando disse: “Rosaria, conheço esse padrão: ele vai se afundar cada vez mais no pecado, chamar você e você tentará convencê-lo a não pular da ponte. Deixe-o para lá! Deixe Jesus lidar com ele!”. Até hoje, assombro-me com o sábio e prudente conselho de J, conselho que fui orgulhosa demais para aceitar.

Certa vez, eu perguntei a R se ele achava que o seminário lhe era prejudicial. Perguntei-lhe por que ele se sentia “chamado”. Em resposta, perguntou-me se o pastor Ken, no momento de oração pastoral no culto, ainda pedia que o Senhor levantasse homens para o ministério. Quase todos os domingos, o pastor Ken orava a instrução de Jesus a seus discípulos em Mateus 9.37,38: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita”. Ele disse: “É por isso que estou aqui. Realmente senti que a oração era para mim”. Pedi-lhe que esclarecesse o que queria dizer: perguntava-me se R sentia que o pastor Ken estava direcionando aquela oração a ele ou que o Espírito Santo estava falando com ele por meio da oração do pastor. Perguntei por parecer-meu que esses eram dois “chamados” diferentes — um direcionado por um homem e outro pelo próprio Deus. Ele pensou sobre isso e, então, disseme que não tinha muita certeza de qual “chamado” foi, afinal.

Em anos recentes, tenho refletido sobre essa declaração, pensando sobre a diferença entre o chamado divino (conforme a revelação da obra do Espírito Santo em nossa consciência) e o chamado ou influência de outra pessoa a quem consideramos poderosa ou importante (o que Sigmund Freud chamaria poder do superego). Penso sobre isso no contexto da obra da igreja — sobre como é fácil para a igreja manipular as pessoas ainda que de forma involuntária. De acordo com Freud, o superego é a parte do consciente que sente e responde de maneira íntima às expectativas que outras pessoas e instituições colocam sobre nós. O superego é o sítio receptor para agradar às pessoas. Mesmo como crente, é fácil tornar-se alguém que agrada às pessoas em vez de alguém que agrada a Deus.

R me pediu em casamento, e noivamos em novembro. Recebemos apoio absoluto da comunidade da igreja. O apoio recebido pareceu exagerado demais e bastante desnecessário Percebi que normalmente cristãos moderados e despretensiosos tendem ao extremo excesso emocional nas áreas de casamentos e chás de bebê. Essa fraqueza particular não tinha sido testemunhada por mim até que me tornei o objeto da atenção. Achei esse tipo de atenção desconfortável e irritante. Parecia que as pessoas que

consideradas por mim minhas amigas viam-me de repente mais legítima agora que iria entrar para o clube das casadas. Também não sabia a quem ou como articular meus sentimentos de medo e dúvida. Mais uma vez deparei-me com a pergunta: Como uma mulher como eu pode ser piedosa? Jamais pensei em perguntar se R era um homem piedoso. Afinal, ele havia compartilhado o evangelho comigo, aproximado o evangelho de mim, orado comigo e por mim. Além disso, ele estava sob o cuidado de nosso conselho e presbitério, e se tornaria em breve pastor. Sim, ele estava lutando. Mas se o conselho conhecia suas batalhas e pensava que ele ainda seria um ótimo pastor, com certeza ele seria um marido fiel. Não fazia ideia do que seriam padrões piedosos de discernimento.

Enquanto R e eu nos preparávamos para o casamento, a promessa do meu primeiro relacionamento legítimo tornou-se mais algo mais sensato para mim. Estava mais alinhada com a mentalidade dos meus amigos na igreja. Ele e eu conversávamos todos os dias — em algumas oportunidades, várias vezes ao dia. Ele continuava a perder a batalha contra o pecado. Eu questionava como Jesus podia me dar liberdade e não a ele, e concluí que a vitória era só uma questão de tempo. Afinal, ele tinha entregado (e reentregado) a vida a Cristo; logo, qual seria o resultado, senão vitória? A promessa do meu primeiro relacionamento legítimo me encheu de orgulho e deslumbramento — o clube do qual nunca imaginei participar estava prestes a me receber de braços abertos. E Jesus, eu tinha certeza, me usaria na vitória de R sobre o pecado de uma maneira especial.

Este é um clichê na comunidade gay, mas um que penso ser verdade. Ele diz o seguinte: gays fazem sexo, mas lésbicas conversam. Isso não significa que lésbicas são celibatárias (embora algumas sejam), mas quer dizer que conversar é algo muito íntimo para as mulheres. As conversas que R e eu compartilhamos nesse período eram muito íntimas. Começamos a compartilhar o tipo de segredos dos quais nunca é possível voltar atrás — nossas histórias mútuas de pecado sexual e crise em família forneciam mais material que o necessário. Acabei por confundir toda essa escavação e depuração com amor.

A reação da igreja forneceu um imenso contraste quando comparada à reação da universidade. Meu noivado colocou minha antiga comunidade lésbica em crise — mais uma vez. Ex-alunos gritaram no meu escritório e na minha varanda. Meus companheiros mais próximos falaram comigo da forma que falariam sobre um falecido no funeral — em voz baixa e com cuidado.

Enquanto as mulheres da igreja se juntavam em torno de mim para ajudar-me a planejar o casamento, preocupava-me com o que dizer ao presidente do meu departamento. O que deveria fazer? R tinha mais dois anos de seminário, e quem sabe onde ele pastorearia uma igreja? — os pastores de nossa denominação não costumam escolher onde morarão e trabalharão. Era improvável que morássemos em Syracuse. Deveria sair do meu emprego? Não queria iludir a universidade enquanto tentava desembaraçar minha vida pessoal. Deveria solicitar uma licença para pesquisa? Queria muito estudar educação cristã, em parte para determinar se me encaixaria melhor em uma faculdade cristã que em uma grande faculdade secular. Eu era qualificada apenas para a licença de um ano, mas ele estaria no seminário por mais dois anos. Deveria tirar uma licença para pesquisa seguida de uma licença pessoal? Como o presidente do meu departamento tinha sido um ótimo amigo em todo o período de minha permanência da Syracuse University, decidi apresentar todo o problema para ele e pedir seu conselho. O presidente do meu departamento foi ótimo — encorajador, propício e eficiente. Saí do escritório dele pronta a solicitar uma licença de pesquisa de dois anos. Então, passei a fazer planos para alugar minha casa.

O ano letivo correu muito bem. Meu deão acadêmico aprovou a licença de dois anos (o primeiro ano, acadêmico, e o segundo ano, pessoal). Um programa de ministério urbano em Pittsburgh entrou em contato comigo para ministrar aulas em seu programa de finais de semana. Tudo estava se encaixando. Senti o poder de Deus em meu ofício como professora. Orei por meus alunos e com alguns deles. Meus alunos continuaram a visitar minha casa nas noites de sexta para um bate-papo cristão. Minhas matérias estavam todas com excedentes de matrículas. As aulas de Hermenêutica cristã e poetas românticos foram algumas das melhores aulas que já dei em

minha vida. Sentia de verdade que poderia ser uma professora universitária cristã. Imaginava de fato que poderia equilibrar o fato de ser professora cristã e futura mulher de pastor. R ainda não estava bem, mas tinha certeza de que Deus transformaria tudo antes do nosso casamento. Orei a respeito com fidelidade. As mulheres me deram livros sobre oração a favor do marido. Estava muito confiante de que tudo se resolveria.

É difícil explicar o que acontece quando ocorrem os preparativos para o primeiro relacionamento legítimo, compartilhar segredos que não deveria ter compartilhado, ler livros sobre preparação para o casamento à maneira de Deus, perder todos os seus antigos amigos pela promessa de um, ser exposta a uma variedade de desrespeitos no trabalho, preparar uma licença para pesquisa de dois anos (de alguma forma, embalando todo esse trauma espiritual como intelectualmente vital), alugar a casa, amarrar todas as pontas soltas na direção do programa de Estudos de graduação, prepara-se para o casamento, acreditar o tempo todo que o que você está fazendo é a vontade de Deus para sua vida, sentir amor e gratidão à pessoa que compartilhou repetidas vezes o poder do evangelho e que conciliou para você vida e ministério em meio a duas comunidades em guerra, apenas para ela vir até você um dia e dizer: “Existe algo que preciso lhe contar. Você não pode casar-se comigo. Não estou pronto e, provavelmente, não sou cristão”.

Aqui está o que pensei: seu idiota, traidor, banana, patético e repugnante. Reformulo toda a minha vida profissional para harmonizar-se com o programa do seu curso e você não está pronto! E, além disso, provavelmente não é cristão? Se não é cristão, o que está fazendo no seminário? Se não é cristão, então o que está fazendo atrás do púlpito?

Como a pessoa que partilhou o evangelho comigo da forma mais convincente e cuja vida cristã mais lembrava a minha poderia “provavelmente não” ser cristã? O que isso significava? Ele não era cristão “de verdade” ou estava lutando com a certeza da salvação? Segurança da salvação significa reconhecer o chamado de Deus na vida — significa reconhecer de maneira consciente que você pertence a ele. Nós sabemos disso por meio da obra do Espírito

Santo em nossa vida e de seu chamado em nosso coração. A obra do Espírito em nossa vida fica evidente por meio da obediência a Deus e do amor aos nossos companheiros. Isso se encontra na Bíblia, em 1 João 3.10: “Quem não pratica a justiça não é de Deus, nem quem não ama seu irmão”. O chamado do Espírito em nosso coração é revelado na Escritura, em Gálatas 4.6-7: “E, porque sois filhos, Deus enviou ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. Portanto, tu não és mais escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro por obra de Deus”. Até hoje, eu não sei o que lhe faltava: segurança ou salvação. O Apóstolo Paulo nos diz que “Hoje é o dia da salvação” (2Co 6.12). E quanto a mim? E quanto à minha fé? Como eu poderia “provavelmente” ser cristã e R “provavelmente” não? E o que a palavra “provavelmente” tem que ver com isso? Isso era impensável.

Essa conversa aconteceu poucas semanas antes do fim do semestre e da data marcada para o casamento.

Como pedras batendo n’água, as reverberações de choque e tristeza vieram em ondas regulares e tênues. No fundo da minha crise estava isto: Quem é esse Jesus? Estou seguindo Jesus ou R? Quem amo mais? Com certeza havia outras considerações mais práticas. Por exemplo, o que eu faria e onde viveria pelos próximos dois anos? O programa de ministério urbano de Pittsburgh, com que acabara de assinar contrato, funcionava no seminário em que R estudava. Esse trabalho não pagava o suficiente para alugar um apartamento na cidade. E minha casa em Syracuse estava alugada para estudantes de pós-graduação que pagavam apenas o suficiente para cobrir a hipoteca. Depois de tratar as questões práticas, confrontei as pessoais. O submundo rochoso da rejeição alojou-se na vacilante identidade de minha feminilidade piedosa. Perguntei-me se, de alguma forma, R saberia de algo que eu não soubesse. Teria ele, de alguma forma, percebido que eu não estava curada e que minha identidade sexual estaria para sempre no limbo ou alguma coisa pior? Como uma pessoa solteira e celibatária pode saber se está curada em sentido sexual? O que é cura sexual? E, por fim, se não estava curada, seria eu convertida de verdade?

Pensava sobre outras coisas também. Quebro todas as minhas promessas — ministério urbano, licença para pesquisa, aluguel da casa — e só me escondo em casa e lambo minhas feridas? Essas eram grandes decisões abastecidas por grandes questões. Mas o maior fardo no meu coração era um problema de cosmovisão: Quem é Jesus? Quem tinha me traído, R ou Deus? Quem é o Jesus que cura alguns, mas não outros? Quem precisa de um Deus caprichoso? Fé não é um sentimento. A fé enfrenta as ondas da traição da vida em cima da cosmovisão cristã que você possui. Fé e cosmovisão estão entrelaçadas de forma íntima. Nossa paz, amor, coragem, longanimidade e vocações harmonizam-se à nossa cosmovisão cristã e à fé que a sustenta. Onde estava a minha?

O salmo 15 tornou-se meu guia. Ele me levou a guardar minhas promessas e me mostrou como agir na força de Deus para tanto. No salmo 15, o salmista faz a pergunta que oprimia meu coração: "SENHOR, quem habitará no teu tabernáculo? Quem poderá morar no teu santo monte?" (v. 1). Eu precisava saber: estava na casa de Deus? Estava na vontade divina? Por que Deus faria isso comigo? As frases restantes do salmo respondiam à pergunta que eu fazia: o povo de Deus fala a verdade (v. 2), o povo de Deus não calunia os amigos (v. 3), o povo de Deus teme o Senhor (v. 4), o povo de Deus guarda promessas "mesmo quando sai prejudicado" (v. 4, NVI), o povo de Deus dá seu dinheiro sem usura (v. 5, ACF), o povo de Deus rejeita suborno (v. 5). A conclusão do salmo oferece uma promessa: "Aquele que agir assim nunca será abalado" (v. 5). Essa era eu, eu descobri! Estou abalada. Minha fé está abalada. Pedi a Deus que me ajudasse a viver cada frase desse salmo, passo a passo. Por fim entendi o significado de Jesus identificar-se com todos os nossos problemas. Finalmente acreditei em Hebreus 4.15, 16: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas alguém que, à nossa semelhança, foi tentado em todas as coisas, porém sem pecado. Portanto, aproximemo-nos com confiança do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno". Vi algo em mim mesma. Ao chafurdar em autopiedade, estava me impedindo de aproximar-me com confiança do trono de graça.

A igreja me envolveu com sua gentil assistência. Ninguém me disse o que fazer, como me sentir ou o que pensar. As mulheres da igreja estiveram com gentileza presentes. Elas me envolveram em sua vida e nas orações. Foi necessário tudo que eu tinha para ir à igreja e não me desfazer em lágrimas o tempo todo. Sentia-me como um ano antes, quando a convicção de pecado durante a pregação da palavra era forte demais e saía do culto ou desligava-me no meio dele. Um dia, quando me preparava para sair mais cedo do culto, o presbítero B me seguiu. Ele disse: “Rosaria, está tudo bem em apenas pedir que Deus permita a você passar por esse momento — neste instante, agora mesmo”. Ele orou por mim e, com o tempo, Deus me deu a paz para lamentar e sobreviver minuto a minuto. Outro amigo presbítero me convidou para jantar em sua casa. Ele e sua esposa eram grandes apoiadores de R e estavam preocupados com ele e comigo. O presbítero M me disse: “Este é o maior teste de fé que você enfrentará. Você pode enfrentá-lo em outro contexto, mas este é o mais alto teste que podemos imaginar. Rosaria, Jesus está dizendo a você, agora, neste momento de vergonha e derrota: Quem você ama? Você me ama ou você o ama? A quem você segue? A mim ou a ele?”. Eu estava muito grata pelos presbíteros corajosos, pela oração fiel e pelos amigos de lágrimas.

Ninguém parecia acreditar de fato que R ligou sua falta de fé a mim. Suponho que o conselho tenha se sentido seguro de sua salvação e acreditasse que ele só precisava desenvolver a própria segurança. Havia um histórico da parte dele de exagerar emoções e problemas, então o conselho só permitiu que ele seguisse em diante, tudo na mesma. Quanto mais pondero sobre isso hoje, de uma longa distância, agora casada com um cristão verdadeiro, não acho que R estava exagerando. Mas não gosto da maneira como a liderança da igreja tratou a articulação da incredulidade de R. Não acho que devemos brincar com a fé de alguém, em especial de alguém com acesso ao púlpito.

Na primavera e verão, R estava de férias do seminário, mas esperava-se que ele continuasse no posto de assistente pastoral da igreja. Ele foi escalado para um projeto de plantação de igrejas, acredito, para ficar longe de mim e permitir-me adorar sem (mais) distrações. R continuava a lutar com a adulação dos outros. Em

certo ponto, ele enviou uma carta a uma série de pastores da nossa denominação, explicando com detalhes nosso relacionamento e rompimento, e perguntando se havia algum “pecado” em sua conduta. Quando os pastores começaram a debater a questão, em particular, mas dentro do meu alcance e do alcance dos meus amigos na igreja, sentime de fato como se uma convenção de machos alfas presbiterianos reformados acontecesse sobre meu cadáver. Sentime exposta e desprovida de vida. Pensei em procurar outra igreja.

Embora não fosse culpa dele, sentime traída pelo pastor Ken. Achava que ele deveria ter me alertado sobre esse cara — até me protegido dele. O ministério do pastor Ken era único. Ao recordá-lo, vejo que ele queria abrir as portas da igreja de uma maneira ampla. As portas estavam abertas o bastante para alguém como eu entrar e também abertas o bastante para alguém como R. O caminho largo serviu-me e machucou-me. Essa crise fez-me perguntar: eu havia obedecido Jesus e lhe seguido de verdade em fé? A resposta era não. Não, eu fui uma seguidora dobre de Cristo. Eu seguia R, que seguia Jesus (ou, assim parecia). Ele era minha ponte para o evangelho, a Bíblia, a igreja e o próprio Jesus. Havia oposições binárias incomensuráveis em minha vida: 1) Se R não estivesse na igreja naquele momento em particular, eu não teria voltado repetidas vezes; e 2) R me traiu — da pior maneira.

Algumas vezes oposições binárias como essa são tão potencialmente paralisantes que se torna preciso colocá-las de lado por um tempo. Escondi-a por dois anos. Sabia que Deus nos chama a andar em fé, e a não ser paralisado pela dúvida. Como o pastor Ken me disse certa vez: “Você não pode dirigir um carro estacionado. Se quer mudar sua vida de direção, você tem que se mexer!”. Apenas recentemente Deus me deu o vocabulário e a segurança para explorar o que a traição de um autoproclamado crente significa na economia de Deus. O pastor Peter Smith disse essas palavras simples em um sermão e meus ouvidos, olhos, coração e mente se abriram. Ele disse: “As pessoas *trairão* você, mas Jesus nunca trairá”. Muito do meu passado se encaixou quando ele disse essas palavras simples. Aqui está o que colhi. A traição intensifica o amor a Jesus (que jamais nos trairá). A traição

intensifica nosso conhecimento de Jesus e de seu sacrifício, obediência e amor. (Jesus foi traído pelos discípulos escolhidos e por todos que o invocamos como Salvador e Senhor por causa de nossos pecados). Por fim, a traição aprofunda a visão cristã: a cruz é um lugar rude, mas não um lugar para os melindrosos ou altivos.

Passei a entender naquele verão que Deus nos usa em nossa fraqueza e por meio dela. Entendi o significado de em Cristo "vivemos, nos movemos e existimos" (At 17.28). Exteriormente, parecia que minha igreja tinha me traído. E agora que, no tribunal da opinião pública, minha igreja, sob todos os aspectos, tinha me traído de forma pública, voltei-me para outro grupo. Amigos da comunidade lésbica retornaram. Uma ex-namorada me escreveu um bonito bilhete (ela é poetisa). Nele, ela me assegurava de sua fé em mim e me dizia que sempre seria bem-vinda na comunidade lésbica. Ela me disse para não temer uma lição de vida tão dura e não pensar que meus antigos amigos queriam que eu sofresse. Agora que havia uma séria batalha de fé diante de mim, tornou-se seguro para outros compartilharem suas dúvidas, temores e decepções. Em algum momento, minha vizinha lésbica tinha sido uma mulher de fé. Eu não sabia disso. Agora, ela estava morrendo de câncer. Ela foi até mim um dia e disse: "Eu não dou a mínima para quem Deus era para você quando você estava feliz. Mas agora que está sofrendo, quero saber: Quem é seu Deus? Onde ele está em seu sofrimento?".

O telefone tocou à meia-noite ou, talvez, depois. Enquanto ficava na cama ouvindo o toque do telefone, subitamente lembrei-me de que morava sozinha e que teria de atender a ligação. Saí da cama, tropecei em Murphy, meu cão, e desci correndo a escada para a cozinha. Peguei o telefone sem acender a luz. Era o hospital. Uma das minhas alunas de pós-graduação estava na UTI para queimados. Ela tentou suicidar-se ateando fogo em si mesma. Meu nome estava entre seus contatos de emergência (isso era novidade para mim). O funcionário do hospital disse ao telefone: "Ah, a propósito: estamos colocando Paxil na dose de morfina dela, tudo bem para você?". Paxil? Morfina? Por que ela estava me perguntando isso?, pensei.

Apareci no hospital e eles me deram um quarto para tomar banho e me trocar. Forneceram-me uma roupa de plástico para vestir. Depois, levaram-me a outra sala com mais película de plástico e tubos de respiração. Minha aluna A parecia mumificada. Todavia, ela estava animada. Ela me agradeceu por vir, como se eu fosse um convidado em uma festa formal. Era surreal. Ela estava falando sem parar sobre seus medos, suas visões e o fogo. Ela me contou que sua irmã estava encrencada — disse que sua irmã estava envolvida em um assassinato e que o ato era parte de um ritual satânico. Contou que algo ruim estava atrás dela. Disseme que havia enfermeiros homens ajudando-a a ir ao banheiro. E perguntou se podia ir para casa comigo. Tentei digerir tudo. Isso era sério? Uma irmã em uma seita satânica? Essa tentativa de suicídio era um ataque satânico? Fiquei pensando como uma pessoa distingue morfina de Satanás. Perguntava-me por que estava ali. Nesse instante, percebi: esta é a obra de Deus para mim, neste exato momento. Neste exato momento, devo demonstrar o amor de Cristo à minha estudante lésbica que, no último ano da faculdade, sentiu-se profundamente traída por mim. Era o chamado divino “neste exato momento". Senti calafrios por todo o corpo. Não há melhor resolução para o teste de fé que o genuíno ministério cristão. A ainda amena voz de Deus estava falando comigo, nesse instante, por meio da minha aluna. Eu estava ali porque Deus me escolheu e me colocou ali. Era hora de perder o sono e fazer alguma coisa.

Coloquei minha mão sobre a mão de A, plástico contra plástico, e lhe garanti que eu e a igreja estaríamos juntos com ela. Perguntei se podia orar a seu favor. Ela me disse que sim. Orei pela misericórdia, paz e fé salvadora de Deus. Ela adormeceu enquanto eu orava.

Chamei Ken Smith, Vivian e Floy. Liguei para minhas colegas lésbicas.Telefonei para minhas alunas lésbicas. A comunidade lésbica e a comunidade cristã teriam que trabalhar juntas por A. A recuperou-se — primeiro, na casa do meu pastor e, depois, na minha casa. Contemplei a libertação provida por Cristo mediante a cura dela. Vi a unidade de Cristo por meio das amizades que nasceram entre as cosmovisões no hospital. Percebi o poder de Cristo quando Satanás abalou A e minha casa de cima a baixo. Os presbíteros exortaram-me com vigor a começar a praticar o que

nossa igreja chamava de “devocionais domésticos” — uma hora à noite para leitura bíblica e orações para os membros da casa e os visitantes partilharem juntos. Como uma ex-lésbica solteira inicia “devocionais domésticos” com uma estudante satanicamente suicida? Enfileirar todos os meus cachorros e mandá-los sentar e ficar enquanto abro a Bíblia? Enxerguei a perseverança de Cristo quando os presbíteros e os membros da igreja vieram à noite até minha casa para ajudar-me com os devocionais, abrindo mão de um tempo que eles com certeza poderiam desfrutar com suas famílias. Observei a compaixão de Cristo quando as crianças da igreja visitaram A em minha casa (uma delas perguntou se ela já tinha ouvido falar de “segurança contra incêndio”). A melhorou. Ela não abraçou Cristo nesse período ou até onde tenho conhecimento. Mas disto estou certa: Cristo colocou seu povo na vida de A para realizar sua obra de misericórdia, e nós obedecemos.

Um dia, enquanto A estava tricotando pegadores de panela em minha sala de estar, R apareceu. Ele e A conversaram em particular por um tempo e, depois que ele saiu, A disse: “Ele é um maluco, Rosaria. Tudo que conversamos foi sobre sua dosagem de Prozac e sua dificuldade quando os médicos a mudaram”.

Situações como essa me fizeram entender uma dura lição: Deus dá e Deus toma, e ele o faz para nosso bem. Na verdade, R era meu melhor amigo e nem um pouco amigo. Amei-o por ter confundido os padrões doentios que compartilhávamos com profunda convicção pessoal. Mas Deus o tirou para meu bem. Deus sabia disso melhor que eu. Eu — e toda uma igreja de crentes — acreditávamos que casar-me com ele era a vontade divina para minha vida. O homem a quem eu tinha dito “sim” para a pergunta mais importante que um adulto pode fazer teria sido minha ruína se tivéssemos nos casado. Jamais pensarei de novo sobre conhecer a vontade divina como algo além do mais humilhante dos atos. E jamais confundirei as esperanças e os sonhos dos outros para mim como prova da vontade de Deus.

Foi nesse espírito de quebrantamento, perturbação e demasiada gratidão pela proteção divina, exatamente um ano depois do dia em que apresentei minha palestra sobre Salomão, que arrumei meu

carro para Beaver Falls, na Pensilvânia. Enquanto colocava as coisas no carro, o presbítero e amigo Bob Rice disse: “Rosaria, nunca duvide nas trevas do que Deus prometeu na luz”. Meu amigo dr. Ken Smith, na época presidente do Conselho Administrativo do Geneva College, conseguiu arrumar para mim a posição de professora visitante durante um ano nessa faculdade cristã da nossa denominação. Lá eu poderia estudar educação cristã enquanto ensinava em uma faculdade cristã genuína — mantendo, assim, as promessas da licença para pesquisa. Ficaria a aproximadamente uma hora de Pittsburgh. Logo, ainda conseguiria dirigir até lá nas noites de sexta-feira e ensinar no programa de ministério urbano — e, dessa forma, manteria meu contrato. Não precisaria me preocupar com um encontro com R no seminário (onde minha turma de ministério urbano se reuniria). Deus expôs os pecados dele ao conselho. Ele não retornaria ao seminário. O Geneva College graciosamente me permitiu morar sem aluguel em um de seus apartamentos e os estudantes que alugavam minha casa cobriam minha hipoteca. Isso me permitiu devolver meu salário ao programa de ministério urbano, que tanto necessitava (Sl 15.5). E o presidente do Geneva College até permitiu que eu levasse Murphy, meu cão. Deus me deu mais do que havia pedido. Sua provisão era sobejante. Meu cálice transbordava.

Afastar-me de Syracuse foi difícil. Perguntava-me se algum dia retornaria. Amava minha casa branca com acabamento verde, meus vizinhos e, pelo menos no verão, amava Syracuse. Mas, acima de tudo, amava meu trabalho. Com horror, lembrei-me de ter estado disposta a deixar meu emprego por R. Como Deus tinha me protegido desse homem! Como pude chegar a considerar deixar a cátedra! Que tolice! Amava meu trabalho e meus colegas. Eles eram dons ou ídolos?, eu pensei. Com um calafrio, sabia que se eles fossem ídolos, então Deus, em seu amor e misericórdia, iria destruí-los e retirá-los de mim.

Meu fiel cão, Murphy, lambeu meu rosto enquanto pegávamos a estrada. Sentia-me animada quanto ao que viria a seguir. Ainda estava triste, lamentando e orando para que R tomasse jeito e voltasse para a fé verdadeira e até para mim. Mas, de modo independente disso, eu estava trabalhando para Deus! Que

privilégio! Que segurança da salvação! Deus estava me ensinado a levar as coisas deste mundo sem preocupação, a usar minhas habilidades para o Reino. Deus estava revelando-se a mim por meio dos detalhes da minha vida e das escolhas que colocara diante de mim. Eu estava me afastando do lugar, da vida, da carreira e das pessoas que conhecia e amava. Mas Jesus Cristo era mais para mim nesse momento que qualquer uma dessas coisas materiais. Murphy lambeu meu rosto de novo e comecei a gargalhar. Em resumo, esta foi minha conversão: perdi tudo, menos o cachorro.

3. Os mocinhos: santificação e culto público

Geneva College, Beaver Falls, Pensilvânia, 2000-2001

Em algum momento no processo de conversão, voltei a tricotar com força total. Por toda a minha vida, sempre fui tricoteira, desde os seis anos, quando minha avó me ensinou. Minha vida pós-conversão descobriu-me obcecada por tarefas simples e repetitivas e, assim, o tricô tornou-se uma paixão, um descanso, um hábito incansável, e sem o qual eu absolutamente não poderia viver. Amava a sensação da lã entre meus dedos, o material esculpindo um pequeno e já conhecido calo na parte externa do dedo anular. Gostava das cores. Debruçava-me sobre livros de tricô e permanecia muito tempo em lojas de fios, inebriada pelas cores, respirando as fibras. Fazia experimentos com cores e padrões. Aprendi por conta própria a ler um padrão com precisão. Pegava-me buscando meu tricô o tempo todo, mas em especial enquanto orava. Ainda oro melhor com agulhas nas mãos. Cada carreira representava adoração, ação de graças, petição, confissão, renovação, pessoas, problemas, sabedoria, entendimento, caráter, versículos memorizados. Algumas pessoas mantêm um diário de oração. Meu diário de oração é tricotado em carreiras e gominhos. Posso olhar para suéteres, mantas, luvas, meias, panos de prato e pegadores de panela e lembrava-me do que orei durante o nascimento de cada item. Algumas vezes, pergunto-me o quanto disso é o velho hábito de orar quando garotinha com as contas de um rosário nas mãos.

Arrumar as malas antes de deixar Syracuse foi uma experiência repleta de terror. Mantive minha caixa de fios aberta, para ter certeza de que tinha trazido lã suficiente para sobreviver por dois semestres. Era mais cuidadosa com minha lã que com minhas roupas. Havia planejado estar fora durante um ano acadêmico. Estava certa de ter

trazido bastante lã para isso. Confiante do retorno, deixei o restante do meu estoque de lã, meus projetos concluídos e meus diários pessoais em uma caixa no porão do vizinho. Syracuse — mesmo com as perdas agora superando os ganhos —tornara-se minha casa. Minha vida como professora universitária — mesmo com as perdas superando os ganhos — tornara-se quem “eu sou”. Era algo sem o qual não podia imaginar a vida — meu título, minha função, meu esconderijo. Era meu depósito não tão secreto de orgulho farisaico.

Sempre mantive maior sintonia com a paisagem interna da vida que com a externa. Demora muito até que eu perceba marcos geográficos ou a cor dos sapatos calçados por alguém. Eu seria uma péssima testemunha de um crime. Enquanto paisagens internas têm profundidade, forma, cor, textura e sabor, o mundo externo de modo geral é apenas uma sombra cinza para mim. Mesmo com esse déficit em acuidade visual, não pude deixar de notar que dirigindo da Nova York central até a Pensilvânia ocidental, a paisagem mudava.

Tudo era mais verde, para começar. As árvores viçosas. O ar mais úmido. Meu cabelo começou a encaracolar na rodovia e não desenrolou até janeiro. Enquanto deixava a estrada e entrava no condado de Beaver, outra coisa pegou-me de surpresa. Toda a região tinha um ar “religioso”. Nas casas, e mesmo no comércio, versículos da Escritura anunciavam a cosmovisão dos moradores. Em Nova York, estava acostumada a ver flamingos cor de rosa ou estátuas da virgem Maria nos gramados dos vizinhos. (Aprendi que uma razão muito importante para manter meu cachorro na coleira era sua propensão a levantar a pata para esses ornamentos, gesto que não me tornava querida entre os vizinhos.) Aqui em Beaver Falls, bangalôs de tijolo estilo 1945 exibiam versículos em letreiros. (Guardei uma nota mental de *sempre* manter meu cão na coleira por aqui.) O versículo mais popular era João 3.16: “Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para

que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Outras casas exibiam versículos sobre o juízo de Deus e sobre a separação entre salvos e perdidos. Também era ano de eleição. E, claramente, eu havia entrado na terra de George W. Bush. Apoio político emparelhado a versículos bíblicos deixam-me ansiosa. Não sou do tipo apostadora, mas se fosse, diria que Jesus não é membro de qualquer partido político.

Demorou um pouco para descobrir como sentia-me sobre os versículos bíblicos em letreiros. Por um lado, a Bíblia havia se tornado parte da minha vida, minha guia para a vida, o espelho paradigmático em que encontrava sentido e orientação. Amava (e amo) a Bíblia, devorando grandes porções de uma vez. Mas esses versículos esquálidos, tirados do rico e complexo contexto, estavam apenas dispostos nas placas, desguarnecidos e brutos. Senti aversão imediata à estética mesmo quando me identificava com a mensagem. Por exemplo, João 3.16 sem João 3.17 parece equilibrar-se no ponto errado. João 3.17 diz: "Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele". Esse versículo me dá maior clareza em relação a como ler o versículo precedente. Ele me ensina que Jesus não veio ao mundo para condená-lo e, portanto, nem os cristãos deveriam condená-lo. O uso da palavra "fosse" na cláusula final "para que o mundo *fosse* ser salvo por meio dele" informa que o domínio do testemunho cristão não é a salvação (que é obra de Deus), mas o serviço — amor e sacrifício altruístas. João 3.16 isolado e sem a teologia de cuidado proposta em João 3.17 deixa mais difícil sua interpretação.

Aprendi de maneira rica e orgânica que a Bíblia traça uma rede por todos os diálogos e culturas, como verbos ativos em sentenças ou oxigênio na atmosfera. Descobri que os cristãos precisam seguir os caminhos complexos e contraintuitivos de condução por parte do Espírito Santo. Entendi que ser uma heroína por Jesus era uma obra nobre,

em especial quando ninguém, exceto o próprio Jesus, sabia dos riscos do sacrifício em questão. Mas versículos bíblicos que contrapõem a salvação ao serviço cristão, em vez de servirem como mediadores importantes entre os lares cristãos e o mundo ao redor, pareciam pequenas investidas furtivas, ataques apressados e isolados à cultura, sem a percepção de que uma cosmovisão que prescreve o cuidado está por trás deles. Fui a beneficiária do verdadeiro evangelismo cristão. Ken Smith gastou tempo comigo, tempo custoso e tempo verdadeiro — não apenas o tempo livre. Ele não se escondeu atrás de adesivos de carro ou palavras de ordem. Jamais permitiu que o orgulho se passasse por princípio. Talvez, eu estivesse sendo excessivamente reacionária em relação à nova paisagem de Beaver Falls. Talvez eu ou um dos meus amigos *drag queens* fôssemos bem-vindos para tomar uma xícara de café em uma dessas casas amantes da Bíblia, acomodando, entre os goles, nossas xícaras em toalhas de mesa de vinil de uma cozinha interiorana. Talvez eles conversassem conosco, considerando-nos pessoas criadas à imagem de Deus. Mas talvez não. Essas placas faziam-me imaginar: seria bem-vinda por ser visivelmente salva? Qual é o maior dos dons de Deus: ser criada à imagem de Deus, ser salva, ou os dois? Nós deveríamos fazer um *ranking* dessas coisas? Devemos tratar os visivelmente salvos com mais honra que o restante de toda a humanidade criada à imagem de Deus? Esses versículos encontrados nos letreiros ocupam o mesmo espaço cultural da bandeira do arco-íris outrora existente no mastro à entrada da minha casa? Estas são placas de “bem-vindo” ou de “só o pessoal autorizado”?

Simplificando: viajar para Beaver Falls deu-me arrepios. As placas assustavam-me e o ar tinha cheiro de lava-roupas líquido e de bolo de caixinha sob um cenário de poluição viciada e confinada no vale.

Cheguei ao *campus* cansada, faminta e assustada.

No edifício principal da faculdade, um estranho estava me esperando com uma chave. Levou-me ao lugar que seria meu novo lar. Esse apartamento de segundo andar ficava de frente a um beco que lembrava o em que eu costumava jogar chuta-lata quando criança. Fui ao subsolo e entrei em um grande depósito e lavanderia. Não achava que haveria uma lavanderia local. Esse pequeno detalhe me empolgou. Enquanto subia o lance de escadas até o espaço de convívio, a primeira coisa que vi foi uma bela cadeira de balanço. Adoro cadeiras de balanço e estava triste de deixar a minha em Syracuse. Esquadrinhei o lugar. Uma cozinha organizada, um sofá macio, uma cama confortável, uma escrivaninha e até uma TV (uma TV muito maior e melhor que a minha!). O carpete era limpo e a cozinha contava com uma camada fresca de tinta branca. Coloquei a cama de Murphy entre o quarto e a sala de estar. Suspirei. Era preciso aceitar. Esse lugar era simplesmente perfeito. Deus me levara à minha casa perfeita. Cantei o Salmo 23B para mim mesma enquanto desfazia as malas do carro e levava Murphy para uma caminhada na nova vizinhança:

O Senhor é o meu pastor,
E nada me faltará
Deitar-me faz em verdes pastos
a águas tranquilas me conduz;

Minh'alma Deus refrigera
E o meu caminho ele guia
Pelas veredas da justiça
Por amor do seu nome

Se ando pelo vale da morte
Ainda, mal nenhum temerei
Pois comigo tu estás
Tua vara e bordão me consolam

Uma mesa me preparaste
Perante meus inimigos
Com óleo a fronte me unges
E meu cálice sobeja

Bondade e compaixão,
Por certo me seguirão
E a casa de Deus para sempre
Será minha habitação

Caí em um sono profundo e tranquilo. Sentia-me como criancinha, dependente de modo total de alguém sábio e experiente. Cresci acostumada a pensar que estava tomando conta de mim. Deixar meu cargo de docente, mesmo por algum tempo, foi minha maneira de dizer: "Senhor, sou tua, dá-me o que tu queres que eu guarde". Ali, enquanto a névoa de sono baixava, experimentei algo que simplesmente não conseguia fazer surgir em minha consciência: experimentei a confiança tranquila.

A enormidade do risco que tinha acabado de aceitar não me atingiu até acordar pela primeira vez em Beaver Falls, ouvindo trens, sinos de igreja e cardeais. Onde estava a confiança sentida ao adormecer? Por que a obediência não a produziu? Ponderei sobre isto: seria possível que a obediência fosse de alguma forma mais fácil que a confiança? Este é o pensamento que abre o livro de Jerry Bridge, *Trusting God Even When Life Hurts* [Confiando em Deus mesmo quando a vida machuca]: as fronteiras da obediência são claras, mas a confiança manifesta-se no mundo sem fronteiras do "tudo pode acontecer". O fato de Deus ser soberano sobre o bem e o mal não necessariamente torna o mal menos assustador. Recitei o salmo 23 e levantei da cama.

O salmo 15 me levou para Beaver Falls e o salmo 23 me manteve lá.

Naquele ano, Floy me deu de aniversário um pequeno livro de Frederick B. Meyer, chamado *The Shepherd's Psalm* [*O salmo do Pastor*] (1889). Nele, descobri o que, em estudos da Língua Inglesa, chamamos de metáfora dominante (uma poderosa, ainda que subestimada, ideia que mantém unidas todas as outras partes de um paradigma). Esta, acredito, é a metáfora dominante da vida cristã, e que primeiro descobri no livro de Meyer e primeiro entendi no pequeno

apartamento acolhedor durante meus primeiros dias em Beaver Falls. Meyer escreveu na página 17: “A descrença põe as circunstâncias entre si e Cristo, para evitar enxergá-lo. [...] A fé põe Cristo entre si e as circunstâncias, para que não possa enxergá-las”.

Quando acordei para a nova vida em Beaver Falls, era Dia do Senhor. O primeiro item da ordem do dia era escolher uma igreja. Havia me mudado para a sede da denominação presbiteriana reformada. Apenas em Beaver Falls, havia cinco igrejas — duas à distância de uma caminhada, duas à distância de uma corrida, e uma acessível de carro. Jamais encontrei a última da lista, embora existam relatos confiáveis de sua existência. Meu plano era visitar cada uma delas e, então, transferir-me para uma em que acreditasse crescer no conhecimento e na graça de Jesus Cristo e no serviço à igreja e ao mundo.

Naquela manhã, cultuei na igreja do outro lado da rua principal do Geneva College. A aparência dessa igreja era diferente da de Syracuse. As pessoas eram mais jovens e vestiam-se de forma mais casual. Muitos frequentadores eram do corpo docente, professores aposentados, funcionários, alunos ou ex-alunos do Geneva College. Nunca tinha ouvido falar dessa faculdade até unir-me a essa denominação. Agora parecia que todos na vizinhança frequentaram-na em algum ponto ou outro. Jamais havia vivido em uma comunidade tão autocontida.

O novo ano letivo estava prestes a começar e todo o burburinho antes do culto envolvia a panelinha Geneva College. As pessoas repetiam temas como o currículo de humanas, o plano de ampliação, a falta de aumentos, preocupações com a abordagem da administração nisso ou naquilo. O teor afiado da conversa era diferente do esperado por mim. Como éramos uma denominação pequena, esperava que todos nos déssemos bem! Tolinha! A conversa aqui era local, pessoal e, algumas vezes, conspirativa: os conversadores dominaram o seminário! Os

verdadeiros reformados estão alienando cristãos de outras denominações! Algum presbitério considerava-se dono da faculdade e estava tentando impor a adesão ao padrão da Criação em seis dias literais de 24 horas, o que violava a liberdade acadêmica dos docentes reformados e não reformados!

Estive na faculdade — como aluna de pós-graduação, não catedrática e catedrática — por mais de uma década e nunca tinha ouvido uma faculdade falar desse jeito. Não ficaria mais confusa se aquelas pessoas começassem a conversar em télugo.[17] Senti uma lenta hemorragia de pânico passar por mim. Sabia como ser uma professora universitária. E (mal) sabia como ser cristã. No entanto, se entender a *língua franca* zunindo a meu redor fosse necessário para funcionar aqui como professora cristã, então já estava morta.

É provável que algumas pessoas aprendam a nadar quando caem de um barco e quase se afogam. Mas isso não significa necessariamente que elas dariam bons técnicos de natação. Eu me sentia como alguém cuja vida cristã tinha nascido nesse cabo de guerra de vida ou morte. Estava começando a acordar para a vida cristã. E não tinha escrito meu testemunho de forma adequada para partilhá-lo com desconhecidos. Sentia-me como uma falante não nativa tentando comunicar a verdade mais importante e complexa na língua que mal articulava. Minha instrução bíblica embrionária desabou sob o peso das expectativas a meu redor.

Minha oração mais sincera nessa manhã na igreja foi que ninguém me perguntasse alguma coisa cuja profundidade ou mérito fosse além de “Você gostaria de uma xícara de café?”.

Essa apresentação precoce no período de conversa pré-culto tipificou meu período em Beaver Falls. Este seria um ano de desmantelar e agregar, de lançar fora e enxertar à cruz. O sofrimento torna-nos inseguros enquanto

experimentamos nosso autodiagnóstico de todos os pontos de vista. O que me aflige? O rompimento do meu noivado? Meu feminismo? A assistência ingênua da igreja ao resolver minha homossexualidade anterior com meu casamento heterossexual posterior? Meu antigo pecado sexual? Meu pecado atual? Minha cobiça obstinada por uma vida construída em algo além de más escolhas? Aqui me encontrava em um contexto público e não era possível disfarçar. As pessoas com casamentos completos, filhos gentis, vida bem empregada suscitavam uma reflexão sobre o legado das minhas decisões. Imaginava como minha vida teria sido diferente se eu tivesse ido para o Geneva College. Teria conhecido o Senhor quando universitária? Quando praticava minha antiga cosmovisão, a vida atual parecia uma piada cruel. Mas sabia que mesmo ali a providência divina não era arbitrária ou caprichosa. Deus permitiu que me erguesse tão alto quanto podia e caísse de forma repentina e pública. Se meu pecado não tivesse me precedido publicamente e meu arrependimento não fosse meu barco salva-vidas, se me encontrasse elegantemente protegida nos limites e decisões de família e comunidade cristãs, hoje eu provavelmente seria o maior de todos os fariseus. Algumas pessoas são espertas o bastante para aprender lições da maneira fácil. Eu não. Sempre precisei cair de cara.

O pessoal dessa igreja era amigável. Fui convidada de imediato a participar do estudo bíblico das mulheres e recebi muitas folhas de papel com números para telefonar, caso precisasse de alguma coisa. (Meu telefone não seria instalado pelas próximas semanas, pois mudei para Beaver Falls durante a greve da Verizon,[18] mas dei valor à intenção.) Pelo boletim da igreja tomei conhecimento de que essa igreja estava tão comprometida em alcançar os de fora quanto com cuidar dos próprios membros. E, embora no momento eles estivessem em processo de busca de um novo pastor, não pareciam divididos, furiosos ou confusos. O pastor que se aposentava estava pregando naquele dia.

Jonathan Watt era doutor em linguística e professor do Geneva College e do nosso seminário. Ele estava deixando o pastorado para dedicar-se em tempo integral ao ensino. Seu sermão era mais curto que o de Ken Smith e bem mais polido.

Estava acostumada com o fato de que em todo sermão de Ken Smith, minhas sensibilidades feministas ainda em funcionamento seriam ofendidas — de forma profunda. Ken usava exclusivamente pronomes masculinos e uma vez usou “totalitarista” em um sermão inteiro quando o que realmente queria dizer era “totalizante”. Eu estava agitada. E, muito estranhamente, continuei voltando para mais. “Seria eu masoquista?”, pensei. Ou estava aprendendo a tolerar? Passei a perceber que minha tarefa não era criticar e “receber” o sermão, mas me aprofundar nele, desfrutar seu poder, participar de sua mensagem e roubar seus frutos. Aprendi ouvindo a pregação de Ken Smith que quem se ofende com facilidade não entendeu bem a ideia. Na igreja de Syracuse, meu colega e amigo dr. Ken Smith dava aulas para uma turma da escola dominical. Na aula do dr. Ken, estava aprendendo como os cristãos organizam prioridades. Também aprendia a examinar minha política de gênero em oposição à instrução da Escritura. Estava percebendo que fazer isso era seguro, e que mesmo os cristãos crentes na Bíblia defendiam uma variedade de possíveis aplicações bíblicas para a questão de gênero e papel das mulheres. Mas aqui, nesta igreja, descobri uma mensagem mais sofisticada e uma audiência mais sofisticada. Não deixei o sermão sentindo-me crua. Deixei o sermão pensando sobre literatura e o rico leque de idiomas que entrelaçava a cosmovisão bíblica. O sermão me fez pensar sobre a instrução bíblica de maneiras novas e aprofundadas. O culto foi breve e direto ao ponto. O pastor era muito caloroso e gentil. Parte de mim amou o lugar e parte de mim não confiava em mim ali.

Em Beaver Falls, as igrejas presbiterianas reformadas oferecem não apenas cultos matutinos, mas cultos

vespertinos também. Essa era uma nova tradição para mim (e que tive dificuldade em incorporá-la). Meu padrão habitual em Syracuse era vestir meus pijamas depois do jantar e me esticar na cama com um bom livro. Todas as igrejas em Beaver Falls tinham identidades diferentes. A igreja visitada por mim nessa manhã era parecida com uma igreja empresarial — para professores e alunos — os jovens, bacanas, modernos e arrojados. Para o culto vespertino no primeiro dia do Senhor em Beaver Falls, caminhei dois quarteirões do meu apartamento até a Geneva Reformed Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Reformada Genebra]. O pastor dela era Bruce Backensto. Ouvi que Bruce estava trabalhando em um doutorado em teologia sobre a doutrina da santificação, e que ele e sua mulher Kim foram casados anteriormente e haviam se divorciado dos respectivos cônjuges.

Entrei no prédio da igreja dez minutos mais cedo — meu costume quando visito qualquer lugar pela primeira vez. Fiquei nos fundos e escutei as pessoas conversando. A conversa girava em torno de uma mulher chamada Mary Lou, que lutava contra o câncer de fígado. Alguém compatível havia sido encontrado e a operação aconteceria em breve. Anos de oração moldaram essa longa e dolorosa jornada. Deus ouviu as orações do povo.

Depois de avistada, fui saudada por pessoas que me fizeram sentir como velhos amigos: lá pela cozinha da igreja estavam Willard McMillan e Renwick Wright, e suas queridas mulheres, Shirley e Maureen. Eles me receberam como se estivessem esperando por mim. Conheci os dois casais em Syracuse, onde seus filhos adultos e netos moravam e participavam dos cultos. Não havia nada precipitado aqui. Nenhuma pretensão. Willard disse: “Você passou por tantas coisas. Está bem? Deus a está sustentando?”. Renwick disse: “Aqui estão nossos Daniel, Davi e Paulo em uma só pessoa! O Senhor deu vitória a você hoje? Se não deu no dia todo, que tal neste exato minuto?”. De imediato, sentime segura para explorar meu

coração inconstante e instável. Esperava que aqui, na Geneva, fosse seguro chorar. Não poderia impressionar ninguém aqui se tentasse, então me concentrei no difícil trabalho de virar as páginas do meu coração, deixando cada uma aberta e vulnerável ao escrutínio espiritual.

O culto estava prestes a começar, e tomamos nossos lugares nas cadeiras dobráveis sobre o piso úmido e mofado. A maior parte da congregação consistia em pessoas com cerca de setenta e oitenta anos. A única exceção visível era a grande e jovem família do pastor. Havia também uns poucos universitários e um punhado de jovens entre os vinte e trinta anos. O canto dos salmos era o mais pavoroso que já ouvi, com aparelhos auditivos esbarrando e invadindo o ritmo já instável a cada estrofe. Havia um cavalheiro idoso que insistia em segurar a nota de uma estrofe até que a próxima já estivesse seguindo bem seu ritmo. O canto me deixou atordoada à maneira de um enjoo marítimo. Bruce foi até o palanque com um coxeio e uma dificuldade pouco usual para um homem que parecia ter uns 50 anos. Sua presença no púlpito era intensa e urgente. Pareceu-me que ele não usava esboço. Pregou sobre Gálatas 5.16-26:

> Por isso digo: vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam. Mas, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da lei.
>
> Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti, que os que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus.
>
> Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei. Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus

> desejos. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito. Não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e tendo inveja uns dos outros. (NVI)

O foco da série de sermões, Bruce explicou, era explorar em detalhes todas as obras da carne, e examinarmo-nos à luz do texto bíblico. Hoje, exploraríamos, em detalhes explícitos, a primeira obra da carne mencionada: imoralidade sexual.

Enquanto estava assentada na cadeira e escutava Bruce pregar, sabia que nunca tinha ouvido algo parecido. Aquilo correspondia à Escritura, e ao que eu estive lendo na Bíblia. Mas eu nunca tinha ouvido alguém falar dessa forma no púlpito. Em Syracuse, só falávamos dessa forma em particular e, ainda assim, apenas com algumas pessoas (nunca com o pastor Ken). O pastor Bruce era clinicamente direto, dolorosamente honesto e flagrantemente corajoso. Não havia dúvidas em minha mente, quando as lágrimas começaram a cobrir rosto: mal havia começado a jornada do meu arrependimento. E até aqui pensei que me arrependera deforma completa e que minha dor resultava do pecado de R. Ah, esse sermão foi um soco direto no rosto: o sofrimento era devido ao meu pecado e ao orgulho ainda vivo no meu coração, e à falsa sensação de direito e de bens conquistados. Até aqui, havia passado o verão sentindo-me e agindo como vítima inocente de um crime casual. Quanto engano! Eu era culpada.

O pecado de R estava na mente dele, mas eu tinha bastante do meu próprio pecado para admitir e deixar no trono da graça. Uma das complexidades do arrependimento do pecado sexual é que suas consequências são bidirecionais, lançando uma sombra em nosso passado e futuro. Ele afeta como nos lembramos (e racionalizamos) e a maneira como vivemos. Sentia-me completamente traspassada pela mensagem de Bruce. Escrevia anotações o mais rápido e com o maior ímpeto possível. Meu sentimento era como o de alguém ressequido, engolindo água em pânico e frenesi. Enquanto tentava acompanhar

esse estilo novo de pregação, Willard McMillan passou um bilhete para mim de sua fila de cadeiras. Ele piscou para mim quando um estranho a colocou em minha mão, pois eu saberia que tinha vindo a um lugar amigável. O bilhete dizia: “Aguente firme e continue respirando!”. Procurei-o e olhei para ele, e ele irradiou aquele sorriso caloroso que fazia seus olhos dançarem como estrelas cadentes. No matiz lançado pelos olhos dançantes de Willard, eu sabia. Eu tinha encontrado minha igreja. Depois da bênção, da qual precisava muito, ergui-me da minha cadeira e fui até a porta. Estava devastada demais para conversar com as pessoas ou agradecer o pastor. As gentilezas costumeiras de igreja estavam arruinadas para mim naquela noite.

Encontrava-me encharcada de suor e havia usado todos os meus lenços de papel. Caminhei os dois quarteirões até meu apartamento de maneira lenta e cuidadosa, como se estivesse ferida. Jamais na minha vida tivera uma experiência espiritual como essa. Sentia como se tivesse chegado o mais perto até então de entender o Jesus vivo. Queria que meus amigos de Syracuse ouvissem o que tinha acabado de ouvir. Percebi-me absolvida e condenada. Senti paz. Caminhando para casa no escuro, ficou perfeitamente claro para mim por que Deus trouxe-me para Beaver Falls, o verdadeiro motivo, o melhor motivo. O Senhor levou-me a Beaver Falls para assentar-me sob a pregação de Bruce Backensto e viver o que estava aprendendo. Havia muito mais pecado, camadas de pecado, do qual me arrepender. E, durante a pregação de Bruce, aprendi como chorar o arrependimento sem sentir falsa inocência. Nessa noite, aprendi a verdade simples sobre a santificação deste lado do céu: ela é, como o autor de Hebreus nos diz, tanto “já” quanto “ainda não”. Mesmo quando confrontada com o ferrão cegante do pecado de outra pessoa, não é de fato o pecado alheio que pode nos ferir. Nosso próprio pecado purulento, disfarçado de inocência, será a ruína de todos nós.

Passei a primeira semana em Beaver Falls tentando recuperar o fôlego. Permaneci incomunicável, sem telefone e e-mail. Escrevi uma carta para Ann O'Neill, informando-lhe que estava na cidade e que meu telefone não estava funcionando. Ann morava em Pittsburgh e seu marido Jerry era (e é) o presidente do seminário da nossa denominação. Embora eu os tivesse encontrado apenas algumas vezes, os dois guardavam a rigorosa fé que eu desejava e admirava. Eles se embrenharam no mundo e tocaram pessoas que muitos cristãos conservadores nem sabem que existem. Pude perceber isso pela maneira como me receberam. Deram-me bons conselhos quando R rompeu o noivado. Eles não eram estranhos ao sofrimento, e sim do tipo de pessoa que consegue lidar com a dor de alguém sem levar as coisas para o aspecto pessoal. Conhecer melhor Jerry e Ann foi uma das coisas que eu mais aguardava na nova vida em Pensilvânia.

A primeira semana no Geneva College foi surpreendente para mim. A cultura do corpo docente é sempre algo muito peculiar. Habituara-me com a cultura de Syracuse, onde não havia problema em não gostar uns do outros. Aqui era outra história! Muitos docentes eram ex-alunos do Geneva College. Tinha (e tenho) minhas suspeitas quanto a isso. Parecia-me que os antigos alunos (mesmo que atualmente docentes) não teriam a liberdade adequada ao debater com os antigos e queridos professores. Em vez de trazer uma nova perspectiva com novos ângulos para o currículo, a cultura estudantil e o clima da faculdade, temia que esses antigos alunos e agora professores seriam seduzidos pela nostalgia, sentimentalismo e pelo respeito à autoridade. Em vez de amadurecerem até a própria identidade docente, suspeitava que muitos jovens professores estavam presos às identidade dos mentores. Ou talvez eu estivesse apenas com inveja do fato de essas pessoas ainda terem a carreira enquanto eu acabara de dar descarga na minha.

Minha agenda era mais ou menos assim: uma aula de teoria crítica com outro professor do Geneva College. Eu

lecionava um seminário avançado sobre Charlotte e Emily Brontë no contexto da hermenêutica cristã. Durante a semana, também conduzia estudos independentes e liderava um estudo bíblico no *campus*. Os estudantes do Geneva demonstravam uma preparação universitária mais abrangente quando comparados a meus alunos de graduação da Syracuse. Os estudantes receberam-me com uma intensidade surpreendente. Eles partilhavam comigo os muitos conflitos universalmente enfrentados em faculdades cristãs: desavenças denominacionais e o cultivo de pecados, grandes e pequenos. Uma grande questão era como os católicos e os protestantes se dariam bem. Na primeira noite de estudo bíblico no meu pequeno apartamento, um aluno virou para o outro e disse: “Você é católico? O que está fazendo aqui?”. O estudante católico respondeu: “Vinte por cento do corpo discente é católico! A questão é: ‘Você pertence à nossa denominação? O que você está fazendo aqui?’”.

Bem, com certeza este seria um lugar interessante. Segunda a quinta-feira estavam repletas de estudantes ocupando meu escritório, seguindo-me até a lanchonete, indo ao meu apartamento para o estudo bíblico, ajudando-me a encontrar o equilíbrio como cristã e professora.

Uma das proezas hercúleas do meu horário era a viagem semanal a Pittsburgh, para ensinar no Centro de Ministério Bíblico Urbano. O desafio era chegar lá. Pittsburgh é desorganizada, com rios, túneis e vias de mão única. Dirigir de Beaver Falls até Pittsburgh exigia o transporte pelo equivalente terrestre do triângulo das Bermudas.

Essa jornada traiçoeira foi digna de seus perigos. A experiência mais importante e decisiva da minha vida acadêmica esperava por mim do outro lado. No Centro para Ministério Bíblico Urbano, trabalhei com uma negra íntegra chamada Karla Threadgill Byrd, e lecionei cursos de Bíblia como literatura e métodos de pesquisa. Meus alunos eram muito mais inteligentes que eu. Cada um tinha uma história

— ou dez. Todos eram joias na coroa de Cristo. Meus alunos eram negros e, mais comumente, tinham mais de 40 anos. Estavam reconstituindo a vida depois de muitas privações. Apesar da pobreza, do racismo e da falta de instrução, meus alunos acharam tempo para serem pais acolhedores [licenciados], pais [biológicos], alunos e, alguns, pastores. (Tenho certeza de que meu marido e eu somos pais acolhedores licenciados hoje e pais de quatro crianças negras graças ao belo e piedoso exemplo fornecido por esses santos.) Quando eu dirigia de Beaver Falls a Pittsburgh nas noites de sexta-feira, e quando entrava na sala de aula, não importa quão cansada ou desencorajada estivesse, sabia que estava entrando em terra santa. Se um dia voltar a ensinar, consideraria uma honra trabalhar de novo nesse Centro e para Karla Byrd. Tratava-se de um lugar sério. Não estávamos tentando impressionar mais ninguém, muito menos, um ao outro. Tentávamos, com humildade, ouvir o chamado de Deus para nossa vida e reunir a coragem e integridade para cumpri-lo.

Meu trabalho ali terminava tarde nas noites de sexta. Fiquei grata quando Jerry e Ann O'Neill ofereceram-me hospitalidade estendida — para mim e meu cachorro. Depois de dar aula, podia ir para a casa de Jerry e Ann, para jantar, orar, e para ter a melhor noite de sono da semana toda. A cada noite de sexta-feira, Jerry e Ann gastavam tempo comigo — novamente, tempo valioso, não tempo livre. Eles permitiram a mim a integração à família deles, passar tempo com os filhos que ainda eram jovens o bastante para morar com eles, a observar o funcionamento de uma família cristã. Fiquei na casa deles todas as noites de sexta–feira desse ano acadêmico. Partilhei toda a minha vida com eles. Não importava o horário do término da conversa, sempre encerrávamos a madrugada com oração. A casa deles era meu refúgio seguro, e sua amizade ajudou-me a permanecer firme semana após semana. Retornava para casa na tarde de sábado descansada e pronta para o dia do Senhor. Em alguns finais de semana,

unia-me a eles para adorar na igreja deles. Estava assimilando tudo: conteúdo dos sermões, dinâmica familiar, estilos pessoais no ministério e na vida, papéis da mulher, perda, cura. Como Ken e Floy, Jerry e Ann permitiram-me experimentar com eles a verdadeira vivência cristã.

Com um mês da minha nova vida, um colega professor abordou-me perguntando se gostaria de ser parte de uma série de palestras sobre a integração da fé e da vida. Fiquei intrigada. Ainda não tinha encontrado minha voz pública nesse estranho clima cristão, e este parecia um bom lugar para começar. Aceitei o convite e decidi apresentar meu artigo “Salomão”, revisando a introdução para explicar o contexto e a audiência originários. Como meu discurso já estava escrito, concordei em apresentá-lo na semana seguinte.

Fiquei chocada por tantos colegas do corpo docente virem para as palestras. Em Syracuse, teria falado para a audiência de aproximadamente três pessoas. A regra tácita entre os docentes bem-sucedidos da Syracuse era clara: se a atividade não reforçar o *curriculum vitae*, não participe. Fiquei duplamente chocada ao ver o pastor Bruce por lá. A diferença entre dar a mesma palestra na Syracuse e então no Geneva College foi surpreendente. Na Syracuse, falava como traidora e pária. Agora, era parte do grupo e falava para membros do grupo. As pessoas reagiram com apoio e encorajamento. Ao ler meu discurso, sentia como se estivesse flutuando no teto enquanto me assistia apresentar a palestra. Lembrei-me da minha profunda traição à comunidade gay. Comecei a sentir a mesma náusea prostrante que me acompanhou na primeira apresentação em Syracuse. Minha fala pareceu monótona e trivial. Sentia estar enganando-me.

Duas coisas muito importantes aconteceram depois dessa palestra, ambas relacionadas a aconselhamento. Enquanto a audiência saía, o pastor Bruce aproximou-se e perguntou se estava bem (não estava) e se precisava de

aconselhamento semanal (precisava). Bruce é direto, se não brusco, e sempre apreciei isso nele. Nós combinamos um horário semanal de aconselhamento. Durante o ano todo, Bruce e Kim gastaram horas comigo, ouvindo sobre minha jornada e me ajudando a ver a providência divina em reviravoltas e oscilações. Eles dividiram as próprias jornadas comigo, e pude enxergar os fragmentos de suas vidas e da rude cruz que Bruce compartilhava em seus sermões. Ele não estava apenas escrevendo uma dissertação sobre santificação; ele e sua família estavam vivendo-a. Se Bruce e Kim me cobrassem por hora o seu tempo e conselho, ainda estaria pagando o que lhes devo.

A segundo é: o dr. Dean Smith, chefe do Departamento de Bíblia (e antigo pastor da College Hill, uma igreja com uma longa história e igualmente longa reputação de solidez), perguntou se poderia ajudar-me de alguma forma. Ele percebeu que eu não estava bem e me convidou a seu escritório para conversar. Passei muito tempo no escritório de Dean nesse ano letivo. Disselhe que me sentia uma impostora e que não sabia como ser uma professora cristã. Perguntei-lhe se ele me mentorearia e se eu podia assistir a uma aula dele, para vê-lo ensinar e aprender como integrar minha fé e minha vida. A cordialidade e a vulnerabilidade de Dean deixaram-me à vontade. Ele e sua esposa Nancy me levaram para a casa deles nos períodos que provavelmente seriam difíceis para mim. Passei a melhor véspera de Natal da minha vida na casa deles (embora, por várias razões, eu não celebrasse e nem celebre agora o Natal). Dean aceitou com prazer minha participação como ouvinte de uma matéria lecionada por ele em aconselhamento cristão, e foi na aula de Dean que aprendi pela primeira vez a estudar os puritanos. Foi também na aula de Dean que vi um genuíno professor universitário cristão em ação. Fiquei assombrada com os níveis de integração (de disciplina, conhecimento, Cristo, sofrimento, traição, perseverança, compaixão e fé) que podia discernir nas preleções de Dean e em sua maneira de lidar com os estudantes. Não tinha e ainda não

tenho esse dom. O dom de Dean é tangível e etéreo. Ele caminha com fluência entre a pregação e o ensino. Dirime todas as perguntas dos estudantes. Ele humilha-se, mas só ganha respeito ao fazê-lo. Estava hipnotizada por sua fluência bíblica, inteligência emocional e humildade. Tentei tomar notas do talento de Dean como professor, para ver se conseguia assimilar pelo menos uma partícula daquilo. Até hoje trabalho nisso. Passei meus melhores anos impregnada pela cosmovisão errada. Deus me salvou, mas não me havia lobotomizado. Meus padrões profundos de pensamento e interpretação também eram suspeitos de pecado. Agora, isso estava dolorosamente evidente para mim.

Depois de duas semanas em Beaver Falls, Deus reuniu para mim uma poderosa equipe de conselheiros e bons exemplos cristãos. O pastor Bruce me ensinou a aplicar os meios de graça que Deus fornece para o arrependimento e crescimento na santificação. Jerry e Ann ensinaram-me a orar mesmo quando não me encontrava disposta. Karla me ensinou a sacrificar-me e assumir riscos. E Dean me ensinou como alguém transforma os termos “professor” e “cristão” em apenas um.

Depois de agradecer a Deus pelos professores e exemplos, e após começar a fazer orações arriscadas e corajosas, ele me enviou ao ministério — estudantes, aos montes, famintos, inquietos e reais.

Cerca de um mês depois da palestra Salomão, o capelão abordou-me com uma proposta. Ele estava montando a agenda para algo chamado Convocação, uma programação eclética promovida pela capela (às vezes, palestras, às vezes músicas de louvor e adoração etc.). Exigia-se dos alunos a participação em um certo número de cultos e palestras na capela, então boa presença era garantida. (Se ele disse isso para eu me sentir melhor, não conseguiu.) E queria saber se eu estava pronta a partilhar meu testemunho com a comunidade universitária. “Não,

obrigado", respondi. "Sério", ele disse, "pense sobre isso". Eu não tinha que pensar sobre isso. Já estava passando por dificuldades suficientes ao viver meu testemunho. E tinha visto muitos programas da Oprah Winfrey, onde um participante biruta atrás do outro alega ter sido salvo em meio a alguma coisa. Li muitos testemunhos cristãos piegas, escritos no pretérito perfeito, muito simples, felizes e mais repletos de clichês que açúcar nos biscoitos da vovó (ou, no meu caso, alho nas almôndegas da vovó). Decidi desobrigar-me da miríade de ciladas retóricas implícitas no partilhamento do próprio testemunho. Minha conversão ainda era parecida com um desastre de trem, e sou avessa a clichês em todos os sentidos. Optei pelo voto de silêncio.

Todos os testemunhos ouvidos por mim até esse ponto eram egocêntricos e cheios de orgulho. Olhem como sou esperto por escolher Cristo! Fiz uma decisão por Cristo, não sou demais? Entreguei minha vida a Cristo, não sou melhor que aqueles que não se entregaram? Toda essa linha de pensamento é comum entre os cristãos evangélicos e absurda. A totalidade do meu ser repudiava essa linha de pensamento. Sou a prova do contrário. Não escolhi Cristo. Ninguém escolhe Cristo. Cristo escolhe você ou você está morto. Depois que Cristo escolher você, você responde porque deve. Ponto. Não é uma história bonita.

"Ore sobre isso", o capelão disse.

Não orei a respeito disso, assim poderia dizer com boa consciência que não. Estava relutante em me transformar na garota-propaganda da conversão de gays. Não sentia nem sinto solidariedade por pessoas que pensam que sua salvação vale mais que a das outras. Não desejava chamar atenção para mim. Não queria que os malucos (ou malucas) do *campus* confessassem seus sentimentos de amor ao mesmo sexo ou de homofobia ou indicassem tias ou vizinhos gays para o aconselhamento. Pensei sobre o adesivo de carro então popular na comunidade gay como uma paródia dos cristãos evangélicos: "Matei uma baleia

gay por Cristo!”. Ou o outro adesivo: “Senhor, por favor, proteja-me do teu povo!”. Ainda sentia ambivalência em relação à minha deslealdade aos amigos gays. E sabia que não conseguiria escrever um testemunho limpo, feliz, sentimental, egocêntrico e censurado mesmo que minha vida dependesse disso.

Todavia, pensei, eu conseguiria escrever um testemunho honesto? Conseguiria, nas palavras e tradição do apóstolo Paulo, escrever e entregar um testemunho que revele arrependimento como fruto da vida cristã? Nos estudos de língua inglesa temos um mantra: a cultura é composta por suas histórias. “Somos as histórias que contamos”, dizia a meus alunos ano após ano. Criticava as histórias que ouvia dos amigos crentes e da cultura evangélica. Mas conseguiria ser mais que apenas uma crítica das histórias à minha volta? Poderia iniciar um novo diálogo? O que aconteceria se eu apenas contasse a verdade? Havia alguém por aí também ambivalente em relação à conversão? Mais alguém a considerava agridoce? Alguém mais morria de medo ao contabilizar o custo do discipulado? Alguém mais sentia vontade de desistir? Alguém estava cansado de tomar a cruz todos os dias? Alguém mais sentia luto pela vida que aguardava a experiência de “nascer de novo”? Alguém mais gostaria de ter pelo menos um dia de folga do mandamento de morrer para si mesmo?

No dia seguinte, disse ao capelão que estava pronta para dar meu testemunho ao *campus*. “Mas”, eu lhe adverti, “meu testemunho é para maiores”.

Dei-me o prazo de um mês para escrever e revisar a preleção de dez páginas que se tornou meu testemunho. Coloquei fotos dos antigos amigos no meu apartamento e imaginei-me apresentando o discurso na frente deles. Escrevia em pânico pela manhã, quando ainda estava escuro, e revisava tarde da noite, quando já era escuro.

Levava todo pensamento cativo à verdade. E orava para que, ao contar a verdade, Deus fosse honrado.

Não mantenho cópias do testemunho que escrevi e entreguei pela primeira vez no Geneva College, no segundo semestre de 2000. Quando entrei no auditório, ele estava barulhento e carregado pela energia da vida universitária. Lembro-me de ficar aliviada pelo fato de o pastor Bruce e muitos presbíteros da minha igreja estarem presentes para me apoiar. Alguém me apresentou e subi em direção ao microfone. Comecei a preleção perguntando se alguém sabia a diferença entre os conceitos de “particular” e “confidencial”. Disselhes que iria contar algo particular. Coisas particulares podem ser discutidas em circunstâncias especiais, mas não em ocasiões comuns. Assim, se os alunos quisessem conversar comigo sobre o que iria lhes contar, precisavam marcar um horário especial. Eu não iria abordar o que estava prestes a contar em sala de aula ou na mesa do almoço. Isso é difícil para mim, falei-lhes, e eles deviam respeitar meus limites em relação a isso. Eles escutaram bem. Lembro-me de sentir o respeito profundo que o palestrante sente quando, de repente, o salão fica avassaladoramente quieto.

Compartilhei minha vida. Contei-lhes a pura verdade da melhor forma possível. Lembro-me de sentir grande pavor ao ler o manuscrito preparado.

A palestra gerou uma grande quantidade de perguntas. Algumas revelavam o que os estudantes não tinham aprendido sobre a graça divina. Um deles perguntou: “Como você sabe que está curada se não se relaciona sexualmente com um homem?”. Em resposta, perguntei: “Por que minha saúde como cristã é determinada por fazer sexo?”. Segui explicando o que sempre me pareceu óbvio, mas que normalmente causa um grande choque para os cristãos. Expliquei que é muito comum bons cristãos considerarem o pecado sexual apenas como excesso sexual. Para o bom cristão, sexo é a recreação divina para você contanto que

você brinque no parquinho de Deus (casamento). Não é nada disso, colega. Não nos termos de Deus.

O que bons cristãos não percebem é que o pecado sexual não é sexo recreador perdendo as estribeiras. O pecado sexual é predatório. Ele não será "curado" pela redenção do contexto ou dos gêneros. O pecado sexual deve simplesmente ser eliminado. O restante da sexualidade após essa aniquilação depende de Deus. Mas a cura para o pecador sexual é morte: nada mais e nada menos. Disse à audiência: acho que muitos jovens cristãos fornicadores imaginam que o casamento redimirá seu pecado. Muitos jovens cristãos masturbadores imaginam que o casamento redimirá seus hábitos. Muitos jovens cristãos adeptos da pornografia na internet pensam que fazer sexo legítimo removerá o desejo de fazer sexo ilícito. Eles estão errados. E o casamento que resulta dessa linha de pensamento é perigoso. Eu sei, disse para minha audiência, por que mais de 50 por cento dos casamentos cristãos terminam em divórcio, porque os cristãos agem como se o casamento redimisse o pecado. O casamento não redime o pecado. Só o próprio Jesus pode fazê-lo. A audiência parecia um pouco chocada ao escutar minhas palavras.

As questões mudaram do pecado sexual para raiva explícita contra a cultura da igreja: de forma específica, como falamos dessa forma na igreja quando a igreja está, de acordo com um aluno, "repleta de hipócritas". Embora apenas um aluno tenha articulado esse sentimento, o auditório suspirou em solidariedade. Apontei para eles e pedi que acenassem para eu ver melhor quantos partilhavam a mesma ideia. A maioria dos presentes levantou a mão. Então, deixei o manuscrito de lado e lancei um desafio aos alunos. "Talvez as igrejas estejam repletas de hipócritas porque vocês não estão lá. Ou talvez as igrejas estejam repletas de hipócritas porque vocês estão lá mantendo o orgulho e desejando a autopromoção. Aqui está meu desafio para vocês: para os que têm ligação com a igreja, comecem a ir mantendo a vulnerabilidade honesta.

Para os que não vão mais à igreja, venham à igreja comigo. Comprometam-se a frequentá-la durante seis meses. Peçam comigo pela graça salvadora e orientadora de Deus e, então, podemos conversar sobre a igreja estar ou não repleta de hipócritas".

Devo dizer que raramente abandono meu manuscrito e, quando o faço, sempre arrumo uma encrenca. Essa foi a provocação mais estúpida que já fiz em um fórum público.

Depois dessa preleção, um grupo de alunos organizou-se para aceitar minha oferta. Alguns alunos viviam com dúvidas, ou estavam na incredulidade, ou afundados em pecado ou em busca de um ministério real, desejando apoiar colegas que estavam prontos a fazerem perguntas honestas à igreja e ao Senhor. Eu comecei a levar para a Geneva uma tropa de alunos. A igreja estava chorando a morte iminente de um dos membros mais jovens. Mary Lou, com sessenta e poucos anos, para quem foi encontrado um fígado compatível e pronto para o transplante, não pôde receber o órgão compatível porque o câncer já tinha dizimado sua vida. A igreja tinha orado por anos para Mary Lou encontrar um doador. A vontade de Deus nessa situação parecia uma brincadeira ou uma piada de mau gosto. O pastor Bruce, pregando em Romanos, estava destacando o mistério da vontade divina e o poder superior do caráter de Deus. Ele pregava sobre Romanos pela manhã e Gálatas nos cultos da noite. Meus alunos e eu assistimos o pastor Bruce pregar e uma congregação chorar. Depois do culto, voltamos para meu pequeno apartamento e abordamos questões básicas e fundamentais: por que eu não deveria fazer sexo antes de casar-me? Quem é Deus para dizer que meu corpo não é meu? Como sexo pela internet fere alguém? O que faço com meu passado? Minha família? Meus amigos? Minha depressão? Meu vício? Minha ansiedade? Depois de um período de discussão e oração, fizemos uma caminhada com meu cão e nos reunimos para o culto vespertino.

O que fizemos, esses alunos e eu, por todo um ano acadêmico, é muito simples. É chamado “guardar o dia do Senhor” e minha denominação dá grande valor a isso. Simplesmente tiramos um dia de descanso da vida real para que possamos explorar e expandir a vida espiritual.

Nesse período, colegas e amigos continuaram a apresentar-me perguntas que eu tinha evitado responder. Elas versavam sobre os padrões de culto da minha igreja (às vezes, também chamados de “distintivos” da denominação) e por que cria que esses padrões eram realmente bíblicos. Meus colegas questionavam por que padrões de culto bizarros assim não seriam desmotivadores, em especial para estudantes descrentes, e por que uma mulher pós-moderna como eu me sujeitaria a eles. Um colega resumiu de forma sucinta: os padrões de culto da sua denominação carecem da graça do Novo Testamento.

Eu precisava encarar essas perguntas, mas não queria. Gostava da minha igreja, do meu pastor, da minha história com Ken e Floy Smith. Sentia e sinto-me conectada à minha denominação por causa dos laços emocionais e experimentais.

As perguntas dos meus colegas fizeram-me sofrer. Sentia-me um para-raios da confusão e suspeita em relação à denominação. Em uma reunião do corpo docente, perguntaram-me se eu era uma espiã. (Na época, meu amigo dr. Ken Smith era o presidente do conselho administrativo e, presumo, meus novos colegas no Geneva sentiam que eu me reportava de modo direto a Ken.) O presidente de um departamento me disse que minha denominação estava “me explorando por meu testemunho” e assim que descobrissem quem eu realmente era (quem *sou* eu?, fiquei pensando, e como esse cara pensa que ele me desvendou?), eles “me amarrariam em um poste e acenderiam o fósforo”.

Uma feminista bíblica aposentada me disse que eu deveria deixar essa denominação patriarcal por suas políticas de

gênero antibíblicas e encontrar meu nicho espiritual na igreja episcopal, talvez como presbítera.

Pediam a mim — repetidamente — para explicar por que era membro dessa denominação. Era uma boa pergunta, porém complicada. A questão dói porque tocava em um nervo exposto. Estava convicta de pertencer a Cristo, mas não sabia de verdade por que era membro dessa denominação. Na época, tudo que eu dizia era: “Essas são as pessoas que Deus enviou para me buscar, e sou leal como um cão de caça!”. Bem, lealdade é algo bom e bonito (em especial para um cão de caça), mas intelectuais cristãos verdadeiros esperam (e com razão) mais que isso. “Por que sou membro dessa denominação?”, pensava. E por que aquelas coisas que nos separam em relação ao culto são tão alienantes para outros? Por que as pessoas pensam que não estou “usando meus dons” no culto a Deus se minha igreja não permite que mulheres preguem ou cantem solos? Preciso me apresentar em um culto da igreja para poder participar dele? Os que se apresentam crescem com mais vigor em graça que os participantes? Parecia-me que, no culto, Deus queria que eu me sentasse, calasse e ouvisse — para que pudesse ir e usar meus dons no mundo lá fora. Não me ocorreu que Deus queria que me exibisse ou atraísse atenção para mim. Mesmo isso, no entanto, era apenas uma impressão, uma sensibilidade. Não tinha nada sólido a dizer para alguém que perguntasse: Por que você é membro de sua denominação?

Comecei a fazer essas perguntas para outras pessoas que participavam dos cultos na mesma denominação. Muitas delas não pareciam incomodadas com essas questões. Vários colegas denominacionais assumiram a atitude do tipo “viva e deixe viver” quanto às práticas de culto que nos dividiam. Na verdade, alguns colegas até se desculpavam por nossas práticas de culto. Muitos colegas tinham “pedigree”, isto é, eram membros de famílias com uma longa linhagem em nossa denominação. Parecia-me que o fato de eles serem membros nunca esteve sob o tipo de

escrutínio que me encontrava. Havia apenas uma pessoa que considerava minhas perguntas com tanta seriedade quanto eu: Kent Butterfield, então um seminarista. Ele recomendou o exame de dois importantes livros: *Songs of Zion: A Contemporary Case for Exclusive Psalmody* [Cânticos de Sião: uma defesa contemporânea da salmodia exclusiva], de Michael Bushell e *Sola Scriptura and the Regulative Principle of Worship* [*Sola Scriptura* e o Princípio Regulador do Culto], de Brian M. Schwertley. Estudando esses livros, convenci-me de que o culto ao Senhor era a coisa mais importante que podemos fazer. Perceba: não disse que esta é a única coisa que fazemos. Mas o culto é a plataforma de lançamento para a vida. E, por meio dele, Deus nos equipa para a realização da obra do Reino no mundo. Portanto, o culto deve ser correto aos olhos de Deus e correto em nossa mente e coração. Estudando esses livros, apaixonei-me pelos padrões de culto da nossa denominação e tornei-me grata por eles, considerando-os fundamentais, não para a salvação, mas para a santificação e o serviço.

Essas perguntas levaram-me de volta ao primeiro amor intelectual — hermenêutica — e a um livro de um estudioso cristão chamado Kevin J. Vanhoozer, intitulado *Há um significado neste texto?*: Interpretação bíblica, os enfoques contemporâneos.[19] Pareceu-me que teria de entender essas questões sobre a prática de culto sob o ponto de vista da hermenêutica. Hermenêutica é uma antiga palavra grega que se refere à interpretação da vida, do texto e de acontecimentos. Ou seja, hermenêutica é o estudo de como compreendemos o sentido do texto. Outra palavra que sempre se alterna com hermenêutica é cosmovisão. A hermenêutica enfoca os detalhes; a cosmovisão engloba o ponto de vista da moldura. Esses dois termos precisam ser entendidos em conexão. O vitral depende da relação correta entre os detalhes que compõem cada moldura e o grande esquema que emerge quando se tiram os olhos dos detalhes. É muito perigoso construir a vida cristã sobre um

ponto ou o outro. Os dois aspectos devem ser mantidos em tensão e equilíbrio. Tomadas juntas, hermenêutica e cosmovisão compõem uma perspectiva crítica. “Havia algo semelhante à perspectiva crítica cristã do culto?”, eu me perguntava.

Como acadêmica feminista, esse conceito — cosmovisão — era o conceito mais importante do meu arsenal intelectual. Cosmovisão é o ponto central dos estudos feministas e de qualquer campo de estudo que analise pessoas oprimidas ou marginalizadas. Ela nos ajuda a entender como interpretações surgem das estruturas de inteligibilidade usadas para observar os acontecimentos importantes. A perspectiva crítica afirma que damos sentido à vida não por meio das experiências pessoais, mas por meio das estruturas mediantes são filtradas essas experiências. No meu conteúdo programático de Introdução aos Estudos da Mulher, escrevi o seguinte sobre a perspectiva crítica:

> NB (*nota bene*, ou, “repare bem”): Espera-se que os alunos escrevam todos os artigos e questões dissertativas de prova a partir de uma perspectiva crítica ou cosmovisão feminista. Na aula de espanhol, você fala e pensa em espanhol. Em Estudos da Mulher você fala e pensa com paradigmas feministas. Questões dissertativas de prova escritas sob perspectivas críticas alheias ao feminismo receberão automaticamente nota F. Será permitida a revisão dos artigos escritos sob perspectivas críticas alheias ao feminismo. Estudantes incapazes de escrever e pensar com boa consciência a partir de uma perspectiva crítica ou da cosmovisão feminista devem abandonar o curso agora.

Como saí impune disso? O mundo acadêmico secular é rígido na proteção de sua cosmovisão. Eu e todas as minhas colegas feministas colocamos essa declaração em nosso conteúdo programático. Trabalhávamos em bloco. Formávamos uma comunidade interpretativa consciente e intencionalmente protetora de sua mentalidade. Isso mostra a importância da cosmovisão para a educação — de todos os tipos e cores. E isso mostra a importância de uma

comunidade interpretativa para a cosmovisão. Não se cria sentido em isolamento.

Mas a cosmovisão é de fato tão importante? A vida não nos ensina lições em seus próprios termos? Eu e meus alunos sempre discutíamos essa questão. Normalmente, discutíamos desta forma:

Vamos tomar, por exemplo, um adolescente que continua metendo-se em encrenca com a polícia e com as regras da escola. Os pais querem ensinar a esse filho que cada causa tem um efeito. Eles podem pensar que a melhor maneira de ensinar uma lição a esse garoto é deixar que a escola dos duros golpes, isto é, da vida, seja a professora. Mas o problema é que isso presume que os "duros golpes" funcionem por si sós. Tudo é filtrado por uma cosmovisão. Digamos que a cosmovisão desse garoto seja: "Só posso confiar nos meus amigos. Todas as pessoas em posição de autoridade (pais, pastores, professores e polícia) estão aqui para me pegar". Com essa cosmovisão, quanto mais duros os golpes, com mais firmeza sua cosmovisão será reforçada. E, evidentemente, a escolha de seus companheiros — sua comunidade interpretativa — o ajuda a enxergar todos os "duros golpes" como provas de que as autoridades estão por aí para pegá-lo. Talvez esse garoto acabe como o "filho pródigo". Mas como o "filho pródigo" caiu em si? Ele não se arrependeu de seus pecados por ter cansado de viver como os porcos e com eles. Ele se arrependeu porque Deus lhe deu olhos para ver. Até que isso aconteça, nenhuma experiência pessoal pode demolir sua perspectiva crítica. Essa é a importância da moldura que usamos para observar o mundo. Ela é de fato mais forte que a experiência de vida por seu caráter consciente, posicionado, particular, instituído e intimamente protegido. A experiência pessoal pode parecer instável. A cosmovisão (o resultado final da perspectiva crítica escolhida) é sempre íntima e reivindicada.

Quais os elementos da experiência crítica cristã? A Bíblia, as práticas e tradições de uma igreja ou denominação, e a experiência pessoal do crente. Pelo fato de diferentes denominações priorizarem esses elementos de forma diferente, inexiste qualquer tipo de “a” cosmovisão cristã. Assim, a questão para mim era: como nós, membros de nossa denominação, montamos nossa cosmovisão? O que vem primeiro, a experiência pessoal como crente ou as doutrinas da igreja? A Bíblia ou as práticas e tradições da igreja?

Enquanto lutava com essas questões, estava lendo e lecionando a partir de *Há um significado neste texto?* Em especial no contexto do culto, o livro de Vanhoozer me ajudou a formular o problema com as perguntas feitas por meus colegas. As perguntas corretas são importantes. Como qualquer aluno no segundo ano da faculdade lhe dirá, você não consegue dar a resposta certa no exame de qualificação se o professor fizer a pergunta errada. Meus colegas estavam perguntando sobre culto e como isso se relacionava com minha experiência pessoal. Perguntar a uma antiga pagã como eu se eu sentia falta dos hinos no culto formal é como perguntar a um canibal se ele sente falta de queijo de soja. Eu não dispunha de um modelo pessoal para o culto. Tudo era estranho, desconfortável e bem distante da minha experiência. O livro de Vanhoozer ajudou-me a dispensar as perguntas erradas para que pudesse manter o foco nas corretas.

A pergunta correta é esta: Temos um mandato bíblico para a prática do culto? Se Deus nos diz como viver, isso inclui o fornecimento de ordens específicas sobre como adorá-lo? Viver a vida cristã exige o pensamento criativo, enquanto se faz uma minuciosa distinção entre estar no mundo e não ser do mundo. A fluência é sempre criativa, informal e contemporânea. Mas a questão é: minha fluência bíblica é mais forte ou fraca no contexto do culto público que abre espaço para adições criativas ao culto a Deus? É melhor não tê-la? Deus se agrada da nossa criatividade no

contexto de culto? Quanta criatividade Deus requer? Sim, a interpretação é importante e complicada, mas existe uma ordem bíblica para adorar a Deus de modo específico? Caso exista, com que rigor Deus traçou os limites? Essas questões só poderiam ser respondidas por uma compreensão da hermenêutica de algumas instruções básicas na Bíblia: a autoridade da Escritura — *sola Scriptura* — e sua consequência lógica para o culto — o Princípio Regulador do Culto. Essas questões me forçaram a enfocar outros instrumentos centrais aos estudos textuais: canonicidade (para entender o princípio *sola Scriptura*) e gênero (para entender a salmodia exclusiva).

O uso de instrumentos literários de minha parte pode parecer muito técnico. Mas lembro ao leitor de que sou professora de língua inglesa. Minha formação me prepara para pensar com muita reverência sobre como um texto é formado e honrar sua autoridade. Mas não deveria ser apenas "minha formação" o importante aqui. Como cristãos, seguimos Jesus. Ele é, como o evangelho de João explica, "a Palavra [que] se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). Muitos cristãos, para seu grande prejuízo, nunca pensaram na importância de Jesus como a Palavra, ou sobre a Bíblia como um texto literário. Muitos cristãos, para seu grande prejuízo, jamais pensaram sobre gênero e canonicidade. Considero esses instrumentos literários inestimáveis para o entendimento da pessoa e da obra de Jesus Cristo e a aproximação de Jesus no culto formal.

Voltei-me para o instrumento literário chamado "canonicidade" e ao livro de Brian Schwertley, *Sola Scriptura and the Regulative Principle of Worship.* Schwertley é uma leitura difícil. Ele é duro na caricaturas dos outros. Todavia, esse livro me ensinou bastante. Não me importo de ser ofendida se crescer em graça com um soco nas costelas. O argumento de Schwertley é este: a consequência do *sola Scriptura* (a crença de que a Bíblia é detentora de autoridade completa, perfeita e suficiente) é o princípio que regula o culto. Esse princípio tem os seguintes

componentes: textos-provas da Bíblia e uma hermenêutica ou forma de manejar esses textos. Os textos-provas afirmados por Schwertley são estes:

> Dt 4.2 — Não acrescentareis nada à palavra que ele vos ordena, nem diminuireis nada, para que guardeis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos ordeno.
>
> Pv 30.6 — Nada acrescentes às suas palavras, para que ele não te repreenda e tu sejas tido por mentiroso.
>
> Dt 12.32 — Tudo o que eu te ordeno, observarás para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás. (NVI)

Que princípios sobre o culto são derivados desses versículos? Caso eu creia que Deus ensina-nos a viver em sua Palavra, então é verdade que Deus também nos ensina por meio dela a cultuá-lo. E mais importante: o que regula o culto é um princípio — um conceito amplo — não um versículo específico na Bíblia. O princípio regulador demanda o manejo de toda a Bíblia, peneirando os detalhes para achar os princípios abrangentes. Se você lê sua Bíblia da maneira que os incrédulos leem horóscopo, não conseguirá garimpar os princípios no livro.

Embora a Bíblia seja inerrante, a doutrina *sola Scriptura* não nega "os meios diversos de revelação divina antes do fechamento do cânon" (Schwertley, p. 11); e não nega que "houve muitos acontecimentos históricos e revelações que não entraram no cânon" (p. 11). Em outras palavras, a Bíblia foi "canonizada". Isso significa que, por designação divina, certos textos foram admitidos com a posição de autoridade, o que, por implicação, significa que outros textos, embora tenham sido escritos e estivessem disponíveis, não receberam essa autoridade por designação divina. A Bíblia chegou a nós como um texto editado por homens mediante o poder de Deus. Esse ponto exige um grande salto intelectual: a Bíblia é o único livro editado pelo próprio Deus. Porém — e isto é importante —, embora a Bíblia seja verdadeira, ela não contém todas as lições que precisamos saber no mundo — Deus espera que aprendamos com a vida. A questão então é esta: as

práticas de culto deveriam ser derivadas de nossas experiências de vida? Nossos gostos? Nossos valores culturais? Caso creiamos no princípio *sola Scriptura*, devemos dizer não. O culto independe da vida, e os padrões de culto devem proceder da Bíblia, isto é, devem vir da revelação divina e não da revelação natural.

Isso pode ser difícil de engolir. O culto é regulado pela autoridade divina e, por esse motivo, devemos fazer o que Deus ordena e não acrescentar nada no culto formal a Deus. Essa doutrina não nega o valor do aprendizado da vida. Cada pessoa deve procurar aprender a lição de Deus a partir das batalhas, dos sofrimentos e das alegrias providenciados por Deus. Mas — e esse é um "grande mas" — essa doutrina não "sitia" o culto a Deus — ela coloca um limite especial a seu redor, para sua proteção sagrada e para a nossa proteção. Quanto mais centrada em Deus é nossa prática de culto, mais centrada na misericórdia é nossa vida. O culto é o ensaio de como vivemos hoje e como glorificaremos Deus no céu. Não é apenas um exercício matinal de domingo para que nos sintamos bem. Defender o Princípio Regulador é exercer pressão real sobre questões reais: em uma igreja da minha denominação, não há *shows*, pastores comediantes, bandas de rock, esquetes, vídeos ou danças interpretativas. Ou Jesus vem adorar conosco, o Espírito Santo nos supre e nos enche e Deus é honrado ou não temos, simples e dolorosamente, nada.

Por fim, voltei-me para o instrumento literário de gênero a fim de entender a prática "distintiva" da Reformed Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Reformada] que comumente é a mais criticada: nossa adesão ao canto de salmos *a capella*, excluindo-se todas as outras músicas de louvor. O livro que me ajudou a entender nossa posição sobre o canto de salmos foi *Songs of Zion* [*Cânticos de Sião*] de Michael Bushell. O princípio literário que fundamenta o entendimento do Princípio Regulador do Culto é o cânon: a Bíblia é canonizada. O princípio literário que

fundamenta o entendimento da salmodia exclusiva é o gênero: os livros da Bíblia são organizados, como todos os livros estão, em gêneros. O gênero é o "estilo ou categoria (de texto) caracterizado por uma forma e um propósito particular" (*Oxford English Dictionary*). A palavra gênero [literário] e a palavra gênero [sexual] têm um histórico etimológico comum.[20] Como o gênero literário tem um propósito específico, também o gênero sexual. Se nos preocupamos com o gênero — e deveríamos fazê-lo — então precisaremos abordar a questão: Se Deus nos deu um livro de cânticos de louvor, quem somos nós para acrescentar algo a ele? Bushell aponta o cântico de salmos como a consequência lógica do *sola Scriptura*. Por quê? Em primeiro lugar, por causa da importância do gênero do livro de Salmos no escopo da Bíblia canonizada. Em segundo lugar, porque, como a oração sumo sacerdotal de Jesus no capítulo 17 do evangelho de João declara: somente a Palavra de Deus dirige a nossa vida e purifica-nos os desejos e as orações. Jesus diz em sua oração ao Pai celestial:

> Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo. E por eles me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade [ou, na *Palavra*] (Jo 17.17-19).

Os salmos são a Palavra de Deus. Conquanto hinos e músicas de louvor e adoração adotem temas da vida cristã, somos ensinados de maneira muito clara a respeito de nossa santificação mediante a Palavra e só por intermédio da Palavra. Temas podem educar e informar, mas apenas a Palavra santifica, guia, discerne e condena:

> Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes; penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12).

Visto que Jesus Cristo está vivo e assentado à destra de Deus Pai, intercedendo a favor de seu povo e até mesmo cantando conosco enquanto adoramos a Deus, temos

consciência da crença no Deus pessoal, vivo, compassivo e envolvido em nossas preocupações do dia a dia. O que Jesus possivelmente canta com seu povo em adoração? O que Jesus cantou dois mil anos atrás? Os salmos.

Pelo fato de os salmos serem dialógicos (eles fazem perguntas e oferecem respostas), o canto de salmos envolve aprender o significado, o propósito e a graça que fundamentam a vocação de cada indivíduo e viver sob a fiel presença da mão guiadora de Deus. Essa manifestação de estética, o estudo do que torna algo belo, agridoce, envolvente e duradouro, impregna cada nota dos salmos. A vida cristã torna-se uma sinfonia de estética, enquanto cada nota ressoa e ressona para a glória de Deus e, pela mão de sua composição, harmoniza-se, mesmo nos períodos de trevas e luta, os tempos em que a sinfonia parece destoar. Ao cantar os salmos, no culto e na vida, sempre sabemos onde está Deus em nosso sofrimento. Ao cantar os salmos, sempre temos um cântico no coração que fornece direção, orientação, repreensão (quando necessário) e encorajamento. Depois de anos cantando os salmos, e pelo fato de a Palavra divina não volta vazia, escutamos, respondemos e, como parte do treinamento de Deus no coração de cada um de nós, crescemos em graça e santificação.

Os salmos são as palavras de Cristo. Cristo é a Palavra (*logos*) encarnada. Visto que Jesus chama a si mesmo de Palavra encarnada (e não o “tema” encarnado ou a “paráfrase” encarnada), confiamos em sua Palavra. Não a reescrevemos ou revisamos a Palavra de Deus. Pelo contrário, nós a vivemos. Vivemos quando ela nos enche com alegria e quando estamos atemorizados. Nós a vivemos na graça de Deus. Vivemos a Palavra e ela prevalece em meio a cada provação pessoal e decepção. Vivemos a Palavra e ela prevalece por meio da fiel presença do Espírito Santo de Deus trabalhando em nós. Sua fiel presença torna-se nossa fiel presença. Ela é reconhecida pelos sentidos, como o óleo no cabelo de

Maria, óleo que ela esfregou nos pés rachados e doloridos do nosso Salvador, que ela limpou com o recurso mais íntimo que possuía: o próprio cabelo. Onde quer que Maria fosse, a fiel presença do Salvador e o memorial do amor dela por ele a seguiram. Nós entramos nessa fiel presença e em sua estética palpável quando cantamos os salmos.

Havia chegado ao fim do meu primeiro passo no estudo desse material. Este é um terreno rico, e ainda o estou estudando hoje. E, quanto mais estudo, mais creio que Deus nos ordena a cantar os salmos no culto, e excluir os hinos compostos pelos homens.

E quanto a Kent Butterfield, que me guiou a esses livros importantes e que levou minhas necessidades e questões espirituais tão a sério? Bem, para citar minha heroína favorita do século XIX, Jane Henri, tenho apenas isto a dizer sobre Kent Butterfield:

“Leitor, casei-me com ele”.

4. Questões domésticas: Casamento, ministério e adoção

Beaver Falls, Pensilvânia, 2002 e Purcellville, Virgínia, 2002-2009

Eu poderia escrever um livro inteiro sobre Kent Butterfield — se ele me permitisse! Seria capaz de contar a você como os olhos castanhos-claros dele deixam-me de imediato à vontade. Poderia lhe contar como sua mão em torno da minha cintura dissipa a tensão do dia, como suas brincadeiras ainda me enganam, sobre a época em que comemorei a interrupção de duas semanas de seguidos hóspedes carentes. Uma hóspede do grupo me arrancava do banheiro em constante necessidade de equipamento de cozinha detalhado e especializado: “Rosaria, onde está seu espremedor de alho (forma com fundo removível, panela elétrica para fazer arroz, sistema de filtragem de água) Chefe Mimado?”. Comemorei sua partida tomando um longo banho com a porta do banheiro destrancada. Subitamente, a porta foi aberta. Senti uma corrente de ar gelado e alguém disse, em uma voz que não pude identificar, “Sra. Butterfield? Onde está a máquina de *cappuccino* Williams Sonoma?”. Eu gritei! Kent confessou a piada. É ótimo que sua mão me envolvendo cure o nó nas minhas costas, pois suas brincadeiras fornecem o ousado alívio cômico do nosso casamento e da nossa vida ministerial.

Kent é meu marido, meu melhor amigo, meu parceiro de oração para o resto da vida, meu único e verdadeiro amor. Porém, infelizmente, querido leitor, não posso escrever um livro sobre Kent Butterfield. Ele é humilde e modesto demais para permitir. Ou talvez ele também tema os detalhes que eu possa compartilhar! Em todo caso, você terá de contentar-se com o livro que continua aqui.

Como uma mulher como eu se casa? Não conheço muitas feministas que considerem a instituição do casamento de forma tão radicalmente negativa ou perigosa como eu fazia

no meu passado. Enquanto pesquisava a direita religiosa no início da década de 1990, assinei alguns periódicos de mulheres cristãs. Meu favorito chamava-se *Adam's Rib* [*Costela de Adão*] e era publicado pelo grupo *Promise Keepers*. Minhas amigas lésbicas e eu nos debruçávamos sobre essa revista e morríamos de rir de seus disparates. Não conseguia imaginar pessoas com duas ou três sinapses ainda funcionando em seus neurotransmissores que pudessem viver desse jeito. As fotos na revista pareciam tiradas do século XIX. E as questões abordadas por essas mulheres? Minhas três favoritas eram as seguintes: As mulheres deveriam usar calças? (sem metáforas), As mulheres deveriam fazer faculdade?, e: A 19ª emenda — que garante o direito de voto às mulheres — deveria ser revogada? O casamento como escravidão, como a primeira feminista Mary Wollstonecraft declarou no século XVIII, nunca foi tão óbvio para mim quanto nas páginas de *Adam's Rib*. (Claro que, para mim e minhas amigas, o título da revista também já valia algumas boas risadas).

Antes de tornar-me propriedade de Cristo, era assim que enxergava a instituição do casamento: perigosa e algo a ser evitado. Quando o assunto do "casamento gay" surgia entre meus amigos, minha resposta era uma pergunta: "Por que fazer boas pessoas passarem por uma instituição doente?".

Kent e eu nos casamos em 19 de maio de 2001, na igreja em que ocorreu a formatura de Kent na noite anterior. (Formatura do seminário.) Nosso casamento foi simples — frios do Sam's Club e chá doce na garrafa. Nós até reorganizamos e reutilizamos as flores "gentilmente usadas" na cerimônia da noite anterior!

O casamento foi oficiado por dois pastores: Bruce Backensto e Doug Comin. Doug era o pastor de Kent e Bruce era o meu. Antes de conhecer Doug, um colega me alertou sobre ele desta forma: "Rosaria, se ele a tivesse conhecido antes da sua conversão, ele a teria apedrejado até a morte antes de perguntar". Depois que conheci Doug,

li uma seleção de seus sermões e livros em andamento (ele é um dos escritores mais prolíficos que conheci), ouvi seus sermões por uma temporada e tive o privilégio de conhecer sua família (até mesmo de passar o dia de Ação de graças na casa dele, quando Mary, nossa filha, nos visitou pela primeira vez depois de ir para a faculdade), essa caricatura de Doug ficou ainda mais incompreensível. Doug é um homem decidido e um acadêmico talentoso. Eu contava com amigos como Doug na pós-graduação: eles poderiam escrever uma teoria avançada a partir de uma pizza de *pepperoni* e fazer malabarismo com 14 entrevistas da Modern Language Association [Associação de Línguas Modernas][21] sem suar. Doug é superinteligente e sua capacidade de tocar na ferida do pecado e continuar apertando pode lhe surpreender muito. Sua capacidade de entrelaçar um texto, criando camadas de Escritura sobre dores ou premissas da vida, de forma que o resultado final não é intelectual nem experimental, mas algo mais sábio e profundo, é desconcertante. Ele exerce impacto em câmera lenta. Sua integridade exige uma reação à altura e em silêncio.

Um componente dos casamentos cristãos na nossa denominação é algo chamado de “comissionamento bíblico”. Nele, o pastor comissiona (isto é, ordena ou exorta) o noivo e a noiva a que se lembrem da autoridade de Deus ao criar a instituição do casamento. Cito na íntegra aqui, com a permissão do autor, o comissionamento bíblico escrito e entregue a nós pelo pastor Doug Comin em nosso casamento:

> Amados, *não* estamos reunidos aqui hoje para observar uma convenção social inventada pela sabedoria humana para o conforto e a felicidade mútuos de homens e mulheres.
>
> Nem nos encontramos aqui para participar de uma mera tradição que chegou até nós de eras passadas e que consideramos digna de preservação entre nós.

Estamos reunidos neste lugar para reconhecer, celebrar e solenizar a divina instituição do casamento, ordenada pelo Criador e Salvador do mundo, selada e governada por sua autoridade, e ingressada por seu povo com humilde obediência e alegria sincera pela assombrosa provisão do Senhor para nossa alegria e realização mútuas.

O equívoco popular de considerar o casamento mera convenção social, ou tradição exótica inventada pelo cérebro humano, tem levado à difamação desse santo relacionamento, à multiplicação da imoralidade indizível, à agitação comum entre marido e mulher e à gradual desintegração da sociedade e civilização.

Pois, se o casamento existe apenas pela autoridade humana, então homens e mulheres podem fazer dele ou conduzir-se nele como lhes agradar. Eles podem redefini-lo, ou abandoná-lo por completo. Mas se o casamento for uma instituição divina, então será governado por uma autoridade maior. Ele se tornará, então, uma questão de obediência, e a conduta de maridos e esposas dentro do casamento será a conduta pela qual deverão prestar contas a Deus.

A instituição originária do casamento, portanto, é a base da nossa compreensão do casamento, da estima por ele e do comportamento reto nele.

O fato de o casamento ser uma instituição divina é enfatizado bem no começo da revelação escrita de Deus. A criação da raça humana não estava completa até a instituição do casamento ser chancelada pelo próprio Deus.

> Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada. E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada

> ser vivo, esse seria o nome deles. Assim o homem deu nomes a todo o gado, às aves do céu e a todos os animais do campo; mas não se achava uma ajudadora adequada para o homem. Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o SENHOR Deus lhe havia tomado, formou a mulher e a trouxe ao homem. Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne (Gn 2.18-24).

Há muitas verdades importantes contidas nesses versículos, e o tempo não nos permite abordar todas elas nesta ocasião. Muitos fatos fundamentais, contudo, podem ser percebidos.

1. “Não era bom” para o homem estar só. Ele estava incompleto, e o necessário para torná-lo completo era sua mulher. Homens e mulheres não são indivíduos independentes que por acaso partilham a mesma habitação. Eles são mutuamente dependentes e cada qual está incompleto sem o outro.

O apóstolo Paulo aplica a verdade da dependência mútua de homens e mulheres quando escreve:

> Todavia, quero que saibais que Cristo é o cabeça de todo homem; o homem, o cabeça da mulher; e Deus, o cabeça de Cristo... Porque o homem não veio da mulher, mas a mulher do homem. Tampouco o homem foi criado por causa da mulher, mas, sim, a mulher por causa do homem... No Senhor, porém, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher. Pois, assim como a mulher veio do homem, assim

> também o homem nasce da mulher, mas tudo vem de Deus (1 Co 11.3-12).

2. Deus fez Adão experimentar o fato de ele estar incompleto. Foi necessário que o homem constatasse sua incompletude antes de Deus trazer-lhe a mulher. Não fosse assim, ele tenderia a considerá-la uma adição bela, mas de fato desnecessária. Ele a veria como algo que poderia pegar ou largar. Mas Deus o preparou para recebê-la — e tratá-la — como alguém necessária para a sua completude.

3. Adão comportou-se de modo completamente passivo na instituição do casamento. Deus o fez cair em profundo sono e, enquanto ele dormia, Deus criou a mulher que o tornaria completo. Visto que o casamento é desígnio de Deus, e não do homem, está claro que o casamento deve conformar-se à vontade divina.

4. A mulher foi criada por Deus com um cuidado "prático" especial, isto significa sua natureza especial como criatura feita à imagem de Deus. Alguém escreveu: "A mulher tem um longo histórico de ser pisada. Este tem sido o caso nas civilizações pagãs em especial. Por pouco, ela diferia do gado pertencente ao homem. Mesmo na igreja, vigora entre alguns a ideia de que a mulher é uma criatura inferior, feita para suportar qualquer abuso que o homem possa despejar sobre ela. Os homens têm desdenhado suas esposas como se isso fosse verdadeira piedade, porque o homem é o cabeça de sua esposa. Todo conceito e prática do tipo é liquidada pelo relato da criação da mulher em uma posição de alta honra".

5. A mulher foi criada, não do pó da terra, mas da própria substância do homem. Adão a reconheceu como "osso dos meus ossos e carne da minha carne". Jesus enfatizou essa verdade e suas implicações:

> Jesus respondeu: Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher, e ordenou: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher; e serão os dois uma só carne? Assim, não

> são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu o homem não separe (Mt 19.4-6).

A misteriosa e íntima união que Deus projetou entre marido e mulher é a razão para a dissolução do casamento, seja por divórcio ou pela morte, constituir uma experiência tão dolorosa e devastadora. A separação do marido e da mulher é como a amputação de uma parte do corpo. Essa verdade também tem implicações importantes para a maneira como o marido e a mulher devem tratar um ao outro, como veremos.

O relato original da criação, então, lança o fundamento para o casamento como instituição divina para benefício mútuo de homens e mulheres a fim de que possam ser completos. Porém, ainda mais importante que a felicidade encontrada por homens e mulheres nessa união é o fato de que o casamento foi instituído para manifestar de modo pleno a imagem de Deus. Assim, lê-se em Gênesis 1.27: “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”.

A união de homens e mulheres em casamento, portanto, é desenvolvida na Escritura como um espelho, ou imagem ou o relacionamento entre Deus e seu povo. No Antigo Testamento, Deus fala de Israel como uma noiva que ele desposou para si, e o Novo Testamento retrata a Igreja como a noiva de Cristo. Essa verdade compõe a base dos mandamentos de Paulo para os cônjuges cristãos concernentes a seus deveres mútuos:

> Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao marido, assim como ao Senhor; pois o marido é o cabeça da mulher, assim como Cristo é o cabeça da igreja, sendo ele mesmo o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres sejam em tudo submissas ao marido (Ef 5.22-24).

A instrução de Paulo começa com o dever da mulher em relação ao marido, que é “submeter-se a ele, assim como

ao Senhor”. Em outro lugar, diz-se às mulheres que sejam obedientes ao marido. A razão para essa submissão e obediência, de acordo com as Escrituras, é que a mulher deve ser uma ilustração viva da Igreja na submissão a Cristo. Quando a mulher recusa-se a viver em submissão ao marido, esse retrato do relacionamento da Igreja com Cristo é distorcido diante do mundo.

Submissão refere-se à atitude interna do coração. Portanto, é invisível e secreta. Obediência é uma expressão externa da submissão vista no comportamento da mulher. A mulher pode obedecer ao marido de forma exterior, porém desprezá-lo em seu interior. Assim, ela não será submissa a ele a despeito do comportamento externo. Se esse for o caso, então o retrato apresentado não é diferente de quem faz das atividades religiosas sua rotina, mas não tem consideração por Cristo no coração.

A verdadeira religião, agradável a Deus, é a obediência fluente da humilde submissão do coração. Algo menos que isso na religião é hipocrisia. Da mesma forma, o que agrada a Deus, e ilustra o belo relacionamento entre Cristo e a Igreja, é uma humilde submissão de coração da mulher ao marido, resultante em obediência exterior à sua vontade.

Isso não significa que ela deva fazer tudo que ele diz, pois Paulo deixa claro que a submissão dela deve ser “no Senhor”. Ela não está obrigada a obedecer ao marido, portanto, se ele exigir que ela peque contra Deus. Todavia, em todas as coisas que não violam a Palavra de Deus, a esposa não deve dominar o marido, opor-se a ele ou contradizê-lo. Por desígnio divino, ela encontra-se em relação a seu marido como a Igreja encontra-se em relação a Cristo. A Igreja não é o cabeça regente de Cristo, mas o corpo obediente, e a esposa deve imitar esse relacionamento junto ao marido.

“Mas, e se meu marido não for sensato?”. Isso não pode ser dito de Cristo, mas com certeza pode ser dito sobre muitos maridos.

“Sou obrigada a obedecer mesmo que meu marido seja um alienado?”.

> Mulheres, do mesmo modo, cada uma de vós seja submissa ao marido, para que também, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra alguma pela conduta de sua mulher, ao observarem vossa conduta pura em temor (1Pe 3.1,2).

A Palavra de Deus é clara. Mesmo que seu marido seja incrédulo, seu propósito não é fazê-lo submeter-se a você, mas ganhá-lo pela submissão ao Senhor por meio do exemplo de sua conduta humilde, de forma que ele seja ganho “sem palavra alguma”.

O “temor” mencionado por Pedro não é o temor do marido, mas o temor do Senhor. Por isso que a descrição de Salomão para a mulher virtuosa diz: “A beleza é enganosa, e a formosura é vaidade, mas a mulher que teme o SENHOR, essa será elogiada”.

Para a mulher temente a Deus, é importante que a Palavra divina não seja blasfemada, em especial por culpa dela. Paulo escreveu a Tito que as moças na igreja fossem ensinadas a “serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada” (ARC).

Ele entendeu que a conduta da mulher no casamento apresenta um retrato do relacionamento da Igreja com Cristo. Pois a mulher insensata, desonesta, independente, inútil e desobediente ao marido refletiria, assim, sobre a glória de Cristo.

Permita que toda a sua conduta como mulher, portanto, seja governada por este entendimento — você representa, diante de Deus, diante de seu marido e diante do mundo, o humilde caráter da Igreja em relação a Jesus Cristo.

Já aos maridos, Paulo escreve:

> Maridos, cada um de vós ame a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, a fim de santificá-la, tendo-a purificado com o lavar da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim, o marido deve amar sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. Pois ninguém jamais odiou o próprio corpo; antes, alimenta-o e dele cuida; e assim também Cristo em relação à igreja (Ef 5.25-29).

Mais uma vez, a instrução se baseia no reflexo do glorioso relacionamento entre Cristo e a Igreja no casamento. Aqui, porém, descobrimos que o marido não se encontra no lugar da Igreja, mas no lugar de Cristo quando se relaciona com sua mulher.

De pronto, o orgulho pecaminoso do homem começa a afirmar-se! Isso é maravilhoso! Significa que sou o cabeça! Eu mando! Dou as ordens e ela deve fazer o que digo! Mas espere! A Palavra não diz: “Maridos, *governem* suas mulheres como Cristo governa a Igreja. Ela diz: “Maridos, *amem* suas esposas como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela”.

A primeira coisa que devemos perceber é que o “amor” não é apresentado aqui como sentimento ou emoção. O mundo define amor dessa forma, porém a Bíblia fala de amor não em termos de sentimentos, mas de ação. O amor “faz isso” e o amor “não faz aquilo” para a promoção do bem de seu objeto.

Quando Deus diz: “Maridos, amem suas mulheres”, ele não está ordenando que você se sinta de uma determinada maneira em relação a ela — ela ordena que você aja de determinada maneira em relação a ela, a despeito de como você se sente!

E como Cristo mostrou seu amor à Igreja por meio de seus atos?

> Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos (Mc 10.45).
>
> Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos (Jo 15.13).

Ele estava disposto a sacrificar tudo pelo bem-estar de sua Noiva, não levando em conta o próprio bem-estar, conforto, felicidade ou realização, mas entregando tudo que era seu para abençoá-la e fazê-la completa.

A um marido assim não é difícil submeter-se! Mas o marido que assume o papel de tirano sobre a mulher só provocará sua inclinação a resisti-lo. E pior: quando o marido cristão domina sua mulher de maneira rude e desafeiçoada, ele declara ao mundo que Cristo domina sua igreja da mesma forma.

Não há duvida de que a Escritura ensina a liderança do marido sobre a esposa no casamento, mas Paulo declara de modo inequívoco que “Cristo é o cabeça de todo homem; o homem, o cabeça da mulher; e Deus, o cabeça de Cristo”. E novamente ele diz: “Pois o marido é o cabeça da mulher, assim como Cristo é o cabeça da igreja”.

Todavia, o papel do marido cristão, de acordo com o projeto de Deus para o casamento, não é impor sua liderança ou afirmar seu governo, mas demonstrá-los de acordo com o padrão de Cristo. Ele deve amar sua mulher da mesma forma que Cristo amou a Igreja — isto é, por autossacrifício. Teste seu amor em relação à sua mulher de acordo com a própria definição da Escritura para o amor em 1 Coríntios 13.

O amor é paciente; o amor é benigno.

Quando estiver tentado a ser impaciente e rude com sua mulher, lembre-se da infinita paciência que Cristo tem

demonstrado em relação a você, e continue a demonstrá-la todos os dias.

O amor não é invejoso; não se vangloria, não se orgulha.

Quando estiver tentado a desejar preeminência sobre sua mulher, lembre-se que Cristo não se considerou indigno ao lavar os pés dos discípulos.

O amor não se porta com indecência, não busca os próprios interesses,

Quando estiver tentado a insistir em sua opinião, e diminuir sua mulher, lembre-se da condescendência de Cristo, que deixou a gloriosa habitação dos céus, cobriu-se com carne e suportou a vergonha e o sofrimento da cruz, tudo por amor de sua alma indefesa e desesperada.

O amor não se enfurece,

Quando estiver tentado a levantar sua voz em frustração contra sua mulher, lembre-se de que Cristo, que "ao ser insultado, não retribuía o insulto".

O amor não guarda ressentimento do mal; não se alegra com a injustiça, mas congratula-se com a verdade;

Quando estiver tentado a julgar os motivos dela, ou exaltar-se quando você estiver certo enquanto ela está errada, lembre-se de Cristo, que tinha todo o direito de pensar o mal de você e alegrar-se em sua destruição, porém, em vez disso, tomou sua vergonha sobre si e cobriu você com sua justiça.

Quando estiver tentado a diminuir sua mulher, ou ficar em silêncio enquanto outros a difamam, lembre-se de Cristo, que vem em defesa de sua ovelha e fica entre você e o acusador.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Quando estiver tentado a jogar a toalha e abandonar a esperança de que seu casamento possa continuar — quando conflitos se armam e parece mais fácil partir que perseverar, lembre-se de Cristo, que suportou seu pecado todos os dias a fim de produzir sua esperança de

perseverar até o final e que promete: “Nunca te deixarei, jamais te desampararei”. O amor de Cristo por seu povo não se baseia em qualquer valor dentro de nós, nem seu amor por sua mulher deveria ser condicionado pelos atos dela e seu julgamento quanto a se ela tem merecido ou não seu amor.

O amor jamais é vencido.

Portanto, o que Deus uniu o homem não separa. Em todas essas coisas, e em muitas outra maneiras, a liderança de sacrifício próprio e amoroso do marido cristão reflete o amor de Cristo pela Igreja. Esse é seu chamado ao entrar nesta união sagrada. Porém, há mais.

Paulo fala do propósito pelo qual a liderança foi atribuída ao marido no casamento. É para edificação de sua mulher em toda a pureza e santidade. Seu papel, portanto, como marido cristão, é alimentar sua mulher na fé e prover tanto seu bem-estar espiritual quanto o físico. Cristo intercede pelos santos. Assim, você deve orar com constância por e com sua mulher. Cristo alimenta sua Igreja com o leite e a carne de sua Palavra. Assim, você deve ministrar a Palavra à sua mulher, e ensiná-la a conhecer as profundidades de Deus.

Por fim, Paulo resume todo o assunto com essas palavras:

> Porque somos membros do seu corpo. Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e os dois serão uma só carne. Esse mistério é grande, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Entretanto, também cada um de vós ame sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o marido (Ef 5.30-33).

“No mundo”, tem sido dito, “o casamento é um campo de batalha no qual um conflito violento e implacável é travado entre o marido-tirano e a esposa-rebelde. Ora um, ora o outro, é temporariamente vitorioso. De fato, nossa sociedade, a mulher rebelde tem a vantagem hoje. Se o mundo durar, o macho novamente se afirmará, subverterá o

domínio da mulher e a governará de forma mais tirânica que antes".

Contra e acima disso encontra-se o glorioso desígnio de Deus para o casamento cristão, em que marido e mulher estão unidos como uma carne — não como adversários competindo pela supremacia — cada qual cumprindo um papel essencial e manifestando juntos a assombrosa beleza do amor, cuidado e provisão de Deus por sua preciosa noiva para a glória de Jesus Cristo. Que nosso Senhor possa abençoar assim essa união, que é um vivo e verdadeiro retrato do mistério de Cristo e Sua Igreja.

— *Casados por desígnio de Deus,* pastor Doug Comin.

Cito o texto na íntegra, pois ele demonstra que em Cristo qualquer um pode ter um bom casamento. Jesus é igualmente profeta, sacerdote e rei: ele equipa, fortalece, perdoa, conforta e propicia a fruição da realidade da santificação. Jesus pode equipar qualquer um — não importa quão arruinado ou perdido — para a vida piedosa. Sou a prova viva disso.

Também cito esse texto na íntegra porque, como nossos votos de filiação à Reformed Presbyterian Church of North America [Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte], ele ainda me surpreende. Ainda ouço esse texto com ouvidos de quem é de dentro e de quem é de fora.

Como mulher cristã recém-casada, eu precisava confrontar esse ponto de vista duplo, essa identidade dentro/fora. Também precisava confrontar algo que pode parecer tão óbvio que não é digno de menção: precisava confrontar minha idade. Eu contava 39 anos quando me casei com Kent. Era velha demais para ter filhos (sem tratamento de fertilidade). Isso era alarmante para mim. Gastei meus anos férteis lutando contra moinhos e agora estava, mais uma vez, acordando para a vida. Há um princípio bíblico por trás da minha confusão: pessoas com a vida corroída pelo

pecado desenfreado agem como crianças rebeldes. O pecado, quando desenfreado, infantiliza a pessoa. Até aqui, eu havia me considerado bastante madura, capaz, "importante" no mundo, mas perdurava a verdade de que não sabia como agir nem de acordo com a minha idade! Após a conversão, fiquei surpresa em descobrir quão velha eu era de fato.

Quando se aborda o casamento cristão sob a perspectiva feminista, o conceito mais difícil de aceitar é a da liderança do marido e da submissão da mulher. Quando estou examinando esse paradigma de uma perspectiva secular, ele cheira a abuso do patriarcado. Porém, quando observo por olhos cristocêntricos — como o comissionamento bíblico de casamento pregado por Doug Comin exorta —, a liderança de Kent e a minha submissão têm sido uma fonte de conforto e solidariedade. Quando Cristo está no centro do nosso casamento, a liderança de Kent e a minha submissão nos permitem ser uma equipe funcional. Quando Cristo está no centro do casamento, não nos digladiamos com o que Ken e Floy Smith têm identificado como o maior antagonista da vida cristã do nosso século: a mentalidade de "direito de escolha". Quando Cristo está no centro, cada decisão importante não nos lança em crise. Cada alegria e cada risco não fazem as paredes do nosso relacionamento desabarem.

Não quero dizer com isso que nunca me senti oprimida ou desvalorizada por meu papel ou que Kent nunca se sentiu sobrecarregado pelo dele. Nós somos humanos. E nossos sentimentos, como o resto do nosso ser, são caídos também. Cada um de nós batalha com nossos papéis, mais no primeiro ano do nosso casamento que hoje. Mas quando estamos em sincronia, com Cristo no centro, somos juntos como uma rede, carregando o peso dos trabalhos e ministérios de forma mais eficiente. Quando nos casamos, Ken e Floy nos deram uma cópia de um dos livros escritos por eles. Ele se chama *Learning to be a Family* [*Aprendendo a ser família*].[22] Os doze capítulos desse livro

cristão de exercícios esboçam o retrato da família feliz encontrado no salmo 128. O livro de Ken e Floy ajuda-me a articular — mesmo quando não posso evidenciá-lo ou aplicá-lo — o processo e o equilíbrio do significado de ser uma família feliz. A família feliz não é a em que cada membro consegue fazer o que quer. A família fez teme a Deus e esforça-se para obedecer-lhe. O salmo 1, em sua totalidade, esboça a felicidade, a prosperidade e a boa reputação duradoura advindas da obediência:

> Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios,
> Nem se detém no caminho dos pecadores,
> Nem se assenta na roda dos escarnecedores.
> Antes tem o seu prazer na lei do SENHOR,
> E na sua lei medita de dia e de noite.
> Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas,
> A qual dá o seu fruto no seu tempo;
> As suas folhas não cairão,
> E tudo quanto fizer prosperará.
> Não são assim os ímpios;
> Mas são como a moinha que o vento espalha.
> Por isso os ímpios não subsistirão no juízo,
> Nem os pecadores na congregação dos justos.
> Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos;
> Porém o caminho dos ímpios perecerá. (ACF)

Quando Cristo está no centro, os papéis distintos que assumimos nos permitem afirmar a unidade com a herança cristã (entendendo a origem da família de acordo com o delineamento encontrado nos três primeiros capítulos de Gênesis e nas questões do *Catecismo*: “Quem fez você?”[Deus]; “Do que você foi feito?”[Do pó]; “O que isso te ensina?”[A ser humilde e não esquecer da morte]). Mesmo sem a sabedoria experimental do histórico ou da prática cristãos em nossas famílias de origem, Kent e eu afirmamos uma herança cristã por meio da redenção de Cristo. Isto é, sabemos que ninguém “nasce” naturalmente na família de Deus. Ser “gerado de novo” é o pé de igualdade de que todos carecemos. A adoção não é apenas

uma metáfora cristã ou o processo pelo qual nos tornamos pais: a adoção no cristianismo é o processo pelo qual afirmamos nossa herança.

Um dos textos usados com mais amplitude por membros de nossa denominação para o estudo bíblico em família é o *Breve catecismo de Westminster*. Ele foi escrito para leigos (em sentido técnico, "bebês e incapazes"!) na década de 1640 por uma assembleia dos teólogos de Westminster, um grupo de pastores que também compôs a *Confissão de fé de Westminster* e o *Catecismo maior de Westminster*. Juntos, esses três textos fornecem as doutrinas centrais da Reforma. *O Breve catecismo* contém 107 perguntas sobre os seguintes assuntos: Deus como Criador (perguntas 1 a 12), o pecado original (perguntas 13 a 20), Cristo, o Redentor (perguntas 21 a 38), os Dez Mandamentos (perguntas 39 a 84), os sacramentos do batismo e santa comunhão (perguntas 85 a 97) e a oração do Senhor (perguntas 98 a 107).

A pergunta 34 do *Breve catecismo* trata do significado de um cristão ter "nascido de novo". Esta pergunta do *Breve catecismo* define como adoção a condição de nascidos de novo:

> P. 34. Que é adoção?
>
> R. Adoção é um ato de livre graça de Deus, pelo qual somos recebidos no número dos filhos de Deus, e temos direito a todos os seus privilégios.

Nós também vemos isso descrito na Bíblia, em Gálatas 4.7: "Portanto, tu não és mais escravo (órfão), mas filho; e, se és filho, és também herdeiro por obra de Deus".

Quando Cristo está no centro, os papéis distintos que assumimos nos permitem afirmar a unidade de propósito familiar. Kent é chamado para ser pastor e, com seu chamado, vêm expectativas especiais e singulares sobre mim, sua mulher. Com Cristo no centro, temos sido capazes de abraçar nosso chamado duplo com um senso de obediência conjunta à Palavra de Deus.

Quando Cristo está no centro, os papéis distintos que assumimos nos permitem afirmar a unidade na estrutura familiar. A estrutura familiar caracterizada pelo acolhimento e pela adoção é uma unidade singular. Mais adiante, neste capítulo, falarei sobre o milagre distinto da inserção de cada um dos nossos quatro filhos em nossa família e da dor da adoção interrompida. Um dos desafios singulares que famílias como a nossa encaram é a raça e a confusão quanto à ordem de nascimento. Nosso filho Knox chegou até nós em maio de 2003, com 5 meses, tendo passado por um lar provisório. Sua adoção foi finalizada em fevereiro de 2004. Nossa filha AJ chegou a nós em abril de 2004, com 15 anos e meio de idade, tendo passado por onze lares provisórios. Sua adoção foi finalizada em março de 2006. Mary chegou até nós com uma hora de idade. Knox e eu pudemos estar presentes no hospital durante o nascimento de Mary e tivemos o privilégio de sermos os primeiros a segurá-la e tocar nela. Mary não teve lares temporários e sua adoção foi finalizada em outubro de 2006. A acolhida temporária de S aconteceu em 2007. Ela tinha dois dias de idade. No hospital, assinamos o contrato de “guarda para adoção”, apenas para ter S removida da nossa casa porque a diretora da agência não gostou da escolha da coordenadora de inserção de pôr uma criança afro-americana em um lar “branco”. Matt chegou até nós em fevereiro de 2009, com 16 anos; a adoção de Matt foi finalizada em novembro de 2010, com toda a família vestindo-se bem, indo ao tribunal, voltando para casa e encontrando um bolo do tamanho de um pequeno refrigerador e uma grande celebração na vizinhança.

Até este livro que você está lendo tem sido marcado por nossa família. Terminei o primeiro capítulo após a chegada de Knox. AJ chegou no meio do capítulo dois. Mary veio durante o capítulo três. S chegou e foi tirada de nós durante o primeiro rascunho deste capítulo. O capítulo 5 e todas as revisões para publicação aconteceram quando Matt veio para casa.

Gostemos ou não, preparados ou não, transformamo-nos no foco da atenção cada vez que deixamos nossa casa, pois muitas pessoas querem entender como é ser uma família multirracial ou adotar um adolescente. Eles são seus filhos verdadeiros? Somos uma família de verdade? Sentimo-nos como pais de verdade? Nossos filhos nos amam? Como podemos pagar os gastos da adoção? Conhecemos as obrigações criadas pela adoção? Nossa família estendida nos aceita? Ao que parece, meus filhos são muito surpreendentes para um número grande de pessoas porque elas os consideram aberrações.

Certa vez, Kent estava substituindo alguém no púlpito de uma pequena igreja de uma pequena cidade. Esses lugares me assustam, e por um bom motivo. Knox dormia encostado em meu ombro e Mary estava dormindo na cadeirinha de bebê que usamos no carro. Um homem caminhou até mim, sem saber que eu era a mulher do pregador, e disse: “Então agora é chique mulheres brancas adotarem crianças negras?”. Respirei fundo e me levantei para encará-lo.

“Você é cristão?”, perguntei a ele.

“Sim, minha senhora”, ele respondeu.

“Deus salvou você porque era *chique*?”. Nossos olhos ficaram fixos até que ele abaixou a cabeça. Ele balbuciou algo ininteligível e recuou lentamente, parecendo entender que mesmo quando a ursa não se parece com seus filhos, o trauma de ter a cabeça arrancada por uma mãe protetora pode ser um negócio sangrento.

Quando Cristo está no centro da nossa família, os papéis distintos que assumimos nos permitem afirmar a unidade no propósito familiar — mesmo que o resto do mundo não vá além do retrato multirracial que apresentamos.

Quando Cristo está no centro do nosso casamento, o culto restaura e equipa-nos mesmo quando somos o foco a cada Dia do Senhor. Kent e eu sempre tivemos um ministério de hospitalidade extensivo. De 2002 a 2007, Kent era plantador de igreja em Purcellville, Virgínia. Nos dois

primeiros anos, eu preparava cerca de cinquenta refeições todo dia do Senhor. O trabalho envolvido nisso e o desgaste sobre nossa casa e, mais uma vez, nossa privacidade, eram alucinantes. Muitas, muitas mulheres — algumas desconhecidas — surgiram a meu lado, dando-me dinheiro, receitas, apoio em oração e conselhos. Meus amigos da igreja de Syracuse organizaram dias de cozinha, enviando caminhões de lasanha, bolos e pães para nossas refeições comunitárias do dia do Senhor. Porém, ainda assim, esse intenso ministério de hospitalidade, que coincidiu com a inserção de Knox aos cinco meses e de AJ com 15 anos e meio, era esgotante. Aprender a ser restaurado no contexto de trabalho intenso é uma importante obra espiritual. O Deus fiel nos concedeu o que precisávamos. Quando Cristo estava no centro, aprendíamos a “usar o vácuo” do mundo da maneira que os ciclistas usam o vácuo de outro ciclista durante uma prova de longa distância. Possivelmente ainda mais importante é que, quando Cristo estava no centro, nós aprendíamos a dizer não e fechar a porta.

Quando Cristo está no centro do nosso casamento, o trabalho fora de casa — o serviço na comunidade — é conduzido com relevância, integridade e coragem. Tanto no serviço organizado (por exemplo, planejar uma Escola Bíblica de Férias e receber mais crianças na EBF que a quantidade de membros da igreja) quanto no serviço imprevisto (por exemplo, receber crianças em minha vizinhança para brincadeiras, pré-escola, aulas de tricô e refeições durantes dias de nevasca ou em que estão doentes) nos permitiu cumprir a simples diretiva de Deus de cuidar dos outros.

Quando Cristo está no centro do nosso casamento, somos capazes de manter um lar cristão que ministra aos outros. Quando Cristo não está no centro, todas as nossas boas intenções são engolidas pelo egoísmo.

Como colocamos Cristo no centro? Ao intencionalmente levarmos todas as coisas cativas a Cristo, em todos os

momentos de todos os dias. Sem jamais ousarmos fazer coisa alguma sem oração fervorosa, buscando sabedoria, conselho, bênção e fôlego da vida que vêm do Senhor. Aprendi, nesses anos, que a ideia de que alguém está ocupado demais para orar é uma ilusão do tipo mais perigoso.

No primeiro ano de ministério, continuamos em Beaver Falls. Kent servia como pastor auxiliar na igreja Geneva, trabalhando sob a autoridade do pastor Bruce Backensto e dos presbíteros locais. Deixei de lecionar e comecei a refazer-me dos dois anos anteriores de vida cristã. Somente Kent sabia o quanto eu precisava sair da esfera pública e ir para casa. Kent e eu queríamos começar uma família (por adoção ou de modo natural) e eu precisava aprender a me adaptar. No primeiro ano de casamento, descansei, me recompus e me recuperei da dolorosa conversão. No primeiro ano de casamento, no contexto de uma vida familiar cristã normal, Kent e eu desenvolvemos nossa filosofia de ministério de hospitalidade e de misericórdia.

Dois tipos distintos de ministérios domésticos desenvolveram-se nesse primeiro ano de casamento: ministérios aos que conhecem Deus (encorajando a comunhão dos santos mediante a hospitalidade) e ministério aos que ainda não conhecem Deus (desenvolvendo uma teologia do público, alcançando o “estrangeiro dentro de tuas portas” e descobrindo meios e maneiras intencionais de levar o evangelho ao pária, ao perdido e ao solitário). Ao longo dos anos, em diferentes ocasiões, tivemos de enfatizar a comunidade de um ministério acima do outro. Pela minha personalidade, é sempre muito mais fácil encontrar os excluídos nos portões e trazê-los para casa. Amo os primeiros contatos com o evangelho. Amo as conversas e os relacionamentos arriscados e brutos desenvolvidos a partir disso.

Depois de passar um ano entre 2001-2002 em Beaver Falls, Kent foi chamado pela igreja Trinity de Beltsville, Maryland,

para plantar uma igreja na Virgínia do Norte. Com nossos dois gatos e um cão, carregamos nosso U-Haul[23] e fomos para Purcellville, um pequeno subúrbio na Virgínia do Norte, fora de Washington, D.C. Plantar igrejas é um trabalho solitário. Uma igreja plantada é considerada uma igreja filha, uma criança pequena que crescerá sob a proteção, apoio, orientação e encorajamento da igreja mãe. A igreja filha começou a se parecer com um natimorto pouco antes de descarregarmos o U-Haul.

Primeiro, nossa "família semeadora", a família que escolhe trabalhar com o pastor para trazer a igreja filha à idade adulta, abandonou não apenas a plantação da igreja, mas a denominação — antes mesmo de nossa chegada ao local! Eles nos ajudaram com a mudança e disseram-nos que estavam deixando a igreja. Eles disseram que concluíram, na verdade, que Deus *não* estava lhes chamando para plantar uma igreja. Já que eles ouviram esse chamado de Deus entre o período que nos recrutaram para aceitar a oferta de trabalho e o período em que caímos na estrada, teria sido útil se eles tivessem nos alertado sobre a proclamação (sentida por eles) de Deus. Qual foi o motivo que Deus lhes deu para não se unirem ao projeto de plantação? Eles não queriam "ficar sem amizades".

Dito tudo isso, Kent e eu chegamos a Purcellville em abril de 2002, sem qualquer família semeadora e comunidade ministerial suspeitando que tínhamos chegado. Confiávamos que Deus não anota endereços errados e que ele nos colocou onde nos queria. Apenas nos perguntávamos o porquê.

Purcellville é um pequeno e próspero subúrbio fora do Distrito de Columbia. Ele está localizado no Condado de Loudoun, o mais próspero e de maior crescimento nos EUA. A renda média aqui é duas vezes o contracheque do meu marido e os professores de primeiro ano do ensino médio no colégio público do nosso condado têm um salário inicial maior que o de catedráticos e professores titulares na

Universidade de Syracuse. Por que estamos aqui? Foi o que perguntei ao Senhor na primeira noite no novo lar.

A primeira manifestação dessa plantação (2002-2004) foi exclusivamente um ministério universitário. Uma pequena faculdade cristã cortejando a comunidade de educação doméstica acabara de abrir as portas, em frente a nossa casa. Os estudantes afluíam para nossos cultos, estudos bíblicos e, sobretudo, para nossa casa, aos montes. Por dois anos, nossa igreja consistia em 35 a 40 universitários, duas famílias locais e os Butterfields. Na época, muitas outras famílias, de vez em quando, visitavam-nos por um tempo. Cada uma saía depois de um mês usando a mesma razão que nossa família semeadora original nos deu: eles sentiam falta das amizades e temiam por seus filhos em uma igreja sem outras famílias com a mesma mentalidade.

Ao longo dos anos, tenho refletido sobre o isso significado disso. O que realmente é “ficar sem amizades”? Pelo menos em relação à série de famílias que demonstrou empolgação imediata e, um mês depois, mudou de ideia, é isto que “ficar em amizades” significa. Significa que a família precisa estar em uma igreja composta por pessoas exatamente iguais a elas, que eduquem os filhos usando os mesmos métodos de criação de filhos, com a mesma posição sobre controle de natalidade, educação, voto, amamentação, normas de vestimenta, farinha branca, açúcar branco, vacinação infantil, observância de feriados seculares e religiosos. Conhecemos famílias que temiam a diversidade com pavor irracional. Eles sempre nos diziam que não queria “confundir” seus filhos expondo-os às diferenças entre os estilos de criação encontrados entre os cristãos. Suspeito que o temor deles fosse o seguinte: uma divergência das regras estipuladas talvez fornecesse uma janela para os filhos verem quão diverso o mundo era na realidade e que essa tentação os fizesse perder o rumo. Repetidas vezes tenho ouvido essa linha de pensamento entre os medrosos e inconstantes na fé. Na igreja, tendemos a ter mais medo

do pecado (percebido) no mundo que do pecado em nosso coração. Por que é assim?

Aqui vai o que penso. Creio não haver inimigo maior à fé viva e vital que insistir na uniformidade cultural. Quando o medo domina a teologia, Deus não aparece em lugar algum do paradigma, não importa quantos versículos bíblicos sejam enxertados nele. Além disso, como pais, penso que seríamos mais efetivos na criação dos filhos se falássemos com eles de maneira franca, e lhes contássemos que algumas de nossas regras mais queridas não têm fundamento moral, mas são criadas para nossa conveniência. Sei que muitas vezes em que insisto com meus filhos para que desliguem a televisão, minhas “regras” são resultado da minha sensibilidade ao barulho, não da aversão moral a Pixar ou a Disney. Nunca sei o que responder a mulheres que me dizem que precisam estar em uma igreja composta por pessoas com quem elas possam identificar-se, pessoas idênticas a elas.

A nova faculdade com a qual ironicamente compartilhávamos uma comunidade mantinha os serviços de refeitório limitados no domingo, nenhuma enfermaria e nenhum decanato de mulheres. Eu estava levando alunos para consultas médicas (e aprendendo a aplicar injeções subcutâneas), aconselhando mais estudantes que poderia ter imaginado, conduzindo dois estudos bíblicos por semana, e ainda servindo refeições sem fim a cada Dia do Senhor. Esses estudantes eram fantásticos. Eu os amava de forma genuína e aprendi muito com eles sobre graça e perseverança. Esses estudantes eram inteligentes e devotados à sua fé. Também eram protegidos. Comunicaram-me em primeira mão os sérios riscos de isolar os filhos da vida real. Filhos adultos podem parecer obedientes quando nos ignoram em vez de nos representar. A vida universitária tende a explicitar todos os medos, dúvidas e percepções de contradições e hipocrisias. Entre essa hipersensibilidade à autoridade e regras e a consciência sexual crescente, encontramos estudantes

lutando com questões morais reais. Seus pais nem suspeitavam como a superproteção havia perigosamente preparado mal seus queridos filhos de tudo isso. O pecado — em especial o pecado sexual — consegue trinfar de modo sorrateiro em ambientes de sigilo e vergonha. Kent e eu tínhamos um ministério bem complicado na nossa frente.

O mais surpreendente nesses dias de plantação de igreja foi o caráter trabalhoso de tudo isso. Nenhuma experiência de vida ou treinamento profissional havia me preparado para esse trabalho. As exigências de hospitalidade no dia do Senhor e durante a semana eram intimidadoras. Refeições demais para preparar. Muita preparação e faxina. Muitas idas ao Costco[24] para comprar alimentos. Muitas batidas inesperadas na porta. Estudantes vinham para o café da manhã e ficavam até tarde da noite. Nosso trabalho era sempre diferente. Kent ensinava doutrinas e teologia da vida cristã aplicada para grandes grupos de estudantes, levava outros alunos para a casa de repouso local para orarem com e pelos residentes, passava para ajudar alunos com artigos e deveres de casa, e até ensinava outros jovens a dirigir carros. O desgaste em nossa casa, carro, máquina de lavar roupas e corpos era enorme. Na época, realizávamos o culto no ginásio de um centro comunitário local. Na noite de sábado, antes do fechamento do centro comunitário, o ginásio ficava aberto para o público assistir jogos de basquete. O serviço de detentos à comunidade não era realizado até a manhã de segunda-feira. Em certo ponto, minha primeira tarefa a cada Dia do Senhor era limpar os banheiros públicos no centro comunitário para estarem apresentáveis para a reunião da nossa igreja.

Nossa vida eclesiástica nunca teve falta de amor. Jamais “sentimos falta das amizades”. Ainda dou risadas quando penso nas famílias que nos deixaram por pensarem que sentiam falta das amizades. Tivemos mais amizades do que saberíamos fazer com todas elas! Amizade verdadeira exige que saiamos de nós mesmos, e nossa comunidade nos alargou e nos enriqueceu. Cuidávamos dos estudantes com

o máximo de fidelidade possível e eles cuidavam de nós em troca. Éramos sustentados pelas orações deles. Eles nos ajudaram também em sentido material. Nunca tivemos falta de pessoas que cuidassem da nossa casa, passeassem com o cachorro, cortassem a grama e juntassem as folhas. A cada ano eles fiel e generosamente se lembravam do nosso aniversário de casamento. Fomos privilegiados de podermos ver toda uma geração de alunos passar pela faculdade e entrar na pós-graduação ou se casar. Kent teve até o privilégio de batizar o bebê de um desses casais.

Nossa igreja de origem, a Trinity Reformed Presbyterian Church, nos sustentou com um orçamento generoso para a hospitalidade. O pastor Steve e Julie Bradley vieram sempre que puderam para nos ajudar com os estudos e atividades após o culto. O presbítero TG e sua família vieram fielmente em muitos Dias do Senhor, trazendo comida, encorajamento e corações e mãos para ajudar. Uma família chegou a dirigir da Pensilvânia uma vez por mês e contribuiu bastante com o culto, as refeições, o canto de salmos e a comunhão. Nosso querido dentista e sua família adoraram de modo regular conosco por mais de dois anos mesmo que tivessem fortes laços doutrinários com a teologia batista. E um forte grupo de pais do nosso ministério universitário veio nos auxiliar. Essas famílias deram-nos o conselho de que desesperadamente precisávamos na época. Eles nos sustentaram com suas orações e com auxílio material.

A cada semana, eu era beneficiada pelas receitas que muitas mulheres me deram. A “sopa do dia da marmota” de Sue Wilkey estava semanalmente no cardápio, como o minestrone de NM, o pão de aveia de Floy Smith, os *cookies* com pedacinhos de chocolate de Robyn Zorn e meu frango mediterrâneo. O livro de receitas *More with Less* [*Mais com menos*] era meu companheiro constante. Minha mãe mantinha-me abastecida com revistas de culinária e material de cozinha. Quando ela e meu padrasto nos visitavam, ela enchia meu freezer com almôndegas caseiras

e *pasta e fagioli*.[25] Um ano, ela me comprou a melhor Kitchen Aid[26] existente com todos os acessórios. Ainda a uso quase todos os dias.

Então, algo começou a escapar. Começamos a perceber algo sobre nosso ministério universitário. Ele era sempre muito ocupado, ativo, empolgante, mas nunca se estabeleceu de fato. Os estudantes eram ótimos em trazer outros estudantes, mas ficavam desconfortáveis com pessoas de fora do seu mundo. Algumas vezes, estavam tão ocupados afiando sua lâmina intelectual que lhes faltava compaixão e empatia por pessoas que não partilhavam suas cosmovisões. Certa vez, em um sábado, uma jovem universitária, S, estava fazendo *cookies* comigo. Uma vizinha apareceu nesse momento para devolver um livro e mencionou para mim algo sobre sua filha fazendo testes para alguma coisa no colégio público local. A vizinha estava partilhando uma preocupação a respeito de algo que aconteceu no colégio, uma coisa que sua filha com necessidades especiais não entenderia. S balançou a cabeça e murmurou audivelmente: “Enviar um filho para escolas públicas é como dar pérolas aos porcos”. Esta estudante não era conhecida por ser combativa ou rude. Ela estava tão acostumada a estar ao redor de pessoas que pensavam da mesma forma que ela que deixou sua impressão escapar. Sei que ela não pretendia causar mal. Mas seu coração foi revelado nesse deslize (como sempre ocorre com o coração de todos nós). Minha vizinha ficou compreensivelmente ofendida e, em particular, na semana seguinte, disseme saber que a estudante estava jogando a Bíblia contra ela, mas não tinha ideia do que significava: ela era a pérola ou o porco? Por que essa garota insolente e desrespeitosa pensava que escolas públicas eram para os porcos? Esse tipo de confronto acontecia com demasiada frequência. Sim, esse tipo de confronto pode fornecer maravilhosos momentos de aprendizado, mas convertê-los nisso exige capacidade e graça não dispostas por mim no momento. Sentime arrasada. Minha vizinha perdida

precisava mais de Jesus que a universitária murmuradora de uns poucos epítetos ensaiados sobre os males das escolas públicas.

Um dia, enquanto esfregava uma mancha de café no carpete bege, ocorreu-me: agora eu estava cuidando das pessoas que seriam o objeto da minha pesquisa uns anos atrás. Então, no mesmo lampejo, questionei se era isso de fato que Deus estava me chamando para fazer. Evidentemente, conhecer o chamado de Deus é algo bastante humilhante. Como nós realmente sabemos a diferença entre o "chamado de Deus" e nossos desejos egoístas? Pessoalmente, confundo os dois o tempo todo. Ao mesmo tempo, Kent e eu tínhamos completado o extenso programa de estudo e processo de exame doméstico para nos tornarmos pais adotivos. Sabíamos que o ministério atual não poderia sustentar uma casa com crianças. Ele não possuía os limites apropriados para a criação de filhos. Desejar filhos pode ser uma busca nobre, mas se não for a vontade de Deus, resultará apenas em uma forma mais santificada de cobiça. Assim, esfreguei a mancha no meu carpete e tentei focar o ministério que Deus havia me concedido.

Então, aconteceram dois telefonemas que mudariam nossa vida para sempre. Lembro-me de alguém me dizer que Deus não age com rapidez, ele age de modo repentino. Havíamos sido licenciados para adotar uma criança por seis meses. E em um único dia fomos considerados compatíveis com quatro crianças: um bebê de cinco meses e meio por meio de uma agência particular e cristã de adoção e um grupo de trigêmeos pelo sistema público de bem-estar social. Conquanto isso não parecesse rápido (tentamos começar uma família desde o início do casamento), com certeza foi repentino. Agora tínhamos uma escolha fatídica diante de nós: O bebê ou os trigêmeos? Tínhamos doze horas para decidir.

Adoção é um assunto complicado, em especial quando é preciso escolher entre crianças e agências. A adoção tem uma faceta política e financeira complexa. Nos EUA, o custo médio de adoção particular é de 25 mil dólares (*Adoptive Families Magazine* [*Revista das Famílias Adotivas*], fevereiro de 2006). Graças à cultura do aborto legalizado e da absolvição da gravidez na adolescência, raramente bebês estão disponíveis para adoção. Além disso, a adoção também sofre de má publicidade, com todos os membros do triângulo da adoção (filhos, pais biológicos e pais adotivos) sofrendo caricaturas. Ficamos surpresos e horrorizados ao descobrir que mesmo centros cristãos de gravidez de crise[27] encorajam as adolescentes a tentar criar os filhos em vez de considerar a alternativa da adoção. Além disso, devido a esses fatores sociais, crianças que terminam no sistema de lares provisórios muitas vezes ficam aprisionadas por anos e anos, enquanto os assistentes sociais tentam remendar as falhas do pecado e da pobreza que transformam maus pais em pais abusivos ou pior. Presas a essas crianças estão identidades forjadas por trauma, negligência, autodesprezo e a degradação das drogas e da indigência.

Pais biológicos que gravitam em torno da adoção privada de forma geral renunciam aos direitos parentais. Os pais biológicos que escolhem a adoção privada normalmente conhecem seus limites e recebem o aconselhamento e o apoio necessários para chegar a essa decisão dolorosa e repleta de sacrifícios. As crianças do sistema de lares provisórios têm pais biológicos que não conhecem limites. Eles tentam ser pais além de seus recursos. Alguns são criminosamente negligentes e abusivos; outros têm problemas mentais ou são eles mesmos vítimas das prisões da pobreza, abuso, negligência, drogas e disfunção. Os direitos dos pais biológicos cujos filhos terminam em lares provisórios normalmente são rescindidos por um juiz, processo que exige documentação sobre o tempo de abuso ou negligência. Esse processo demorado e invasivo pode

devorar infâncias inteiras. Custa muito dinheiro adotar uma criança por meio de uma agência particular e adotar um filho pelo sistema público é “gratuito”. Ao mesmo tempo, o custo moral e fiscal de conservar uma pessoa no sistema de lares provisórios a vida inteira é enorme. A questão não é *se* algum de nós pagará pelo custo da orfandade, mas *quando* — e que tipo de esperança restará no fim.

Kent e eu nunca fomos do tipo de pessoa que pensa que apenas bebês são dignos de adoção. Sabemos que todas as crianças precisam de lares amorosos e estáveis. Como pessoas convertidas fora de famílias da aliança, temos consciência em primeira mão de que a aliança não inclui apenas bebês biológicos nascidos de crentes. Sim, os primeiros três anos da vida são formativos e a oportunidade de criar um filho desde a infância até a vida adulta é um privilégio. Mas, a vida é preciosa e crianças são amadas não porque podem ser curadas e crescer, mas porque Deus nos fez à sua imagem. Se isso é bom o bastante para Deus, deve ser bom o bastante para nós.

Quando os dois telefonemas vieram no mesmo dia, de duas agências diferentes, tínhamos de escolher: o bebê ou o irmão e as irmãs? Como alguém escolhe?

Em momentos como esse que agradeço por ser cristã reformada. Sei que não escolho. Deus escolhe. Ele reina e prevalece. Nós caminhamos em fé e (às vezes) em terror, mas caminhamos ainda assim. Nossa caminhada até a paternidade nos levou à próxima fase da nossa vida.

Nosso amado filho Knox, nosso lindo bebê de cinco meses, criado antes da fundação do mundo e destinado por Deus a ser um Butterfield, uniu-se a nós três dias depois do nosso segundo aniversário de casamento, 22 de maio de 2003. Sua pele é morena, da cor do moca, o rico café escuro com a perfeita quantidade de creme. Eu o amei de imediato com um amor que não sabia existir. Ele havia perdido muito na época que o encontrei: a mãe biológica e uma mãe provisória. Minha única preocupação na hora era conhecê-

lo e assegurá-lo de que estaria presente sempre — não importavam as circunstâncias. Eu o “vesti” em uma tipoia, como fazem as mães africanas. Juntos caminhamos, trabalhamos, dormimos, coração junto ao coração. Ele vinculou-se, lentamente a princípio e, então, com todo seu coração. Nos primeiros dias, enquanto ele chorava, meu coração chorava por causa dos trigêmeos que não estavam conosco. Fui inundada com emoção e com o senso da minha própria inadequação.

AJ veio a seguir, onze meses depois, com 15 anos e meio, em abril de 2004. Fomos seu décimo primeiro lar provisório. Para AJ, eu me achava em uma longa, longa fila de mães ruins. Kent estava sozinho no papel de pai. E embora ele tentasse além da medida tomar um papel ativo na vida dela, por causa do histórico que o precedeu, ele estava preso em um papel marcado pela ausência e pelo mistério. Amei AJ de pronto e queria defender sua causa. Com Knox, minha tarefa mais importante era o vínculo. Com AJ, minha tarefa mais importante era identificação — a capacidade de enxergá-la e tentar entender seus sentimentos.

Os valores e as disposições sociais de uma vida familiar privilegiada muito comumente consideram adolescentes no sistema de lares temporários invisíveis ou perigosos. AJ me ensinou (e continua a ensinar) o valor da identificação, de observar e enxergar a pessoa com os olhos da intimidade. Há um momento em ser pai de uma criança mais velha quando você sente o “clique” da identificação, quando você troca a falta de experiências da vida compartilhada pelo amor simples. Isso aconteceu comigo quando estava buscando AJ da escola na primeira semana que ela viveu conosco. Knox e eu estávamos sentados no carro em uma longa fila de famílias esperando buscar os filhos adolescentes. Senti um medo terrível de não reconhecer AJ. Eu a havia conhecido apenas cinco dias atrás. Teria eu de fato prestado atenção nela? Gastei o tempo necessário para conhecer minha filha? Não. Isso não havia acontecido comigo, e com nenhuma das dez mães anteriores que a

rejeitaram. Enquanto estava sentada em meio ao mar de rostos estranhos, senti o peso da negligência coletiva. Comecei a entrar em pânico, tentando lembrar-me da cor da camiseta que ela estava vestindo. E se eu a perder? E se ela fugir? Com grande alívio, eu a encontrei. Sempre equilibrada, mesmo nas situações mais estressantes, lá estava AJ à vontade com um grupo de garotas esperando que as mães as buscassem. Assim que meus olhos a capturaram eu não queria largá-la. AJ me lembra de que muito comumente nossos grandiosos objetivos em relação aos filhos interferem com simplesmente reconhecê-los. AJ não vive mais em nossa casa. Nossos valores e estilos de vida colidiram de forma profunda. AJ teme a disciplina como o peixe teme a terra seca. Mas nós conversamos, visitamo-nos e mantemos nosso frágil relacionamento.

Mary veio 18 meses depois, recém-nascida, em novembro de 2005. Amy Comin, a esposa de Doug, ligou em outubro para nos contar que quatro bebês birraciais ou afro-americanos nasceriam em breve em uma pequena agência de adoção particular, sem qualquer família na espera. Telefonei de imediato para o número fornecido por Amy e, pela providência de Deus, o diretor da agência atendeu minha ligação mesmo estando em outro estado. Adoções interestaduais são ainda mais complexas nos EUA porque é preciso obter a aprovação dos assistentes sociais e dos advogados dos dois estados. Muitas agências ficam relutantes em mesmo considerar adoções assim. (Em parte, é por isso que muitos pais adotivos preferem adoções internacionais). Mas Deus forjou o caminho para a adoção de Mary. Na verdade, tive o privilégio de segurá-la na sua primeira hora de vida. Naquele momento, cantei para ela o salmo 104 (Knox o chama de “canção do bebê Butterfield”) e ela registrou minha voz de imediato. Ela me ensinou como os recém-nascidos aprendem a confiar e crescer de maneira incrível. Ela me ensina a força por trás da confiança e os poderosos avanços que o cérebro humano conquista na infância. Observei-a sair para o mundo com

uma confiança que ainda me assombra. Ela sabe de algo que o resto dos meus filhos não conhece: a segurança ao confiar que a família sempre estará presente.

S veio 14 meses depois, recém-nascida, em janeiro de 2007. Com S, enfrentamos a primeira adoção interrompida. A adoção foi interrompida depois de ela estar sob nossos cuidados por dez dias. A diretora estava de férias quando a coordenadora de inserção colocou uma criança negra em um lar branco. Aquilo realmente a deixou louca. Como pessoas diferentes podem constituir uma família? Com seu racismo na linha de frente, ela se recusou a apoiar a adoção. Testemunhamos o racismo em primeira mão: vimos uma comunidade (Departamento de Apoio à Família) "resolver" o problema da raça (crianças negras não combinam com pais brancos) executando uma solução racista (interromper a adoção). Quando a adoção de S começou a se desfazer, ficamos diante da questão moral: combatemos isso ou deixamos passar? Não escolhemos nenhuma dessas opções. Em vez disso, oramos. Primeiro, oramos com arrogância, de forma presunçosa, tentando forçar a mão de Deus. Então, depois de cansarmos de nosso orgulho tentando interferir na obra de Deus, restringimos a oração a isto: uma família da aliança pede por essa querida criança que segurei nos braços, porque teus braços, querido Senhor, moldaram-na e formaram-na, e teus braços são os únicos que sempre segurarão essa querida criança, não minha, mas tua. O Departamento de Apoio à Família ligou com uma data para retirar o bebê de nossos braços e da nossa casa. Foi de partir o coração. Nós nos sentíamos impotentes e nos perguntávamos se tínhamos feito o certo ao não lutar essa batalha. Uma das facetas mais duras da adoção é a exposição total da família adotiva enquanto a agência ou a mãe biológica o seleciona ou rejeita. O que a rejeição diz sobre nós como pessoas? Como família? Estou certa em acreditar que a segregação (inserir crianças negras em famílias negras) não é a solução para o racismo? Acredito nisso em detrimento dos

meus quatro filhos birraciais e em defesa apenas do meu privilégio branco? Estou certa ou errada, sou boa ou má, competente ou incompetente? Minha família suportará o teste do tempo?

Contávamos com dois advogados cristãos dispostos a levar a agência ao tribunal, porque é ilegal usar a raça para interromper uma inserção adotiva. (O MEPA — Multiethnic Placement Act [Ato de Inserção Multiétnica] — de 1994 é a lei antidiscriminação que proíbe isso, como também a compatibilidade racial como critério primário de inserção). Mas nós não queríamos que S sofresse como vítima do sistema judicial, uma situação que poderia retê-la em um lar provisório por anos. Acreditamos na adoção de crianças pela necessidade. Raciocinamos assim: se não há necessidade, não há adoção. Lembrávamos a nós mesmos de que não somos chamados para cobiçar os filhos dos outros. Mas também sabíamos por experiência própria, tendo adotado antes pelo sistema público, que essa agência não é amiga das crianças. Como outras agências, ela se encontra sobrecarregada e tem falta de pessoal. As crianças são esquecidas. Não queríamos isso para S. Estávamos feridos e em dúvida. Kent postou um pedido de oração na lista de oração da nossa denominação — "CovieNet". Nossa denominação é uma comunidade de oração. Acredito que havia milhares de santos orando por essa criança no dia em que Kent postou nossa súplica. O pedido de Kent era simples: Querido Deus, que S tenha um lar cristão.

O último dia de S conosco foi sombrio e assustador. Tomamos a decisão errada? Precisaríamos lutar para manter os outros filhos em nosso lar? Em lágrimas, levamos S de volta à agência e lá encontramos a família adotiva potencial com preferência sobre S. Eles eram afro-americanos e cristãos. Deus ouviu nossas orações. Sim, estávamos feridos. Profundamente. Mas S não! Na maravilhosa misericórdia de Deus, ele nos usou para proteger o bebê! Não é este o cerne das orações por

nossos filhos? Ele não nos fere para punir-nos. Somos feridos a serviço dele. Por que S ficou conosco por dez dias? Que tipo de batalha espiritual se desenrolou em oculto por trás das cortinas nesses dez dias? Nossas humildes orações abalaram os portões do céu por essa criança órfã? Nossas orações surtiram efeito? Deus usou nossas orações para garantir a ela um lar cristão? No dia em que a agência levou S, encontramos em nossa varanda uma embalagem para viagem do restaurante "Red, Hot and Blue" ["Vermelho, Quente e Azul"] (incluindo um dos meus pratos favoritos, pudim de banana) e este bilhete, escrito a lápis, com um desenho infantil de uma flor com uma pétala caindo. O bilhete dizia:

> A família que nunca abre o coração nunca o sente partir-se. A família que jamais acolhe os outros nunca sente falta das pessoas quando partem. A família que não assume os riscos da vida, não vive de verdade. Pensando em todos vocês neste dia duro. Com amor das muitas, muitas pessoas, cujas vidas vocês tocaram e que amam todos vocês.

Não sei quem escreveu o bilhete ou fez o desenho. Mas, para mim, o bilhete captura uma verdade espiritual negligenciada: traição e risco estão no centro da vida com o evangelho. Disto eu sei: Deus ouviu minhas orações.

Neste mundo despedaçado, pessoas quebram promessas (e contratos). A assistente social que fez o contrato e a assistente social que quebrou o contrato são mulheres que respeito e valorizo. Nós nos apresentamos com diferentes pontos de vista. Por sermos de Cristo, sabemos que os filhos não são enxertados em uma família para resolver problemas, aumentar o ego, completar fotos de família ou porque temos cor, raça ou nacionalidade compatíveis. Sabemos, por sermos de Cristo, que a adoção é um milagre. Em um sentido espiritual, é o milagre central da vida cristã. Nós, os adotados por Deus, somos os recipientes do novo coração, o "renascimento".

Quando Deus retira crianças de negligência, abuso, disfunção, gangues, drogas e ódio, e as insere em um lar

da aliança, ele acabou de mover uma montanha no coração e nas famílias dos homens. Quando Deus dá a um casal sem filhos uma criança de qualquer idade usando os meios de sua poderosa vontade, ele acabou de mover uma montanha no coração e nas famílias dos homens. Quando as montanhas são movidas, a terra abala-se. Quando se fica tão perto, como ficamos, de milagres da vida real,o sentimento é de devastação. Montanhas são grandes e nós somos pequenos. A montanha em movimento pode esmagar-nos. Farpas caem da cruz. Elas percorrem longas distâncias e perfuram a pele — talvez até o coração. E envolvido neste risco e perigo estão a proteção e as promessas de Deus, de atuar em todas as coisas (mesmo as más) para o bem de quem o ama. Quando lemos no livro de Romanos: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito” (8.28), não devemos ser Pollyannas[28] em relação a isso. Muitas “coisas” que enfrentaremos vêm com as bordas cortantes do mundo caído e despedaçado. Não se pode brincar com a misericórdia de Deus — se você quer a doce misericórdia também deve engolir a amarga misericórdia. E qual é a diferença entre doce e amargo? Somente isto: sua perspectiva crítica, sua cosmovisão. Um dos maiores dons de Deus é a capacidade de ver e apreciar o mundo de pontos de vista alheios ao seu, pontos de vista que vão além da experiência pessoal. Este é o significado de crescer em Cristo para mim — ir além de mim mesma enquanto me estendo até ele. A perda de S nos ensinou isso.

Penso bastante sobre como nossa família foi moldada por nossa pequena plantação de igreja. Eu era a precentora da nossa igreja (pessoa que conduz o canto). Em nossa denominação, os precentores conduzem com a voz e gestos de regente para indicar o andamento do salmo. No período da plantação, fiquei honrada em liderar o canto em nossa igreja com um e, às vezes, dois filhos a tiracolo, um na

tipoia e outro no meu quadril. Quando bebê, Knox tinha grande interesse em “ajudar-me” a conduzir os salmos, balançando as mãos para manter o ritmo ou virando as páginas do saltério com uma confiança arbitrária. Mary era mais dançarina que cantora, ou assim parecia. Ela dava pontapés e arremessava seu corpo ou, algumas vezes no meio da estrofe, caía em profundo sono. Eu conduzia o canto dos salmos com meus bebês grudados. Meus bebês muitas vezes mudavam de posição ou chutavam-me as vísceras enquanto liderava. Isso me fazia pensar nos “salmos de romagem”, imaginando os israelitas caminhando enquanto cantavam em terras estrangeiras, em fraqueza e fé. Com os bebês agarrados, sentia uma consciência sensível e tangível crescendo em mim, uma pequena janela para o mistério da vida cristã.

Crianças trazem outras crianças. As crianças da nossa casa traziam outras crianças para nosso lar. Quando tornamo-nos pais, subitamente viramos uma igreja de crianças. Éramos um lar temporário licenciado, tínhamos acesso a crianças que não tinham lares (e viviam em abrigos). Desfrutamos de ministérios vitais e vibrantes que surgem no processo da vida diária: clube de tricô para as garotas do quarteirão (com o *Breve catecismo de Westminster* sendo ensinado junto com pontos de tricô), futebol americano para os meninos de quatro anos (com oração e sanduíches em seguida) e pré-escola para a vizinhança. Também amávamos a arte perdida de apenas estarmos disponível para cuidar de crianças perdidas em emergências, de dias de neve, que prendem as crianças em casa e mandam os pais trabalhar, até abuso doméstico ou pior. Vemos isso como um investimento na comunidade. Qualquer coisa digna de ser feita tomará tempo e custará algo. Percebemos, quando nossa atenção voltou-se mais para famílias e crianças, que muitas pessoas em nossa comunidade protegem-se da inconveniência como se a inconveniência fosse algo mortal. Decidimos que não seríamos incomodados pela inconveniência. As

necessidades das crianças surgem de forma inesperada. Com certeza o bom samaritano tinha outros planos naquele dia fatídico. Nossos planos não são sagrados. Nossa casa está aberta a crianças após o horário da escola. Não há dinheiro envolvido. Crianças mais novas gostam da atenção de crianças mais velhas e amamos ver a pequena sombra de uma comunidade real surgir — bem aqui em nossa cozinha.

Minha atenção ao ministério com universitários enfraqueceu com o tempo enquanto meu interesse e o compromisso com as crianças (as que Deus nos permitiu adotar e as que continuam aprisionadas no sistema de lares temporários) cresceram. Educar filhos adotados e crianças marcadas pelo trauma de lares temporários é coisa séria. Adoção não é uma patologia que marca e aflige pessoas e famílias por toda a vida. Mas a adoção é um acontecimento complexo e paradoxal que combina perda, ruptura e rejeição com lucro, conexão e proteção. Nenhuma criança pede para ser adotada. Nenhuma criança pede pais biológicos incompetentes ou negligentes. Nenhuma criança pede para ser informada constantemente sobre quanta “sorte” teve ao ser adotada. Desejada ou não, a adoção sempre começa com a perda. A adoção sempre combina a perda ambígua com ganhos não solicitados. A criança adotada encara esse paradoxo — esse pesar ambíguo — a cada estágio do desenvolvimento. Sua família deve escolher se acolhe a complexidade ou deixa a criança ir embora sozinha. Nós escolhemos caminhar ao lado de nossos filhos, mesmo quando nem sempre entendemos quão profunda ou quão exposta a complexidade está. Essa jornada é assustadora. Em seu núcleo está isto: amo Jesus o suficiente para enfrentar a rejeição potencial dos meus filhos?

Comecei a ficar exausta e farta das questões que as mulheres traziam do *campus* para minha casa. Passei a sentir que tudo o que eu estava fazendo era ajudar partidaristas da educação doméstica a escolher entre suas fidelidades paraeclesiásticas. Enquanto enfrentava os

demônios da negligência e da perda e o difícil trabalho do cuidado e da educação extras, pegava-me não raro fora de sintonia com mulheres que seriam minhas iguais. E, para mim, o cúmulo de tudo foi quando a mãe de um dos meus alunos favoritos me disse: “Rosaria, não entendo como um cristão pode ser eficaz em criar crianças sob guarda temporária. Em minha opinião, se você não pode educá-los em casa, nem dar palmadas neles, então com certeza não pode levá-los a Jesus”.

Essa mulher — amiga minha — não disse isso com malícia intencional ou por desrespeito. Isso meramente saiu de seu coração e dos estreitos muros de uma teologia dominada pelo medo. Veio de uma fidelidade singular a um meio de disciplina e amor, em vez da lealdade à origem e ao propósito deles. Pela minha experiência, crianças no sistema de bem-estar não são menos dignos de um lar da aliança que os filhos biológicos de crentes. Deus nos chama a disciplinar os filhos de forma efetiva. A palmada não é a única forma de disciplina e, para crianças abusadas, é o meio menos eficaz. E, embora crianças no sistema público de lares provisórios estejam sob tutela do Estado, descobrimos assistentes sociais dispostas a considerar meios alternativos de educação. Eduquei uma criança no lar enquanto ela estava temporariamente conosco. Nós firmemente acreditávamos que era sua única esperança — e tivemos sucesso em convencer disso assistentes sociais, orientadores e professores da escola pública. Obtivemos sucesso em alcançar as metas educacionais e sociais para ela no ano que recebemos permissão para educá-la em casa.

De fato, minha experiência como mãe temporária me tornou uma grande defensora da educação doméstica [*homeschooling*] — não pelas razões de muitos defensores seus. Descobri que o contexto da escola tradicional é hostil para crianças que vivem sob constante estresse e coação.

Não gosto da ideia de que, só porque é “gratuito”, o ensino público é a primeira escolha. O ensino público é uma escolha entre várias possibilidades, mas não é a norma contra a qual outras opções de educação devem ser classificadas.

Por mais ou menos um ano, uma garota de 16 anos chamada Jessica veio para nossa igreja e nosso lar. Ela estava sob tutela terminal e vivia em um abrigo local. Ela estava sobrecarregada com rótulos, categorias de doenças mentais e medicação. Ela me ajudou com a EBF e costurava quadrados da vovó para mantas. Como muitas crianças sob guarda terminal, ela caiu entre as brechas do sistema ao completar 18 anos. No banheiro do nosso primeiro andar, as crianças sobem para lavar suas mãos em um banquinho feito por Jessica na aula de carpintaria de um hospital psiquiátrico para adultos. Um dia, o pastor Steve Bradley estava pregando sobre conhecer o chamado de Deus. Jessica estava ouvindo com extasiada atenção. Após o culto, ela dirigiu-se ao pastor Steve e disse: “Steve, ouço vozes o tempo todo. Como sei a diferença entre escutar a voz de Deus e escutar as vozes da minha mente doentia?”. Com grande compaixão, o pastor Steve disse: “Querida, todos nós temos de examinar com a Bíblia as vozes das nossas mentes doentias. Diariamente. Você não é diferente”. Sempre fui muito grata por minha igreja ser lugar seguro para os órfãos e os excluídos — para os filhos de Deus.

Naquele dia, mais tarde, Jessica disseme que nunca antes alguém a havia feito sentir-se tão bem. Era muito bom saber que, pelo menos quanto a isso, ela não era diferente. Deu-lhe grande conforto saber que outras pessoas também lutavam.

Quando ela chegou aos 18 anos, sentimos de perto o horror nítido enfrentado por crianças que “envelhecem” no sistema público. Em uma troca grotesca e orwelliana de expressões, o estado de bem-estar chama esse processo de

“envelhecimento” (isto é, completar 18 anos) de “emancipação”. Aqui vai o que aconteceu com Jessica. No décimo oitavo aniversário, ela foi removida do abrigo para crianças com doenças mentais para uma série de hospitais psiquiátricos para adultos, primeiro em Maryland, em seguida em Connecticut e, então, Nova York. Nós a perdemos de vista quando ela foi para Maryland. Em 2010, um mês antes da adoção de Matt ser finalizada, descobrimos que Jessica morreu em um abrigo para pessoas sem-teto em Nova York, no aniversário de 23 anos.

Jessica era filha de Deus.
Ela passou um tempo em nossa casa.
Queria ser adotada.
Mas nunca foi adotada.
Ela morreu sozinha.

Em novembro de 2010, na cerimônia de adoção de Matt no tribunal do condado de Loudoun, tive o privilégio de ler para a corte um curto texto sobre o significado da adoção. Observava um mar de rostos, crianças de todas as idades, raças e aptidões, pais e irmãos com suas melhores roupas; sentia gratidão serena por Deus ter colocado Matt em nossa família. Contudo, atrás deste retrato, nas rachaduras por trás da bênção proporcionadas por essas crianças que serão para sempre o nosso melhor emocional, de quem precisamos mais do que eles precisam de nós, eu podia visualizar, de forma muito clara, os rostos dos ausentes, perdidos, mortos, inominados e desconhecidos.

Sempre considerarei Jessica a filha que não adotamos.

Os universitários que continuaram conosco após os filhos e as crianças acolhidas começaram a se tornar nossos aliados em um verdadeiro ministério evangelístico. Todos nós crescemos em Cristo, em nossa oportunidade de servir pessoas que de outra forma seriam invisíveis para nós por causa de nosso privilégio ou do medo. G foi nosso advogado mesmo depois de formar-se e mudar para outro lugar. B mudou-se para nosso porão por um verão e tornou-

se confidente e parceira de natação de AJ. D mudou-se para Maryland após a formatura e ligou-se à igreja Trinity. Outros se casaram e permaneceram na comunidade por um tempo.

Toda essa liberalidade veio da bênção de Deus sobre meu casamento com Kent. Minha mãe e meu padrasto amam Kent. Eu amo as irmãs e os cunhados de Kent e meus sobrinhos. Alguém brincou uma vez que, em nossa família, temos doutorados e diferenças de opinião política suficientes para nos montarmos nossa pequena faculdade de humanas não reconhecida! Durante um jantar de comunhão em nossa casa, contamos com a presença da família de Kent. Um dos alunos, empolgado de ter uma sala repleta de doutores, perguntou que conselho tínhamos para ele em sua busca pelo doutorado. Rebecca, a irmã mais velha de Kent, o desafiou — e o restante de nós — a recitar nossa tese em uma sentença. Todos nós soamos idiotas, com exceção de Rebecca. Seu doutorado é em Estudos do Meio-Ambiente, e sua tese podia ser reduzida a isto: “Árvores mortas não crescem”. Bem, ela ganhou o concurso “qual é a tese em quatro notas” com extrema facilidade!

Jamais fui uma esposa experiente de pastor. Éramos plantadores de igreja, e este é um trabalho fragmentado. Mas creio, pela minha experiência limitada, que há um segredo pouco conhecido sobre a vida espiritual das mulheres de pastor: a experiência de realmente conhecer o homem por trás do púlpito, de contabilizar os gastos da semana, de descobrir de forma palpável quão profundamente Satanás deseja que o evangelho morra por falta de interesse, de ver o Espírito Santo triunfar na pregação mesmo quando uma hora atrás tudo parecia perdido. Queria que outros soubessem disso: a mulher do pastor fica com a melhor parte do ministério, mesmo quando sacrifica certos aspectos da vida pessoal, particular e familiar para obter isso. Estou descobrindo que minha vida como mulher de Kent é plena, rica, estimulante, divertida, edificante e empolgante. Tenho provado um pouco

do evangelho de Jesus Cristo. Não trocaria esta vida por nada.

Em 2007, encerramos a plantação da igreja. Estávamos realizando os cultos em Harpers Ferry, Virgínia Ocidental, na época do nosso último culto. Kent pregou para uma multidão espremida. Amigos vieram da Pensilvânia e de Maryland. Kent pregou um retumbante sermão sobre gratidão a Deus em todo o tempo, não só quando vencemos. Eu estava no fundo, lágrimas descendo dos meus olhos, quando as portas abriram e pessoas que reconheci vagamente, mas não pude identificar entraram para o culto. Uma bela família com um bebezinho de um ano aproximou-se. Eu movi Mary para um lado e a mulher pôs o outro bebê nos meus braços. “Rosaria, aqui está nosso bebê. Nós viemos adorar com você hoje”. S, a neném tirada de nós, retornou brevemente nesse dia fatídico. O pai de S era um homem alegre e jovial, com grandes mãos morenas que a aqueciam. Ele segurou Knox no colo e contou-lhe tudo sobre como Deus o utilizou para ajudar S quando ela era muito pequena. Ele disse a Knox que nós somos uma grande e única família cristã. Era hora e, sem pensar, levei Mary e S comigo à frente da igreja para conduzir o salmo 78. Kent estava lendo o livro de Êxodo. Ele estava recontando a história dos pais de Moisés colocando-o em uma cesta de juncos, deixando-o descer o Nilo, sem saber seu destino. Entreguei S para Kent, enquanto folheava o saltério, e vasculhei meu bolso em busca do afinador. Kent envolveu o bebê em seus braços, e falou: “Quem é ela?”.

Eu lhe disse e ele irrompeu em lágrimas.

5. Educação no lar e meia-idade

Purcellville, Virgínia, 2012

Nestes dias, escrevo como alguém que estava se afogando e puxa o ar. Tiro um pouco de tempo daqui e dali e, no cenário desse tempo "furtado", você encontrará filhos, amigos de filhos e um marido cujo emprego no governo e sua constante rotina de estresse e competição organizam nossos dias. Temos uma *minivan* que Kent chama de "lata de lixo ambulante". Sou conhecida por limpar essa *van* enviando Sally, minha fiel Golden Retriever, para farejar sanduíches de manteiga de amendoim, caixas de suco e bordas de pizza. Sally tem a mesma idade da minha filha mais nova; foi como ter gêmeos separados pela espécie. Sally foi domesticada com Knox, então com 3 anos, porque, no meu mundo, é para isso que o verão e os quintais servem. Meu velho e querido cão, Murphy, está enterrado no quintal, sob nosso borboletário. No ano passado, plantei 45 pés de manjericão ali; eles floresceram até uma marmota (italiana, com certeza) comer toda a safra.

Somos uma típica família clássica educada no lar. Enquanto escrevo essa sentença, três dos nossos filhos moram em casa. Meu filho de 18 anos acaba de voltar do trabalho. Matt é técnico em serviços de uma oficina de carros. Ele tentará, com vigor, mas sem sucesso, limpar a graxa das mãos, preparando-se para o Banquete Anual dos Bombeiros esta noite. Matt é bombeiro voluntário. Nossa casa fica a menos de dois quilômetros do quartel, o que significa que agora, como um dos bombeiros sênior, ele vive de serviço. Ele ama servir e cuidar das pessoas. Estuda anatomia (para o trabalho como técnico em emergências médicas), mecânica e ciência do fogo. Nós dividimos a "lata de lixo ambulante". Quando ele pegar a *van* para o banquete hoje à noite, com certeza se lembrará, sem que eu peça, de tirar as cadeirinhas das crianças e deixá-las na entrada, por via

das dúvidas. Ele é cuidadoso e alerta em relação à proteção da família.

Enquanto Matt está em cima tomando banho, Knox e Mary estão lá fora procurando sinais da primavera. Parece um pouco cedo para isso, pois uma suave neve de fevereiro ainda cai. Contudo, nesta manhã, Knox localizou o primeiro tordo macho da estação vasculhando o local em busca do lar para a família. Enquanto escrevo agora, um sinal da primavera surge em minha escrivaninha, a doze centímetros do pulso direito. A primeira larva. Ela me fará companhia por um tempo e, então, nós a devolveremos para um *habitat* mais confortável. Gostem ou não, antes de tomarmos banho para jantar, na casa dos Butterfields a Convenção de Genebra vale para todos os insetos em armadilhas e prisões.

Amamos estudar o mundo natural de Deus. Outono passado, as crianças e eu assistimos a uma fascinante palestra sobre a ecolocalização do morcego (a capacidade de "rastrear" usando sons inaudíveis). Quando Mary começou a dormir, por volta das 20h30, inclinei-me e sussurrei para Knox: "Temos de ir".

Sem acreditar, ele sussurrou de volta: "Ah, mãe, agora que está ficando tão interessante! Conheço metade das pessoas aqui. Ninguém pode me levar para casa?".

"Não, querido. Você ainda precisa de cadeirinha no carro e é jovem demais para voltar para casa às 22h30".

Estudamos ciências assistindo palestras sobre uma variedade de assuntos, como a ecolocalização do morcego e o monitoramento de anfíbios, mas também estudamos ciências da mesma forma que fazemos música: juntos (piano, violão, flauta irlandesa, panelas e frigideiras, instrumentos artesanais, etc.). Quando Mary contava dois anos, tinha de examinar seus bolsos antes de colocá-la para dormir; ela adorava colecionar lagartinhas e acumulá-las em seu bolso para protegê-las. Aos quatro anos, ela sabia examinar seus tesouros com o microscópio, o qual,

durante o verão e a primavera, habita na cozinha, ao lado da Kitchen Aid. Mary recentemente observou que, sob o microscópio, ovos de sapo são parecidos com a superfície da lua e a cera que prodigiosamente escapa dos ouvidos do nosso gato se parece com o Monte McKinley. Aos cinco, ela participou da primeira aula de monitoramento de anfíbios (três horas em sala de aula; três aulas em campo). Suas mãos gentis permitiram a ela coletar amostras de água e observar a presença de artêmias sem causar-lhes qualquer dano.

A primavera sempre é uma época traiçoeira na minha cozinha. Como muitas cozinhas que abrigam educação doméstica, a minha também serve como laboratório. Ano passado, os primeiros sinais de primavera foram três sapos americanos, trazidos por Knox até mim com grande alegria e orgulho. Ele estava coberto de lodo, e os cães o seguiram, as almofadas das patas martelando a cada passo, como esponjas liberando água turva a cada alegre salto. (Há um motivo para não termos quase nenhum carpete em nossa casa. Eu gosto de Pergo[29] — ou de qualquer superfície em que eu possa usar vinagre branco e a mangueira de jardim para lavar). Mas os sapos! Ah, um inconfundível sinal da primavera! Rapidamente cobri a panela de minestrone no fogão antes de admirar o tesouro de Knox; ainda prefiro um prato vegetariano no jantar.

Knox é mais velho, então ele gosta de estudar seus tesouros de outro jeito. Ele tem sempre pelo menos quatro guias de campo consigo. Apaixonado pela autobiografia de John Audubon,[30] em especial do trecho sobre sua pesquisa de migração. Esta é a história que Knox adora contar: quando John era um garoto da idade de Knox, tudo que ele queria fazer era estudar aves. Ele as estudou, desenhou e coletou pássaros mortos. Por meio da observação, descobriu que os pássaros migram; essa descoberta provou que Aristóteles estava errado! Aristóteles acreditava que as aves hibernam. Simplesmente

observando e registrando o que observou, John Audubon, quando garoto, provou-se melhor cientista que Aristóteles. Knox segue os passos de Audubon. Temos um acervo de seres mortos no freezer para dissecação e avaliação. Recentemente, uma desafortunada juruviara de olhos vermelhos encontrou seu improvável fim em nossa porta corrediça de vidro. Digo “improvável fim” porque as manchas de dedo e os embaçados de nariz de cachorro teriam sido uma pista para a criatura alada. Mas, migração é uma atividade rigorosa. Knox com todo o amor tentou socorrê-la. Quando isso não funcionou, ele usou o espécime para estudos. Apanhou suas ferramentas: sua balança matemática, caderno, lápis (de cor e número 2), fita métrica e cofrinho. O espécime pesava duas moedas de um centavo e duas moedas de 25 centavos. Por meio do tamanho e da cor, Knox determinou que se tratava de uma juruviara jovem. Colocou o espécime em um saco, marcou o saco com um pincel e colocou-o no freezer. Mais tarde, Kent tirou o espécime do freezer, apontou para ele e disse: “Não é um *burrito*, certo?”.

Certo.

Aprender é um negócio arriscado.

Eu tutoro uma inspiradora cooperativa de educação no lar que usa o currículo “Classical Conversations” [Conversações Clássicas]. Knox e Mary estudam latim, geografia, inglês, matemática, história, ciência e belas artes como parte do currículo CC. Eles também estudam piano, ornitologia, ioga e natação. Nossos dias estão lotados. Se o Senhor permitir, completarei 50 décadas de vida neste ano. Embora eu ame educação doméstica, ela nem sempre é agradável. Semana passada, na tropa de escoteiros de Knox, um garoto perguntou como a educação no lar é diferente da escola pública. Outro garoto respondeu: “Na escola pública, sua mãe não está berrando com você”. Verdade. Boa explicação. *Mea culpa*.

Há duas inquietações gêmeas na minha casa: o entusiasmo intelectual diário (e, às vezes, frustração) do nosso rigoroso e estimulante currículo doméstico; e a esperança de que o Senhor possa levar Kent de volta ao ministério do púlpito. Sonhamos com o retorno de Kent ao ministério do púlpito. Nova igreja, nova comunidade de educação no lar, nova casa. Os garotos dividirão um quarto? Vovô, que sempre se muda e mora conosco, continuará desligando seu aparelho auditivo como ato perpétuo de autodefesa? Que novos pássaros veremos lá? Haverá salamandras em nosso quintal? O Senhor nos usará para construir uma igreja mais uma vez? Estamos prontos? Nós nos encaixaremos — multirraciais, adotados, a história assustadora e proibida para menores da mamãe e algumas outra peculiaridades? Ainda assim, há confiança em nossa jornada, uma nervosa energia em nossa casa, uma movimentação de esperança, potencial e possibilidade. Anseio estar debaixo da pregação de Kent mais uma vez.

Em 2009, depois da entrada de Matt para nossa família aos 16 anos, meus pais mudaram-se do Arizona para Virgínia. Eles o fizeram para nos ajudar. Ouviram o estresse em nossas vozes e testemunharam a tensão em nossos corpos. Kent amava ser pastor. Quando a plantação da igreja acabou em 2007, Kent conseguiu um trabalho que exigia credenciais de segurança altamente secretas, o que, por sua vez, permitiu-lhe trabalhar em vários contratos governamentais secretos. Ele passou de “pastor-pai trabalhando em casa” para alguém equilibrando uma das ocupações mais estressante na área de Washington (D.C.). (Atualmente, o objetivo da função de Kent é “evitar outro 11 de setembro”). O dinheiro estava curto (porque os gastos foram altos) e o mercado imobiliário desabou tão drasticamente que uma de nossas quatro casas no condado estava em execução hipotecária. Meus pais, no fim dos seus 70 e 80 na época, mudaram para cá com um senso de dever, amor e compromisso. Eles arregaçaram as mangas e uniram-se a nós — em tempo integral. O mal de Alzheimer

do meu padrasto estava piorando, e ele perdeu a capacidade de ler (e, assim, de conectar-se ao mundo de sua maneira principal e preferida). Mas ele deleitava-se em escutar as crianças lendo alto e no fato de outras pessoas lerem o *New York Times* para ele. Ele tornou-se notívago, e Sally guardava a porta da frente para mantê-lo a salvo. Papu (palavra grega que significa vovô) morreu em 12 de agosto de 2011. Um dia antes de ele morrer, minha mãe e eu ouvimos Mary, com cinco anos — por meio do monitor de bebê no quarto de papu — compartilhar a promessa do evangelho, novo corpo e nova vida prometidos a ele por meio da fé em Jesus.

Minha mãe tem um papel fundamental em nosso ensino doméstico. Ela, aos 81 anos, é proficiente em latim, excelente em matemática e uma cientista por formação (tecnologista médica, por profissão). Quando cortei por acidente a ponta do meu mindinho, ao fatiar um cantalupo da feira de fazendeiros com uma faca muito afiada, minha mãe raspou algumas células epiteliais do meu pedacinho de dedo perdido para examinar em uma lâmina, chamando as crianças para o microscópio com grande empolgação. Nosso mundo está cheio de ideias, hipóteses, guias de campo, perguntas, leitura, música e amigos. Knox quer ir para Cornell e estudar ornitologia, mas sabe que precisa passar na terceira série primeiro. Ele envolve-se com atlas de aves, censos de pássaros e trabalhos com o meio ambiente. Quando o telefone toca e uma criança ficará temporariamente conosco, Knox é o primeiro a ceder o quarto e os brinquedos. Ele é um ouvinte compassivo e um dos proeminentes ornitólogos “bioacústicos” do nosso condado. Isso significa que ele consegue identificar o canto das aves mais rápido que as pessoas podem vê-las — chegando a distinguir sons de perigo dos sons cotidianos e a identificar com precisão pássaros que imitam vocalizações dos outros. Knox escuta assim todo o seu mundo. Uma vez, perguntei-lhe como ele podia distinguir os cantos dos pássaros, em especial quando as vocalizações

soam como uma orquestra completa. Ele disse: “Quando você escuta uma orquestra, não consegue dizer a diferença entre o trompete e o piano?”.

Se nos mudarmos, sentirei falta da nossa cooperativa de educação no lar, nossa vizinhança e a comunhão na igreja local. Nossa família participa dos cultos em uma Orthodox Presbyterian Church [Igreja Presbiteriana Ortodoxa] local. Somos membros da igreja Trinity em Beltsville, Maryland, mas a distância torna essa igreja inacessível para nós. Sei que este é um assunto delicado, e muitos salmodistas agarram-se ao lema do carteiro, aconteça o que acontecer, declarando que nem neve, frio, chuva, nevasca ou, no nosso caso, a viagem pela Beltway,[31] são traiçoeiros demais para serem enfrentados. Creio que uma igreja é uma comunidade de crentes, e uma comunidade serve à outra, na doença e na saúde. Ao longo dos anos, depois do fim da plantação daquela igreja, passamos a valorizar que a igreja esteja em nossa comunidade, não em nosso trajeto para o trabalho. (Sei que esse é outro assunto delicado). O pastor da igreja em que congregamos é nosso amigo. Ele é um amigo verdadeiro, o que significa que, ao longo dos anos, passamos a apreciar os pontos fortes e fracos de cada um. Verdadeiros amigos cristãos são assim. Falhamos uns com os outros e, em arrependimento e restauração, tornamo-nos mais fortes e mais humildes. É bom ter amigos assim. É confortador. Reanimador.

Embora apreciemos ter uma igreja reformada local, sentimos falta de cantar os salmos no culto público. Sem querer, entrei em uma conversa em que dois membros da igreja estavam ridicularizando as pessoas que se recusam a cantar hinos no culto. Estava ajoelhada no chão (não orando, mas retirando de debaixo das nossas cadeiras os gizes de cera, cadernos e uma boneca Barbie vestida de forma inapropriada — tudo evidência de que “os Butterfields estiveram aqui”).

Quando levantei, enfiando a Barbie imodesta de cabeça para baixo na minha bolsa, um homem de olhos gentis convidou-me para a conversa. “Rosaria, Sue me disse que existem pessoas aqui que não cantam porque os hinos são obra de homem? Talvez nosso pastor não deva pregar, afinal ele está usando palavras de homem, não as puras palavras da Bíblia! Ha, ha!”.

“Eu só canto salmos, Jack”.

“Por quê?”, ele perguntou com um sorriso zombador e sugestivo de que eu estaria a brincar com ele.

“Por causa do Princípio Regulador do Culto”, respondi.

“O Princípio do quê?”, ele perguntou.

No dia do Senhor seguinte, ele pediu desculpas com grande sinceridade. Eu o convidei para almoçar com a sincera esperança de que pudéssemos conversar sobre as diferentes maneiras que interpretamos o Princípio Regulador do Culto.

Aprecio essa congregação da OPC por muitos motivos, incluindo o fato de que posso discordar das pessoas sem ofendê-las de forma completa. Também aprecio a pregação fiel dessa igreja e sua atenção especial à adoção — como doutrina cristã e formação de família. Deus construiu a família do pastor também exclusivamente por adoção. Quando ele faz a oração pastoral, ora pelas viúvas e órfãos, como pelas grávidas na congregação. Eu havia ouvido muitas orações pastorais que efetivamente retiram meus filhos da aliança, e sou grata por adorar em uma igreja que enxerga a majestade de Deus na adoção. Nunca soube o que é gravidez. Porém, tenho visto Deus mover montanhas na vida de crianças, e usar minhas mãos e meu coração para reeducar crianças feridas e arruinadas, e esta é a missão mais poderosa em meu mundo.

Na verdade, a adoção é não apenas uma missão poderosa, mas também uma doutrina cristã central. Eu penso sobre isso todo dia. Russell D. Moore escreveu um livro chamado *Adoção: sua extrema prioridade para famílias e igrejas*

cristãs. Este é um título que, se pudesse, compraria todo o estoque e enviaria para todos os pastores que conheço. Amo de modo especial como ele enfrenta a acusação de que pais adotivos não são pais "de verdade". Tomando emprestada uma citação do livro *The Virgin Birth of Christ* [*O nascimento virginal de Cristo*], de J. Gresham Machen, Moore diz o seguinte: "Se José não é 'mesmo' o pai de Jesus, você e eu estamos indo para o inferno" (p. 96). Ele prossegue explicando:

> A identidade de Jesus como Cristo, afinal, está ligada à sua identidade como antepassado de Davi, o herdeiro legítimo do trono de Davi. Jesus nos salva como filho de Davi, descendência de Abraão, o Cristo. Essa identidade humana veio a Jesus por meio da adoção. Mateus e Lucas traçam as raízes de Jesus até Abraão e Davi, por intermédio da linhagem de José.

Isso fornece outra ilustração notável de como o real (material) nem sempre é o verdadeiro (infuso de Cristo).

Ao longo dos anos, tenho ouvido muitas mulheres melancólicas interpretarem a infertilidade como sinal de que não podem cumprir a responsabilidade entregue por Deus de conceder vida. Recentemente, uma mulher me disse: "Sonhava ter seis filhos. Quando não consegui engravidar no meu primeiro ano de casamento, sentime traída por Deus porque meu sonho está arruinado". Considero essas conversas bastante frutíferas para o redirecionamento centrado em Cristo. Deus não está destruindo os sonhos de maternidade e paternidade quando joga a carta da infertilidade. Deus pede que você destrua a idolatria da gravidez, com certeza. E, ele está dizendo: "Sonhe meus sonhos, não o seu!". Na atualidade há 7 mil crianças no Estado da Virgínia esperando adoção. Entregue a Deus seus sonhos, e assista a transformação deles em uma doutrina cristã cósmica. Meu papel como doadora de vida não está nem um pouco comprometido por minha infertilidade. Na realidade, minha capacidade de ver o mundo com olhos espirituais é aguçada por ela.

Ao longo dos anos, Kent manteve o trabalho em tempo integral como prestador de serviços ao governo e supriu o púlpito de igrejas reformadas em busca de um pastor. Ele serviu em tempo integral por sete meses como suplente no púlpito de outra congregação. Essa pequena igreja até considerou chamar Kent como pastor. Amávamos aprender e ensinar com esse pequeno corpo. Celebramos as alegrias e os privilégios de cantar os salmos e nos deleitávamos em oferecer estudos bíblicos, reuniões de oração e refeições de comunhão em nosso lar. Então, algo aconteceu. Sempre acontece. Meu testemunho é como água corroendo o ferro.

Alguém que eu valorizava como amiga, uma influente membro-fundadora da igreja, perguntou-me o que eu faria se um homossexual entrasse no nosso culto. Rapidamente partilhei meu testemunho com ela, pedindo desculpas por não ter feito isso antes. Eu lhe dei um capítulo do livro que você tem em mãos e pedi-lhe que o lesse e me dissesse o que achou dele. Uma semana depois, ela veio conversar.

Ela respirou fundo.

Seu rosto perdeu toda a cor.

Parecia que ela tinha acabado de testemunhar um crime.

Manifestando desgosto e horror, ela me disse desejar que eu não tivesse compartilhado o texto com ela. E acrescentou com brevidade: “Ah, eu estou tranquila com essa informação, mas X (outro membro-fundador de peso) jamais poderia aceitar. Você precisa contar às pessoas sobre *isso*?”. *Isso*. *O passado inominável de Rosaria*. Raabe, a prostituta. Maria Madalena. Nós amamos essas mulheres encontradas nas páginas da Bíblia, mas não queremos nos sentar com elas à mesa do Senhor — com pessoas como eu — partilhando um cálice comum. Aqui está o que realmente pega: o cálice comum — isto é, nossa origem comum em depravação. Somos justos só em Cristo e

apenas nele. Mas isso é difícil de engolir, em especial quando alguém se congratula pelas boas escolhas.

Sentia-me mal por Kent, por perder um púlpito parcialmente por minha causa. Ele não se sentia mal. Kent é assim: fiel, dedicado e um verdadeiro campeão da graça de Deus.

Às vezes, as pessoas me perguntam se acho que estou "desperdiçando a vida". É uma questão engraçada, tão bizarra que não sei o que fazer com ela. A ideia delas é a seguinte: Como tive uma ótima formação, eu não deveria estar fazendo "algo" com ela? É difícil demonstrar — a não ser que, um dia desses, você apareça na sala de aula da minha casa — que ainda sou uma profissional de coração. Minha vida toda, atualmente definida como mãe-professora na tradição cristã clássica, depende todos os dias da minha formação educacional e da disciplina e do rigor intelectual desenvolvidos na minha vida. Tenho uma vida completa na educação doméstica. Ainda leio mais de cem páginas de alguma coisa todos os dias, traduzo outro tanto (atualmente, latim), escrevo artigos, diagramo sentenças e ajudo estudantes (meus próprios filhos e outras crianças da comunidade de Conversações Clássicas). Gosto de partilhar com outros tudo o que doutores em Língua Inglesa valorizam: fluência com palavras e sua origem, a capacidade de analisar uma sentença por vez, a apreciação pela gramática de todos os campos de estudos e o compromisso destemido com grandes listas de livros.

Não muito tempo atrás, meu filho estava com um amigo após as aulas, e a conversa deles tornou-se um laboratório para mim. Meu filho foi educado no lar por durante toda a vida. Seu amigo sempre frequentou escolas públicas. Aqui vai a conversa deles:

Menino da Escola Pública: "Todas as meninas na escola, *tipo,* gostam dos meninos. É nojento!".

Menino da Educação no Lar:*"Tipo*? Não entendi".

Menino da Escola Pública:"Você sabe. *T-i-p-o*, tipo".

Menino da Educação no Lar: “Você quer dizer que 'tipo’ é substantivo *e* advérbio?”.

Eles abandonaram esse impasse para caçar minhocas, mas foi isto o que percebi. Os dois garotos estão frequentando o que costumávamos chamar de ensino primário (eles estão no segundo e terceiro anos).

Nos EUA, chamávamos isso de escolas de gramática e estes costumavam ser lugares em que as crianças memorizavam a “gramática” (ou o vocabulário fundamental) das disciplinas acadêmicas: matemática, escrita, leitura, geografia, história e ciências. Tradicionalmente, o ensino primário ensina os “instrumentos” do conhecimento (como Dorothy Sayers define no provocativo ensaio “The Lost Tools of Learning” [“As ferramentas perdidas do aprendizado”]. A gramática das escolas públicas, de acordo com a definição do amigo do meu filho, são os desejos sexuais latentes de meninos de 8 anos. A gramática da educação doméstica do meu filho é o papel desempenhado pelos elementos do discurso na construção de frases.

Na minha mente, não há dúvida de qual "gramática” quero ensinar na educação básica.

Tivemos outra situação como essa, ela também confirmou que não estou “desperdiçando” minha vida.

A adoção de Matt, em novembro de 2010, tornou-se uma grande celebração. Em famílias como a nossa, dias de adoção são partilhados com todos. Nós nos vestimos bem, fomos ao tribunal e celebramos com centenas de outras famílias transformadas pela adoção no condado de Loudoun, Virgínia. Quando entramos no tribunal, Knox, com sete anos na época, identificou uma réplica da Magna Carta na parede da sala de audiência. Ele virou para Mary, quatro anos na época, e disse: “Legal! A Magna Carta”. Juntos, eles cantaram a música sobre a história da Magna Carta aprendidas em Conversações Clássicas:

> O rei inglês João assinou a Magna Carta em 1215, limitando o poder do rei. Depois o rei Eduardo III da Inglaterra alegou ser

> rei da França e começou a Guerra dos Cem Anos em 1337 (*Classical Conversations Foundations Guide* [Guia de Fundamentos Conversações Clássicas], 3ª edição, p. 60).

Na minha frente, dois assistentes viraram-se um para o outro e sussurraram: “educados em casa”.

Essa foi uma situação interessante por uma série de razões.

A primeira: aprender por memória, retenção e recitação é normal para nós. A cada semana, meus filhos aprendem em casa uma diferente sentença mnemônica sobre história (e latim, geografia, gramática, ciência, e a linha do tempo). Achamos esse processo normal e divertido. Por exemplo, cada sentença de história conta algo sobre “quem, o que, por que, onde e quando” de importantes acontecimentos históricos. Nosso lema em educação clássica é “treinar a mente para reter”. Toda semana aprendemos a memorizar esses fatos em casa e, na sexta, nos unimos à comunidade Conversações Clássicas para um dia de aprendizado coletivo, quando meus filhos são afiados por seus tutores nesses assuntos em uma classe de oito crianças. Eles também participam de um projeto de belas artes e um projeto de ciências com um grande grupo. Como parte normal da vida, meus filhos aprendem coisas reais e vitais e, então, partilham o aprendizado com outros, para quem o nível de aprendizado é igualmente alto.

A segunda razão do reconhecimento e do posicionamento histórico da Magna Carta por parte dos meus filhos é a seguinte: eles mostraram-se guardiões da cultura. Sabiam da importância de um ícone cultural e puderam situá-lo na história. Sim, outrora eles eram órfãos. Sim, o mesmo tribunal foi usado por Deus para confirmar sua providência e colocá-los em uma família cristã pactual e perene. No entanto, mesmo com 4 e 7 anos, eles sabem que ideias têm forma, estrutura e significado. O mundo não gira em torno deles no caos de sentimentos e impressões. Eles o

memorizam. Eles o administram. Afinal, este é o mundo de Deus.

Enquanto escrevo isto, o primeiro sinal de primavera, minha amiga larva, ainda está comigo na escrivaninha. Ela parece um pouco ressequida. Borrifo um pouco de água do meu copo. Espero que ela goste da marca Perrier. Há outra experiência, contudo, de aprendizado vital, de que nossa família ainda se recupera.

Seu nome era J e ele foi uma criança acolhida após o dia de Ação de graças.

A primeira vez que ouvimos sobre J e seus outros irmãos foi em 19 de novembro de 2010, duas semanas depois da adoção de Matt ser finalizada. A ligação veio do Serviço de Proteção à Criança, tratando de um grupo de cinco irmãos, todos com necessidades especiais, encontrados sem lar no Distrito de Columbia. O serviço social queria que cuidássemos de três garotos: W (13 anos, autista e mudo, também descrito como “primitivo”); J (8, mentalmente retardado e mudo); e K (7, autista e mudo). Descobrimos que as crianças haviam sido negligenciadas, abusadas e testemunhado o assassinato de um dos irmãos perpetrado pela mãe.

Essas histórias são macabras e inexplicáveis. Apenas o ato de ouvi-las faz doer as vias respiratórias. Como alguém poderia sobreviver a isso?

Nossa casa não é grande o bastante para mais três crianças, então recusamos a oferta e oramos. Providencialmente, também recebíamos a visita de um presbítero naquela noite. (Na nossa denominação, os presbíteros visitam a casa de cada membro uma vez ao ano, para entender melhor como pastorear a congregação). Nessa noite, o pastor Steve e presbítero T oraram pelas três crianças. Durante todo o feriado de Ação de graças, meu coração estava pesaroso. Ficava pensando sobre como algumas vezes os excessos da vida impedem-nos de dizer sim aos necessitados. Como você sabe, feriados são

períodos bastante ocupados. Quando o calendário está muito cheio, ele espreme o ministério de misericórdia. É difícil encaixar os forasteiros e os desprezados. Na sexta-feira, Kent e eu dissemos um ao outro: “Se o serviço social ligar de novo, vamos tentar dizer sim para uma criança”.

A segunda ligação do serviço social veio às 16h30 da segunda-feira. Mary estava com conjuntivite e Knox tinha catarro de todas as cores, menos de limpeza, saindo pelo nariz. A assistente social estava tensa. As crianças já estavam na agência. O lar temporário que havia respondido de modo afirmativo aos três garotos decidiu que não poderia lidar com eles. A agência fecharia em 30 minutos. A pergunta era simples: Poderíamos aceitar apenas um? Imediatamente, contei a Knox e Mary o que estava acontecendo e os mandei para sala de jantar para orar. Consegui falar com Kent no celular e ele disse: “Sim, aceite uma”. Juntei-me a Knox e Mary em oração. Em meio às orações cotidianas e comuns, por festas de aniversário e bichos doentes, estava um pedido para que Deus trouxesse esse garoto cujo nome não sabíamos para nossa casa, ajudasse-o a sentir-se seguro o bastante para falar e ajudasse-o a conhecer Jesus. Escutar crianças orando é terapêutico. Elas fazem tudo parecer muito fácil: traga a criança para casa, ame-a, alimente-a, ore por ela, e faça tudo com a fé de que Deus ama órfãos e nunca pega o endereço errado. Disse a meus filhos que estava assustada. O garoto que Deus mandaria não conseguia falar. Como nós poderíamos nos comunicar com ele? Knox me deu *aquele* olhar e disse: “Mãe, as crianças falam com os olhos. Nós vamos entendê-lo”.

Tudo começa com o maior obstáculo — aprender a dizer “sim”.

Assim que Kent chegou, amontamo-nos na *van* para pegar J. O escritório já estava fechado. Encontramos a assistente social no elevador e assinamos alguns papéis. J chegou até nós com os olhos dilatados e o coração batendo

visivelmente sob sua camisa. Ele também tinha belos olhos negros e um sorriso comovente. Knox imediatamente fez J rir de alguma coisa. Na *van*, os garotos lancharam barras de cereal e riam do livro *Capyboppy*. Mas, assim que chegamos, ficou claro que J tinha medo de cães, gatos, banheiras, aspiradores de pó, da porta de entrada, da escuridão e de barulhos altos. Ele não tinha ideia do que fazer com nosso quintal: o balanço, o caminhão de brinquedo e o monte de lama (um antigo canteiro de jardim destruído pelos cães e pelas crianças) eram inescrutáveis. Minha querida vizinha Jane cuidou dos nossos cães Sally e Bella por uma semana enquanto apresentávamos J para a miríade de outros mistérios no lar dos Butterfields.

J realmente falava com os olhos, como Knox dissera. Mas ele também aprendeu a falar com palavras. Kent previu que isso aconteceria, talvez por autodefesa em nossa casa, onde o silêncio é memória antiga e onde as crianças falam até enquanto dormem!

J uniu-se ao nosso ensino doméstico na primeira manhã em nossa casa. Ele era um aluno diligente e capaz. Orgulhosamente mostrou-me que conhecia todas as suas letras, que sabia soletrar seu nome (e que o serviço social havia escrito errado seu nome em todos os documentos!), que adorava desenhar e colorir, e que amava a leitura de livros para ele. Quando Kent ligou na hora do almoço, disse: “Se J é mentalmente retardado, então eu também sou”.

Todas as crianças estavam doentes e eu estava começando a ficar doente também. Knox tomou para si o posto de leitura. J falou sua primeira palavra audível para Knox, quando Knox começou a ler o livro *My Truck is Stuck* [*Meu caminhão está empacado*].

J olhou para Knox com assombro e exclamou: “Você lê!”. Desse momento em diante, J descobriria livros por toda a casa e os traria a qualquer leitor capacitado. Ele amava livros e amava em especial que Knox lesse para ele.

J chegou a nós com sapatos dois números menores e roupas com zíperes quebrados. Minha mãe foi até o hipermercado próximo comprar escova de dente, pijamas e *nuggets* de frango para a semana. Minha vizinha Michelle apareceu à porta com *bolsas* de roupas e sapatos e uma jaqueta de inverno! J ficou emocionado! Toda manhã, ele escolhia roupas finas: calças cáqui e camisas de botão. Matt deu um relógio para J, que ele colocava todas as manhãs. Testemunhamos o quanto J queria ser limpo e vestir roupas que dessem boa aparência. O relógio de Matt no punho de J era um toque interessante. Tempo e espaço nada significavam para J. Não sei como ele teria se vestido sem as contribuições da minha mãe e de Michelle; não sei agora como o faria relaxar sem Jane ficar com os cachorros por uma semana; e não sei como J teria aprendido a falar sem todas as crianças rodeando-o com estímulos, amor e aceitação.

Logo ele passou a participar da rotina. De manhã, lições bíblicas, matemática e fonética; em seguida, almoço e exploração do quintal. O quintal guardava muitos mistérios para J: terra para escavar, triciclos para pedalar e cair, e balanços e escorregadores traziam novas sensações de falta de peso e novas coisas a aprender. Jamais havia reparado no meu quintal como um ponto de tanto mistério e intriga. A seguir, voltávamos para casa, para a aula de artes: pintura com dedo, fazer letras e números com massinha, desenhar uma cena e então escrever ou ditar uma história sobre ela. Durante as aulas de arte, J nos contou que tinha medo de cães porque foi mordido por um e por ter testemunhado uma rinha de cães, quando um cão matou outro, deixando uma carcaça desmembrada e ensanguentada.

Depois de artes, e quando Matt voltava da escola, nosso estacionamento virava uma quadra de basquete. Que vista linda! J, Knox e um bando de crianças da vizinhança, com Matt no papel de árbitro ou técnico (mesmo pegando uma criança e correndo com ela para uma enterrada na cesta),

jogando basquete no estacionamento até que fosse tarde demais para se enxergar. Depois do jantar, Kent brincava de mímica e “batalha naval” com as crianças enquanto eu ia aos banheiros preparar a hora do banho. Por todo esse tempo, J estava relaxando e aprendendo. Eu ficava hipnotizada ao observar as crianças da vizinhança brincando juntas como peças de um quebra-cabeça montado pela graça de Deus e as inconstantes orações de seus pais.

Minha amiga Martha aparecia sempre trazendo apoio e ideias. Ela foi minha mentora em muitas coisas, mas principalmente no discernimento do uso da compaixão como ponte para crianças feridas. Compaixão significa "sofrer com” e envolve entrar no sofrimento do outro a fim de mostrar a saída. Martha havia me recomendado um livro que eu estava lendo durante a semana com J. O livro se chama *The Connected Child* [*A criança conectada*].[32] Era o guia que eu precisava. Educar a criança ferida significa sempre saber que você está educando um ser humano que sobreviveu contra todas as chances. Em *The Connected Child*, o autor usa este exemplo lancinante: imagine que o filho biológico que você criou desde o nascimento lhe fosse arrancado aos quatro anos, abusado, negligenciado, deixado com fome, atormentado e, então, miraculosamente voltasse a você três anos depois. Você não iria a um parque de diversões no primeiro dia dele em casa ou lhe mandaria direto para creche e para a escola durante a primeira semana. *Compaixão*. *Sofrer com*.

Eu e J ficamos doentes quando todos ficaram melhores. Nossa rotina ficou um pouco mais calma. Quando perco a voz (como aconteceu nessa semana), as coisas ficam muito quietas. Os cães voltaram no sábado e, então, J estava falando bem o suficiente para nos contar o que tinha acontecido e escutar enquanto contávamos que os nossos cães não o machucariam. Matt passava muito tempo mostrando a J as diferentes características dos cães. “Olha as almofadas das patas dela! Sally cheira a pipoca. aqui.

Cheire”. Logo, J estava carregando Bella (nossa Shih-Tzu de 4 quilos) pela casa, alisando-a e dizendo: “Você é tão bonita”.

J amava sua hora com Kent. Ele era muito talentoso com a montagem de quebra-cabeças e até auxiliou Kent na parte mais difícil de um quebra-cabeça de 500 peças quase sem receber ajuda. Ele adorava aprender a brincar de mímica e de “batalha naval”. Kent ajudava J com a hora do banho e os assuntos do banheiro. Ele descrevia J como um gênio do quebra-cabeça e o embaixador da paz — o que ele é!

J veio até nós mudo, mas quem sabe se este não é um tipo de enigma: se a criança grita onde se encontra e ninguém ouve, como ousaríamos dizer que a criança de fato não gritou?

A assistente social de J estava lutando para encontrar uma casa que aceitasse J com seu irmão autista de sete anos. Começamos a orar para Deus levantar uma família cristã para esse querido menino. Odiávamos pensar no que aconteceria a uma criança como J no sistema de bem-estar e consideramos seriamente se poderíamos ser a família de J. Sabíamos, contudo, que não podíamos ficar com duas crianças. E se J fosse separado agora dos irmãos, isso seria uma perda tremenda para ele e para os demais. Estávamos preocupados com as crianças mais velhas aguardando adoção. Para muitas pessoas, uma criança negra com oito anos e necessidades especiais não é o filho dos sonhos. Não há chás de bebê ou MOMS Clubs[33] para pais adotivos de crianças feridas e rejeitadas. Muitas vezes, crianças acima dos quatro anos apenas são jogadas de lar temporário em lar temporário ou de lar temporário para a família biológica até que os direitos dos pais sejam anulados pelos tribunais e a criança seja considerada “velha demais" para a adoção por parte das famílias em potencial.

Sabemos que dizer “não” para uma criança que precisa de um lar é algo arriscado. Oramos. Contamos à assistente

social que apoiávamos o encontro de uma casa que pudesse manter juntos alguns dos irmãos. Contamos à assistente social que se isso não fosse possível, então oraríamos a respeito de Deus querer que adotássemos J. Deixamos o assunto nesse ponto e oramos.

Então, tivemos uma ligação telefônica. Uma família de Woodbridge queria adotar J e seu irmão de sete anos. Eles haviam adotado um grupo de irmãos com necessidades especiais antes. Queriam filhos mais jovens, mas estavam dispostos a tentar com os mais velhos. A assistente social pediu-me para informar J de que ele iria para um novo lar. E pegaria J em 30 minutos. Seria possível que eu o aprontasse até lá?

Orei. Sentei-me com as crianças e perguntei a J se ele queria ver seus irmãos. Seus olhos brilharam como eu nunca vi antes. Ele sorriu, gritou, pulou. Estava emocionado. Até Knox e Mary entenderam: foi bom que J viesse e, agora, era bom que J partisse para outra pessoa e para reencontrar o irmão. Deus nos deu paz. Fiquei especialmente feliz por Knox e Mary terem paz neste assunto. Como uma família formada por adoção e acolhimento, o fundamento da nossa vida juntos envolve a agridoce ida e partida de filhos. O ministério de misericórdia sempre se resume a isto: você pode ajudar, mas só Jesus pode curar. Essa pode ser uma dura lição para adultos, e mais dura ainda para filhos adotivos. Knox e Mary, contudo, têm experimentado essa lição desde a memória mais remota e mostraram verdadeiro discernimento e paz cristãos ao deixarem J partir. Agora, porém, eu pensava sobre a futura família de J. Seriam eles cristãos?

Arrumei as coisas de J (presentes de Michelle, Jane e minha mãe) e então me sentei para escrever uma carta para a nova mãe acolhedora de J. Comecei com a Escritura:

> Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo seu irmão em necessidade, fechar-lhe o coração, como o amor de Deus pode permanecer nele? (1Jo 3.17)

> Visto que todas as coisas criadas por Deus são boas, nada deve ser rejeitado se for recebido com ações de graças, pois são santificadas pela palavra de Deus e pela oração. (1Tm 4.4).

Partilhei em minha carta o quanto tinha orado por um lar cristão amoroso para J. Rasguei páginas do meu diário que documentavam seu progresso na minha preciosa semana com ele. Compartilhei minha agenda diária, incluí o portfólio de seu trabalho na educação doméstica, minha avaliação de suas necessidades de aprendizado e uma foto da nossa família. Incluí meu nome, endereço e número de telefone. Então, assinei e selei a carta, e orei mais uma vez.

J partiu e todos nós começamos a reorganizar a casa.

Sentíamo-nos como se estivéssemos submersos.

Knox perguntou: “Nós vamos saber o que aconteceu com J?”.

“Não sei”, respondi.

Então, o telefone tocou. Era a nova mãe de J. Ela leu minha carta e ligou de imediato para me contar que Deus havia respondido minhas orações — antes mesmo que as fizesse. Ela e seu marido são uma família cristã adepta da educação no lar. J foi reunido a seu irmão e, agora que J está falando, também há esperança para o irmão. Ao longo dos anos, os garotos desenvolveram um discurso sem palavras inventando sinais com as mãos que narravam ao outro seus aterrorizantes mundos particulares. A nova mãe de J estava descrevendo a interação dos dois e o quão significativo é J conseguir falar por si mesmo porque agora ele também pode falar pelo irmão. “Rosaria”, ela disse, “Deus abriu uma porta para esses garotos quando ensinou J a falar, e agora J pode conduzir o irmão para fora do inferno particular”.

Jesus é a Palavra encarnada. Nós — para quem ler e escrever é algo tão comum quanto poeira — vemos as palavras como algo certo. Eu não acho que, naquela semana, “ensinamos” J a falar. Sei que um ambiente de educação no lar o deixou à vontade e sei que ele se sentiu

seguro para “mostrar o que sabe” em uma ensolarada mesa de cozinha com livros, quadros de letras, giz de cera, fatias de maçã e o copo de dinossauro favorito. Acho que o que realmente aconteceu foi que Deus santificou e, então, respondeu nossas orações. Oramos para J falar, mas Deus nos ensinou a escutar um garoto assustado que só falava com os olhos e a responder-lhe. Assim, acho que quando aprendemos a escutá-lo, tornou-se seguro para J falar. Creio que essa é a síntese da vida cristã. Jesus é a Palavra encarnada, e nossa fé e nossos atos de amor encaixam-se juntos com o Senhor dos Senhores e Rei dos Reis determinando a sequência que forma o padrão de vida cheia de graça.

É hora de seguir em frente.

Essa larva deve voltar para a toca por um mês ou mais. As gotas de Perrier já não resolverão.

Mãos precisam ser lavadas, jantares servidos, chuveiros inaugurados, histórias lidas, orações compartilhadas, beijos trocados, luzes acesas e as crianças alimentadas.

Pela graça de Deus, temos recebido outro dia para servir e amar, rir e aprender, orar e refletir. A primavera está pronta para irromper a céu aberto, e estamos prontos para recebê-la.

As crianças adormeceram rapidamente esta noite.

Matt entra na garagem voltando do banquete dos bombeiros. Ele chegou cedo, como de costume.

Quando Kent e eu examinamos os detalhes do dia, o telefone toca. É a ligação que estávamos esperando. Kent foi chamado para pastorear uma igreja. O voto da congregação foi unânime. O convite deve ser aprovado por dois presbitérios antes que seja oficial e, enquanto esperamos e oramos, o fervor em nossa casa alcança um tom alegre e intenso.

---

[1] Uma forma pós-moderna de estudos gays e lésbicos. [N. do E.]

[2] Referência ao livro de Roger Kimball, *Radicais nas Universidades*: como a política corrompeu o ensino superior nos Estados Unidos da América (São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2010), 280p. [N. do T.]

[3] *Promise Keepers* é um ministério cristão com foco na família que realiza conferências a fim de discipular e evangelizar homens. [N. do T.]

[4] Técnica de cozinha (*stir* = mexer, *fry* = fritar) bastante comum no Sudeste Asiático e na China, usando o *wok* (um panelão chinês) e vários ingredientes frescos, todos fritos em um pouco de óleo. [N. do T.]

[5] Cordilheira encontrada no estado de Nova York. Algumas de suas cerca de quarenta montanhas chegam a mais de 1500 metros de altitude. [N. do R.]

[6] Loja de peças e pneus para veículos automobilísticos em geral. [N. do T.]

[7] Seriado de humor produzido pela CBS. No Brasil, não ganhou um título em português. [N. do T.]

[8] A fonte em inglês provém de *The Catholic Encyclopedia*, p. 14. A versão portuguesa pode ser encontrada aqui: «http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c3_142-184_po.html#CREDO». [N. do R.]

[9] *Proverbs: A Geneva Series Commentary* Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1846, 1998, p. 33.

[10] Referência ao livro de Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death*. [N. do T.]

[11] Ao longo dos anos, meu marido Kent tem me proporcionado uma apreciação mais profunda dessa passagem e de seu papel essencial para entendermos a natureza social e a raiz emocional do pecado sexual. Estou em débito para com sua sensibilidade a respeito disto; minha cura continua a ser construída enquanto bebo profundamente das radicais implicações da sexualidade bíblica, e enquanto o arrependimento é gradualmente removido de mim de dentro para fora.

[12] National Collegiate Athletic Association [Associação Atlética Universitária Nacional] é a entidade máxima do esporte universitário dos Estados Unidos. Este quadrangular final, ou Final Four, refere-se ao campeonato de basquete universitário, bastante popular nos EUA. [N. do T.]

[13] Fred Rogers, ou Mr. Rogers, foi um pedagogo e artista norte-americano, ministro de uma denominação presbiteriana, que se notabilizou como apresentador televisivo, autor de letras para canções educativas e apresentador de programas televisivos infanto-juvenis. [N. do T.]

[14] São Paulo: Editora Vida, 2003, 294p. A indicação de página segue o original inglês. [N. do R.]

[15] A distância entre Kansas e Syracuse é de pouco mais de 1600 quilômetros (em linha reta). [N. do R.]

[16] A sigla inglesa DSM-IV diz respeito à quarta edição de *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, o manual publicado pela American Psychiatric Association [Associação Psiquiátrica Americana] (APA) e que inclui todas as desordens mentais reconhecidas em caráter oficial nos EUA. [N. do R.]

[17] Língua não indo-europeia falada na Índia, no norte de Madras, pelo povo télugo. [N. do R.]

[18] Companhia especializada em telecomunicações. [N. do T.]

[19] São Paulo: Vida Acadêmica, 2005, 663p. [N. do R.]

[20] Em inglês, respectivamente, genre e gender. [N. do T.]

[21] Principal associação dos EUA para acadêmicos e estudiosos de línguas e literatura. [N. do T.]

[22] Suwanee: Great Commission Publications, 1985, 132p. [N. do R.]

[23] Neste serviço de mudanças, o cliente aluga um caminhão, um trailer ou outro veículo e ele mesmo é responsável por sua mudança. [N. do T.]

[24] Empresa americana campeã de vendas no atacado e a quinta maior rede de vendas a varejo do país. [N. do R.]

[25] Sopa italiana de massa e feijões. É uma receita típica de quem não dispõe de muitos recursos, mas bem nutritiva. Ela consiste basicamente em feijões, massa e temperos cozidos em caldo de carne. [N. do R.]

[26] Famosa e tradicional marca de batedeiras e outros aparelhos e utensílios de cozinha. [N. do T.]

[27] Entidades de apoio a gestantes que oferecem tratamento e aconselhamento para que a futura mãe não aborte. [N. do T.]

[28] Pollyanna, personagem fictícia do romance de mesmo nome, escrito por Eleanor H. Porter em 1913, considerado um clássico da literatura infantil. “Pollyanna” também passou para o linguajar popular com o significado de uma pessoa considerada exageradamente otimista e incapaz de enxergar a realidade. [N. do R.]

[29] Marca de pisos. [N. do T.]

[30] Naturalista americano de origem francesa, especializado na ilustração científica de aves. [N. do T.]

[31] Famoso anel viário em torno da região de Washington (D.C.). [N. do T.]
[32] New York: McGraw-Hill, 2007.
[33] Grupo de apoio solidário de mães para outras mães. [N. do T.]